



HOMILÉTICA E TEOLOGIA PASTORAL

C. H. SPURGEON



PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS

Caixa Postal 1287

01059-970 – São Paulo – SP

www.editorapes.com.br

Título original:

Lectures To My Students

Tradução do inglês:

Odayr Olivetti

Revisão:

A. Poccinelli

Primeira edição em português:

1983

Reimpressões:

1990, 2004

Cooperador:

Luís Christianini

Capa:

Ailton Oliveira Lopes

Gráfica:

Imprensa da Fé

Índice

1. O Emprego de Ilustrações na Pregação	7
2. Historietas e Anedotas no Púlpito	27
3. Empregos de Anedotas e Ilustrações	53
4. Onde Podemos Achar Anedotas e Ilustrações?	83
5. As Ciências como Fontes de Ilustrações	105

1

O Emprego de Ilustrações na Pregação

O tópico que temos diante de nós é o uso de ilustrações em nossos sermões. Talvez sirvamos melhor ao nosso propósito elaborando uma ilustração na presente palestra, pois não há melhor maneira de ensinar a arte cerâmica do que fazendo um vaso. Diz o excêntrico Thomas Fuller: “Os argumentos são as colunas da fábrica de um sermão, mas as analogias são as janelas que dão as melhores luzes”. A comparação é feliz e sugestiva, e vamos construir o nosso discurso sob a sua direção.

A principal razão para a construção de janelas numa casa é, como diz Fuller, *deixar a luz entrar*. As parábolas, os símiles e as metáforas produzem esse efeito; daí, nós os empregamos para *ilustrar* a nossa matéria-prima, ou, noutras palavras, para “*dar-lhe o brilho da luz*”, pois essa é a tradução literal que o Dr. Johnson faz da palavra *ilustrar*. Muitas vezes, quando o discurso didático não consegue esclarecer os nossos ouvintes, podemos fazê-los ver o que queremos dizer abrindo uma janela e deixando entrar a agradável luz da analogia.

O nosso Salvador, que é a luz do mundo, tinha o cuidado de encher de comparações os Seus discursos, de modo que o povo comum O ouvia alegremente. O Seu exemplo sela com autoridade de alto nível a prática de iluminar a instrução celestial com analogias e comparações. A todo pregoeiro da justiça, como a Noé, a sabedoria dá a ordem: “Farás na arca uma janela”. Você pode compor laboriosas definições e explicações, e, contudo, deixar os seus ouvintes na escuridão, quanto ao que está querendo dizer. Mas uma metáfora bem apropriada esclarecerá maravilhosamente o sentido. As gravuras de *The*

Illustrated London News (Notícias Ilustradas de Londres) dão-nos muito melhor idéia do cenário que representam do que nos poderia transmitir o descritivo do melhor texto impresso. E é muito parecido o que se dá com o ensino escriturístico. A verdade abstrata se nos apresenta muito mais vividamente quando nos é dado um exemplo concreto, ou quando se veste a doutrina com linguagem figurada. Deve haver, se possível, pelo menos uma boa metáfora na mais curta alocação; como viu Ezequiel, na visão que teve do templo, que mesmo para as pequenas câmaras havia janelas proporcionais ao seu tamanho. Se formos fiéis ao espírito do evangelho, lutaremos para esclarecer as coisas. O nosso alvo é sermos simples e compreendidos pelos nossos ouvintes mais iletrados. Tratemos, pois, de expor muita metáfora e parábola ao povo. Escreveu sabiamente quem disse: “O mundo de baixo é um espelho em que posso ver o mundo de cima. As obras de Deus são o calendário do pastor e o alfabeto do lavrador”. Nada tendo para esconder, não temos nenhum interesse em ser obscuros. Lycophron declarou que se enforcaria numa árvore se encontrasse uma pessoa que pudesse entender o seu poema intitulado: “A Profecia de Cassandra”. Felizmente não surgiu ninguém que o levasse àquele mau uso de um tronco. Cremos que poderíamos encontrar colegas de ministério em condições de se submeterem ao mesmo risco, com relação aos seus sermões. Também temos entre nós aqueles que são como Heráclito, que era chamado “Doutor Obscuro” porque a sua linguagem estava além de toda compreensão. Certos discursos místicos são tão densos que, se se deixasse penetrar luz neles, extinguir-se-ia como uma tocha na *Grotta del Cane* (Gruta do Cão, na Itália); são feitos do palpavelmente obscuro e do inexplicavelmente embrulhado, e se pode abandonar toda a esperança de compreendê-los. Esse estilo de oratória não cultivamos. Somos da mesma opinião de Joshua Shute, que dizia: “Possui a máxima instrução o sermão que tem maior clareza. Por isso um grande erudito costumava dizer: “Senhor,

dá-me bastante instrução para que eu possa pregar com bastante clareza”.

As janelas tornam uma habitação muito mais aprazível e amena, e assim *as ilustrações tornam um sermão agradável e interessante*. Um edifício sem janelas seria uma prisão, e não uma casa, pois seria completamente escura, e ninguém se interessaria em alugá-lo. Do mesmo modo, discurso sem metáfora é insípido e fastidioso, e envolve mortificante enfado da carne. O pregador de Eclesiastes, de Salomão, “procurou achar palavras agradáveis”, ou, como diz o hebraico, “palavras de deleite”. Certamente as figuras e comparações são deleitáveis aos nossos ouvintes. Não lhes neguemos o sal da parábola com a carne da doutrina. As nossas igrejas nos ouvem com prazer quando lhes damos uma boa porção de figuras de linguagem. Quando lhes está sendo contada uma historieta, elas descansam, tomam fôlego, e dão asas à sua imaginação, e assim se preparam para o trabalho mais duro que as espera, quando ouvirão as nossas exposições mais profundas. Viajando num vagão de terceira classe há alguns anos pelos condados do leste, ficamos muito tempo sem iluminação. Quando um viajante acendeu uma lanterna, foi agradável ver como todos os olhares se voltaram para aquele lado, e como se alegraram com a luz. Muitas vezes é este o efeito de um símile pertinente no meio de um sermão; lança luz sobre a matéria toda, e alegra todos os corações.

Até as criancinhas abrem os olhos e os ouvidos, e um sorriso ilumina os seus rostos quando contamos uma história; pois elas também se alegram com a luz que invade através das nossas janelas. Ousamos dizer que elas muitas vezes gostariam que o sermão fosse todo de ilustrações, como um menino gostaria de ter um bolo feito só de ameixas. Mas isto não é possível. Existe um feliz termo médio, e devemos apegar-nos a ele, fazendo o nosso discurso agradável aos ouvidos, não porém um mero passatempo. Nenhuma razão existe pela qual a pregação do evangelho deva ser uma operação maçante, quer

para o orador, quer para o ouvinte. Que os nossos sermões sejam todos agradavelmente proveitosos. Uma casa não deve ter paredes grossas, sem aberturas; tampouco um discurso deve ser todo feito de sólidos blocos de doutrina, sem uma janela sequer de comparação ou sem uma rótula de poesia. Se for assim, os nossos ouvintes nos abandonarão paulatinamente, e preferirão ficar em casa para ler os seus autores favoritos, cujos tropos vigorosos e vívidas imagens dão mais prazer às suas mentes.

Todo arquiteto lhe dirá que vê em suas janelas *uma oportunidade para introduzir um ornamento em seu projeto*. Um grande prédio pode ser maciço, mas não pode ser agradável se não estiver guarnecido de janelas e outros pormenores. O palácio dos papas em Avinhão é uma estrutura imensa, mas são tão escassas as janelas externas, que ele tem todos os aspectos de uma prisão colossal, e não sugere nada daquilo que um palácio deve ser. Os sermões precisam ter intermitências planejadas, e serem variados, decorados e revestidos de vigor. E nada pode fazer isso tão bem como a introdução de tipos, emblemas e exemplos. Naturalmente, ornamento não é o ponto principal a considerar; entretanto, muitas pequeninas coisas excelentes compõem a perfeição, e o ornamento é uma dessas muitas coisas, e, portanto, não deve ser passado por alto. Quando a sabedoria edificou a sua casa, talhou as suas sete colunas, pela glória e pela beleza, como também para suporte da estrutura. E iremos pensar que qualquer cabana rústica é suficientemente boa para que nela habite a beleza da santidade? Certamente um discurso gracioso não fica nada melhor se for privado de toda graça da linguagem. Ornamentos exagerados reprovamos, mas uma beleza de linguagem apropriada, cultivamos. A verdade é filha de rei, e as suas vestes devem ser de ouro lavrado; sua casa é um palácio, e deve ser adornada com “janelas de ágata e portas de granada”.

As ilustrações tendem a animar os ouvintes e a despertar a atenção. As janelas, quando se abrem – que muitas vezes,

infelizmente, não é o que se dá em nossos locais de culto – são grande bênção, refrescando e revigorando o auditório com um pouco de ar puro, e acordando os pobres mortais quase adormecidos pela atmosfera estagnante. Uma janela, ou, como se dizia antigamente, uma ventana, deve ser, de acordo com este seu nome, uma passagem para o vento, pela qual um sopro de ar pode vivificar o auditório. Assim, uma figura original, uma nobre imagem, uma comparação curiosa, uma deliciosa alegoria, hão de fazer irromper sobre os nossos ouvintes a brisa de um pensamento feliz, que passará sobre eles como um sopro vivificante, despertando-os da sua apatia, e avivando as suas faculdades para receberem a verdade. Os que estão acostumados com os sermões soporíficos de certos dignos clérigos, ficariam grandemente maravilhados se pudessem ver o entusiasmo e o vivo deleite com que o povo das igrejas ouve prédicas pelas quais flui uma tranqüila torrente de ilustrações naturais e felizes. Áridos como um deserto são muitos volumes de discursos que podem ser achados nas estantes empoeiradas dos livreiros. Mas, se no transcurso de mil parágrafos eles contêm um único símile, é como um oásis no Saara, e serve para manter viva a alma do leitor. Ao modelar o seu discurso, pense pouco no cupim de livros, que estará seguro da sua porção de carne, por seca que seja a sua doutrina, mas tenha pena daqueles seres famintos que estão bem perto de você e que têm que achar vida por meio do seu sermão, ou nunca mais a acharão. Se alguns dos seus ouvintes ficarem dormindo, necessariamente vão despertar na perdição eterna, pois não ouvem outra voz que os ajude.

Conquanto recomendemos desse modo as ilustrações para os usos necessários, é preciso lembrar que elas não constituem o ponto forte do sermão, não mais que a janela é o ponto forte da casa. Por esta razão, entre outras, *não devem ser muito numerosas*. Aberturas para iluminação em demasia podem diminuir a estabilidade de um edifício. Conhecemos sermões tão cheios de metáforas, que se tornaram estruturas fracas, e

quase dissemos *doidas*. Os sermões não devem ser ramalhetes de flores, mas feixes de trigo. Sermões muito bonitos geralmente são muito inúteis. Visar à elegância é cortejar o fracasso. É possível ter-se em demasia uma coisa boa. Uma casa de vidro não é a mais confortável das habitações, e, além de outras qualidades inconvenientes, tem o grande defeito de ser tristemente tentadora para os atiradores de pedras. Quando um adversário crítico ataca as nossas metáforas, geralmente faz pouco delas. Para as mentes amigas as imagens são argumentos, mas para os oponentes são oportunidades para ataque. O inimigo sobe pela janela.

As comparações são espadas de dois gumes, que cortam dos dois lados. E freqüentemente o que parece uma aguda e expressiva ilustração, pode ser engenhosamente voltado contra você, provocando riso às suas custas. Portanto, não se fie em suas metáforas e parábolas. Mesmo um homem de segunda categoria poderá defender-se de uma mente superior, se conseguir voltar com destreza a arma do atacante contra ele. Eis um exemplo que se relaciona comigo, e por essa razão o dou, visto que estas preleções são autobiográficas de fio a pavio. Dou um recorte de um dos nossos jornais religiosos: “O Sr. Beecher foi pego habilmente em falso em *The Sword and the Trowel* (A Espada e a Pá). Em suas *Lectures on Preaching* (Preleções sobre a Pregação), afirma que o Sr. Spurgeon teve sucesso, “a despeito do seu calvinismo”, acrescentando a observação de que “o camelo não viaja nem um pouco melhor, nem tampouco é mais útil, por causa da giba em seu lombo”. A ilustração não é feliz, pois o Sr. Spurgeon replica desta maneira: “Os naturalistas afirmam que a giba do camelo é de grande importância aos olhos dos árabes, que julgam a condição dos seus animais pelo tamanho, forma e firmeza das suas gibas. O camelo se alimenta da sua giba quando atravessa o deserto, de modo que, à proporção que o animal viaja pelas vastidões arenosas, e padece privação e fadiga, a massa diminui; e não se prestará para uma longa jornada, enquanto a giba

não recuperar as suas proporções normais. O calvinismo, pois, é a carne espiritual que capacita o homem a prosseguir em seus labores nas veredas do serviço cristão; e, embora ridicularizado como uma giba por aqueles que são apenas espectadores, os que percorrem os cansativos caminhos da experiência prática na solidão do ermo sabem bem demais qual é o seu valor, para quererem desfazer-se dele, ainda que se dessem em troca os esplêndidos talentos de Beecher”.

Ilustrem, sim, mas não deixem que o sermão seja todo ele ilustrações, caso em que só será próprio para uma assembléia de simplórios. Um livro se beneficia pelas gravuras da ilustração, mas um álbum de recortes, que é todo composto de figuras, normalmente se destina ao uso de crianças. A nossa casa deve ser construída com a substancial alvenaria da doutrina, sobre os profundos alicerces da inspiração. As suas colunas devem ser de sólido argumento escriturístico, e cada pedra da verdade deve ser cuidadosamente colocada em seu lugar. E depois as janelas devem ser dispostas na ordem devida; “três fileiras”, se quisermos; “luz contra luz”, como a casa da floresta do Líbano. Mas não se constrói uma casa por amor de suas janelas, nem se estrutura um sermão com o objetivo de adaptá-lo a um apólogo favorito. Uma janela é simplesmente uma conveniência subordinada a todo o projeto, e assim é a melhor ilustração. Seremos deveras tolos se compusermos um discurso com o fim de ostentar uma metáfora; tolos como o arquiteto que constrísse uma catedral com o objetivo de exibir um vitral colorido. Não somos enviados ao mundo para construir um “Palácio de Cristal” no qual expor obras de arte e elegância da moda. No entanto, como sábios arquitetos, devemos edificar casa espiritual para o morador divino. O nosso edifício é planejado para durar, e é para ser usado diariamente. Daí, não deve ser todo cristal e cor. Perdemos completamente o rumo, como ministros do evangelho, se visamos brilho e gala.

É impossível estabelecer regra sobre quanto adorno se

deve usar em cada discurso. Cada qual deve julgar por si mesmo nesta questão. Não se pode definir prontamente o bom gosto no vestir, mas toda gente sabe o que é; e há um gosto literário e espiritual que se deve mostrar na medida certa dos tropos e figuras em todo discurso público. “Ne quid nimis” (nada de exagero) e boa cautela; não ser demasiado ávido de guarnecer e enfeitar. Alguns parecem nunca ter metáforas que bastem; cada uma das suas frases tem que ser um floreio. Percorrem terra e mar para encontrar uma nova peça de vidro colorido para as suas janelas, e esburacam as paredes dos seus discursos para encaixar ali ornamentos supérfluos, até suas produções parecerem mais uma gruta fantástica do que uma casa habitável. Incorrem em grave erro, se pensam que assim manifestam sabedoria, ou beneficiam a seus ouvintes. Eu quase que gostaria que voltasse o imposto de janelas, se isto desse fim a esses poéticos irmãos. A lei, creio eu, permitia oito janelas isentas de imposto, e nós também poderíamos isentar da crítica “umas poucas, isto é, oito” metáforas. Mais que isso, porém, deveriam pagar pesado tributo. Flores numa mesa de banquete ficam muito bem; mas como ninguém pode viver de buquês, estes virão a ser objeto de desprezo, se forem postos diante de nós em lugar de substanciosas viandas. A diferença entre um pouco de sal na carne, e ser compelido a esvaziar o saleiro, é bastante clara para todos; e poderíamos desejar que os que despejam muitos símbolos, emblemas, figuras, e artifícios se lembrassem de que a náusea na oratória não é mais agradável do que na comida. O satisfatório é bom, igual uma festa; demasiadas coisas lindas podem ser um mal maior do que nenhuma coisa.

É fato sugestivo que a tendência para usar abundantes metáforas e ilustrações diminui, conforme os homens ficam mais velhos e mais sábios. Talvez isto se possa atribuir, em certa medida, a decadência da imaginação deles; mas também ocorre ao mesmo tempo em que amadurecem na compreensão. Alguns podem ter que usar menos figuras por necessidade,

porque elas não lhes vêm como anteriormente. Mas, nem sempre é este o caso. Sei que homens que ainda possuem grande facilidade para a imaginação acham menos necessário empregar essa faculdade agora do que em seus primeiros tempos, pois eles têm os ouvidos do povo, e estão solenemente resolvidos a encher aqueles ouvidos de instrução tão condensada como lhes seja possível fazê-lo.

Quando começamos o trabalho com pessoas que não ouviram o evangelho, e cuja atenção temos que conquistar, dificilmente exageraremos no uso de figuras ou metáforas. O nosso Senhor Jesus Cristo freqüentemente usou-as. Na verdade, “sem parábolas nunca lhes falava”. Isso porque os Seus ouvintes não estavam instruídos a ponto de poderem ouvir a verdade didática com proveito. É notável que, depois que foi dado o Espírito Santo, foram usadas menos parábolas, e os santos receberam ensino mais direto de Deus. Quando Paulo falava ou escrevia às igrejas em suas Epístolas, empregava poucas parábolas, porque se dirigia aos que eram adiantados na graça e queriam aprender. Conforme as mentes cristãs progrediam, o estilo dos seus mestres tornava-se menos figurado, e mais objetivamente doutrinário. Raramente vemos gravuras nos clássicos usados nos cursos superiores; elas estão reservadas para as cartilhas da escola primária. Isso deve ensinar-nos sabedoria, e deve ensinar-nos que não estamos obrigados a nenhuma regra rígida e estreita, mas devemos usar maior ou menor porção de quaisquer métodos de ensino, de acordo com a nossa condição pessoal e a dos nossos ouvintes.

As ilustrações devem realmente lançar luz sobre o assunto em mãos, ou, de outra forma, são janelas falsas, e tudo que é falso é abominável. Quando ainda estava vigente o imposto de janelas, muita gente nas casas rurais fechou a metade das suas entradas de luz rebocando-as e, depois, pintando-lhes o reboco de modo que parecessem vidraças. Dessa forma, ainda havia a aparência de janela, apesar de não poder passar a luz do sol. Janelas cegas são emblemas próprios de ilustrações que não ilustram

nada, e que precisam ser explicadas. A grandiloquência nunca é mais característica do que nas suas figuras. Nestas ela se diverte num verdadeiro carnaval de linguagem bombástica. Poderíamos citar vários finos espécimes de sublimes e amplos vãos, e de magníficos absurdos, mas somente um já poderá bastar como exemplo propício de uma forma de exibição que é mais comum além das águas do que nestas regiões anti-quadas. Não mencionaremos o nome do autor, mas damos o extrato ao pé da letra, retirado de um sermão sobre “O morrer é ganho”. Que os jovens pregadores meditem e admirem, mas não o imitem. Damos a passagem completa por amor do *pássaro fragata* e da *escadaria de jaspe, pórfiro e granito*.

“Há uma ave que os marinheiros chamam de “pássaro fragata”, de hábitos estranhos e de estranho poder. Os homens o vêem em todas as regiões, mas nunca olhos humanos o viram perto de terra. Com asas de poderoso alcance, mantendo-se em grandes altitudes, plana altaneiro. Os homens do extremo norte o vêem à meia-noite avançando em meio às chamas aurorais, cortando os ares com as asas firmes, cruzando aquelas labaredas terríveis, tomando as cores das ondas de luz que se inflam e se alteiam em torno dele. Os homens dos trópicos o vêem no mais ardente meio-dia, sua plumagem toda encarnada pelos violentos raios solares que o golpeiam inócuos. Em meio a seu fervente ardor, ele mantém o seu vôo, majestoso, incansável. Nunca se soube que tenha baixado o seu alto e soberbo curso de vôo – nem mesmo que tenha se desviado dele. Para muitos ele é um mito; para todos, um mistério. Onde fica o seu poleiro? (*Isto é de fato fino. Acrescentemos, “Quem porá sal em sua cauda?”*) Onde repousa? Onde foi incubado? Ninguém sabe. Sabe-se somente que acima das nuvens, acima do alcance das tempestades, acima do tumulto das correntes cruzadas, esta ave do céu (chamemos-lhe assim), mediante asas fortes que a sustentam e que desdenham bater o ar em que descansam, move-se com grandiosidade. (*Grande idéia! O rapinante voa sem mover as asas, desdenhando bater o ar, como*

bem que podia fazer, pois bate a criação inteira.) Assim há de ser a minha esperança. Num ou noutro pólo da vida, acima das nuvens da tristeza, em níveis superiores às tempestades que me golpeiam, com asas altivas e infatigáveis, desprezando a terra, ela irá avante. Nunca se rebaixará, nunca se desviará do seu sublime curso de vôo. Vê-la-ão na manhã da minha vida; vê-la-ão no calor do meio-dia; como também quando as sombras caírem, tendo-se posto o meu sol, para empregar o estilo de linguagem que lhe corresponde; mas, empregando o meu, quando desaparecerem as sombras, tendo-se levantado o meu sol, a última coisa que verão de mim será esta esperança de ganho ao morrer, quando ela cortará os ares com asas firmes e desaparecerá no seio da eterna luz.

“Creio, amigos, que nenhuma exortação que eu faça os elevará a este pedestal de granito talhado, sobre o qual é dado à monumental piedade ficar. *(Perfeitamente certo; uma exortação não consegue elevar muito bem um corpo a um pedestal. Requer-se uma perna ou um braço para isso. Mas, que é monumental piedade?)* Somente pela análise, pela meditação, pelo pensamento que nas horas da noite pondera nas majestosas declarações das Escrituras, e junto da gelosia aberta – ou, melhor ainda, sob a grande abóbada – prostra-se em oração, e mantém comunhão com as possibilidades que jazem além desta vida, como tronos vazios à espera de ocupantes. Somente dessa maneira, e de outras sugeridas pelo Espírito às mentes aptas para recebê-las, você ou qualquer outra pessoa se elevará ao nível da emoção que ditou o texto. Onde está Paulo hoje? Onde está ele que, de sua prisão em Roma, enviou este pronunciamento imortal? Haveria algum de nós que tenha comprovado a afirmação de que morrer é ganho? Nenhum. *(Pergunta muito perspicaz! Quem dentre nós esteve morto?)* Sabemos que ele passeia na glória. Ele anda pelos majestosos espaços onde nem mesmo a Deidade passa apertado. *(Eloqüente ou blasfemo?)* Depois de todas as suas lutas, entrou no repouso. Contudo, que recebeu ele que não nos está reservado? Que possui ele

que não lhe tenha vindo de presente? E não seria o Deus dele o meu e o seu? Teria o Pai celestial mão parcial para distribuir alimento? Faria Ele discriminação, e viria a fazer acepção de pessoas, mesmo à Sua mesa? Uma pessoa piedosa nunca deve dar lugar em sua mente à temível suspeita disso. O nosso Pai alimenta por igual a Seus filhos, e as vestes que estes usam são confeccionadas de tecidos reais, sim, da Sua justiça. Brilham como sóis postos em conjunção pela ação de um movimento sublime. Levantai-vos, pois, meus amigos, povo do Seu amor; levantai-vos e subi comigo a enorme escadaria cujos degraus mudam de granito para pórfiro, e de pórfiro para jaspe, enquanto subimos, até que os nossos pés, puros como ela própria, pisem no mar de cristal que se estende com inconsútil pureza diante do trono.” (*Escadas acima, para o mar! E também três pares de escadas! Sublime idéia, ou, pelo menos, a um passo dela.*)

Esta peça de oratória de elevada procedência espalha luz sobre coisa nenhuma, e nem no mais tênue grau nos capacita a compreendermos a razão por que “morrer é ganho”. O objetivo de uma linguagem desta espécie não é instruir o ouvinte, mas fasciná-lo e, se possível, impressioná-lo com a idéia de que o seu pastor é um orador maravilhoso. Quem condescende em usar ardis oratórios de qualquer tipo merece ser excluído do púlpito até o fim da sua existência natural. Oxalá as suas figuras de linguagem realmente representem e expliquem o que você quer dizer, ou, em caso contrário, são ídolos mudos, que não devem ser instalados na casa do Senhor.

Talvez seja bom notar que as *ilustrações não devem ser proeminentes demais*, ou, para continuar a nossa figura, não devem ser janelas pintadas, atraindo a atenção para si, em vez de deixar entrar a claridade do dia. Não estou pronunciando nenhum julgamento contra janelas adornadas com “vidro de várias cores, que esplendem como prados cobertos de flores da primavera”; só estou seguindo a minha ilustração. O propósito das nossas figuras não é tanto que sejam vistas,

como que se veja através delas. Se você afastar a mente do ouvinte para longe do assunto estimulando-lhe a admiração por sua habilidade em criar imagens, você estará fazendo mais mal que bem. Vi numa de nossas exposições o retrato de um rei; mas o artista rodeara sua majestade com um caramanchão de flores pintadas com tão excelente arte, que os olhos de todos eram desviados da figura real. Todos os recursos artísticos do pintor foram empregados profusamente nos acessórios, e o resultado foi que o retrato, que fora a coisa mais valiosa, veio a cair para um lugar secundário. Isso por certo foi um erro na pintura de retratos, embora pudesse ser um sucesso na arte. Temos que expor Cristo diante dos homens “como crucificado” entre eles, e o mais belo emblema, ou a mais atraente imagem que afaste a mente do nosso divino tema, deve ser conscientemente abjurada. Jesus tem que ser tudo em todas as coisas. O Seu evangelho deve ser o princípio e o fim dos nossos discursos. As parábolas e as poesias devem estar sob os pés dEle, e a eloquência deve esperar por Ele, como Sua serva. Nunca, em nenhuma situação possível, o discurso do ministro deve fazer-se rival do seu assunto. Isso seria desonrar a Cristo, não glorificá-LO. Daí a cautela, para que as ilustrações não assumam demasiada notoriedade.

Dessa última observação nos vem mais a anotação de que *as ilustrações são melhores quando naturais, e promanam do assunto abordado*. Devem ser como aquelas janelas colocadas em boa disposição, evidentemente como parte integrante da planta da estrutura, e não inseridas como uma idéia tardia ou para simples adorno. A catedral de Milão inspira à minha mente extrema admiração; parece-me sempre como se tivesse crescido da terra como uma árvore colossal, ou então, como uma floresta de mármore. Desde a base até o mais alto pináculo, cada pormenor é um resultado natural, parte de um todo bem desenvolvido. essencial à idéia principal; na verdade, parte integrante dela. Assim deve ser o sermão. O exórdio, as divisões, os argumentos, os apelos e as metáforas devem

evolver dele próprio. Não deve haver nada que não esteja em vívida relação com o restante. Deve parecer como se nada se possa acrescentar sem ser uma excrescência, e nada se possa tirar sem infligir dano.

É preciso que haja flores num sermão, mas o ramalhete delas deve ser formado de flores do solo local; não de plantas exóticas elegantes, evidentemente importadas com muito esmero de uma terra distante, mas a produção natural de uma vida nativa do terreno santo em que o pregador está. As figuras de linguagem devem ser congruentes com a matéria do discurso. Uma rosa num carvalho estaria fora de lugar. Nascer um lírio de um álamo seria anômalo. Todas as partes devem ser da mesma natureza, e ter manifesta relação com o restante. Ocasionalmente se pode permitir um pouco de esplendor bárbaro, à moda de Thomas Adams e de Jeremiah Taylor, bem como de outros mestres de Israel, que adornam a verdade com gemas raras e ouro de Ofir, trazidos de longe. Todavia, devemos notar o que o Dr. Hamilton diz de Taylor, pois é uma advertência aos que têm o propósito de conquistar o ouvido da multidão. “Pensamentos, epítetos, incidentes, imagens vinham num tropel, em irreprimível profusão, e todos tão pertinentes e belos, que era difícil repudiar qualquer um deles. Assim, ele tentava achar lugar e uso para todos eles – para “flores e asas de borboletas”, como também para “trigo” – e, se não conseguia fabricar elos da sua cadeia lógica usando “os pequenos anéis da videira” e “os caracóis dos cabelos de um menino recém-desmamado”, pelo menos conseguia ornamentar o seu tema com primorosos ornamentos. As passagens dos seus amados Austin e Crisóstomo, e dos seus não menos amados Sêneca e Plutarco, o estudioso sabe perdoar. O esquilo não é mais tentado a levar nozes para o seu esconderijo do que o autor livresco é tentado a transferir para as suas páginas finas passagens dos seus autores prediletos. Ah, ele mal sabe quão sem graça e sem sentido são elas para os que não percorreram os mesmos caminhos, e não compartilharam do prazer com

que ele achou grandiosa presa! Para ele, cada delicada concha evoca o seu outonal conto de bosques, de alamedas, de raios do sol espalhando-se através das folhas amarelecidas. Mas à fina coleção “o público em geral” prefere muitíssimo, meio quilo de avelãs do carrinho do vendedor ambulante.” Nenhuma ilustração é tão expressiva como aquela que se tira de objetos familiares. Muitas flores lindas crescem em terras estrangeiras; porém, são mais caras ao coração as que florescem à porta da nossa choupana.

O desenvolvimento em pontos minuciosos não é recomendável quando estamos empregando figuras. A melhor luz entra pelo vidro mais transparente; pintura demais veda a entrada do sol. Antigamente o altar de Deus tinha de ser feito de terra, ou de pedra inteiriça, não lavrada, pois, diz a Palavra: “se sobre ele levatares o teu buril, profaná-lo-ás” (Êxodo 20:25). Um estilo trabalhado, artificial, em que a ferramenta do gravador deixou abundantes marcas, é mais coerente com as argumentações humanas nos tribunais de justiça, ou no fórum, ou no senado, do que com as declarações proféticas proferidas em nome de Deus e para a promoção da Sua glória. As parábolas do nosso Senhor eram simples como contos para crianças, e naturalmente belas como os lírios que floresciam nos vales onde Ele ensinava o povo. Não se apropriou de lenda nenhuma do Talmude, nem de contos de fadas da Pérsia, nem importou os Seus emblemas de além-mar. Mas Ele morava no meio do Seu povo, e falava de coisas comuns, em estilo simples, como nenhum homem falara antes, e, contudo, como um bom observador haveria de falar. As Suas parábolas eram como Ele e como as Suas circunvizinhanças. Nunca eram forçadas, fantasiosas, pedantescas ou artificiais. Imitemo-la, pois jamais encontraremos um modelo mais completo, ou mais apropriado para a época presente. Abrindo os olhos, descobriremos abundantes figuras por toda parte. Como está escrito: “A palavra está junto de ti”, assim também está bem ao nosso alcance a analogia daquela Palavra:

*“Tudo ao meu derredor, seja o que for,
que por acaso encontro, um dia ou outro,
tem sua própria voz e sua linguagem –
aves em vôo, abelhas a zumbir,
os animais na mata ou na coqueira,
as árvores e as folhas, juncos, ervas,
o regato a seguir o seu percurso,
as aves quando passam nas alturas,
ou as montanhas, que jamais se movem,
cuja massa imutável, entretanto,
todos os dias muda, como os sonhos.”¹*

Há pouca necessidade de tomar emprestado dos mistérios recônditos da arte humana, ou de aprofundar-nos nas teorias da ciência, pois ilustrações de ouro jazem na superfície da natureza, e as mais autênticas são as que mais se destacam e são mais facilmente observadas. Da história natural em todos os seus ramos bem podemos dizer: “o ouro dessa terra é bom”. As ilustrações fornecidas pelos fenômenos diários vistos pelo lavrador e pela carreira são deveras as melhores que a terra pode produzir. Uma ilustração não é como um profeta; pois ela tem maior honra em sua própria terra. E os que viram mais vezes o objeto são os mais gratificados pela figura dele tirada.

Estou certo de que mal se necessita acrescentar que *as ilustrações nunca devem ser vulgares ou indignas*. Podem não ser muito elevadas, mas sempre devem ser de bom gosto. Podem ser simples, e, todavia, castiçamente belas; mas rudes e grosseiras não devem ser nunca. Uma casa será desonrada, se tiver janelas sujas, com teias de aranha e imundície, remendadas com papel de embrulho ou com trapos. Tais janelas são a insígnia de uma tapera, não de uma casa. As nossas ilustrações

¹ De *Fables in Song* (Fábulas em Canções), versos ligeiramente alterados. De Robert Lord Lyton. William Blackwood and Sons, 1874, 2 volumes.

nunca devem conter nem o mais leve traço de qualquer coisa que choque a modéstia assaz delicada. Não gostamos daquela janela da qual Jezabel olha. Como sinetas nos cavalos, as nossas mais ligeiras expressões devem ser santidade ao Senhor. Daquilo que sugere algo desprezível e baixo podemos dizer com o apóstolo: “nem ainda se nomeie entre vós, como convém a santos”. Todas as nossas janelas devem abrir-se para Jerusalém, e não para Sodoma. Haveremos de colher as nossas flores sempre e somente na terra de Emanuel; e Jesus será o aroma e o dulçor delas, de maneira que quando Ele se demora à janela para ouvir-nos falar a Seu respeito, pode dizer: “Favas de mel manam dos teus lábios, ó minha esposa! Mel e leite estão debaixo da tua língua”.

O que cresce além dos limites da pureza e da boa reputação jamais deverá fazer parte das nossas coletâneas de poemas, nem deverá ser colocado entre os enfeites dos nossos discursos. O que poderia ser muitíssimo inteligente e expressivo no discurso de um orador político, ou na arenga de um vendedor ambulante, causaria aversão, provindo de um ministro do evangelho. Tempo houve em que se poderiam encontrar numerosos espécimes de grosseria censurável, mas não seria nada generoso mencioná-las agora que essas coisas são condenadas por todos.

Cavalheiros, cuidem das suas janelas para que não se quebrem, nem se rachem. Em outras palavras, *estejam vigilantes contra metáforas confusas e ilustrações mancas*. Creditam-se ao Sr. Boyle Rache alguns dos mais finos espécimes de conglomerado metafórico. Poderíamos considerar mítica a passagem que o representa dizendo: “Sinto cheiro de rato; vejo-o flutuando no ar; pegá-lo-ei no botão em flor”. Disparates menores são muito freqüentes no linguajar dos nossos patrícios. Um excelente defensor da temperança exclamou: “Camaradas, ponhamo-nos de pé e ajamos! Levemos nos ombros os nossos machados e aremos as vastidões, até que o bom navio Temperança veleje alegremente sobre a terra”. Lembramos bem, anos

atrás, termos ouvido um fervente clérigo irlandês exclamar: “Garibaldi, senhor, é personalidade grande demais para tocar o segundo violino para um luzeiro desprezível como Victor Emanuel”. Era uma reunião pública e, por isso, fomos obrigados a manter atitude conveniente. Mas teria sido grande alívio para as nossas almas se pudéssemos permitir-nos uma forte gargalhada ante o espetáculo de Garibaldi com um violino, tocando para um luzeiro, pois certos versos da infância retiniram os seus sons eufônicos em nossos ouvidos e angustiantemente submeteram à prova a nossa seriedade. Um amigo poético se nos dirige assim encorajadoramente –

*“Marcha, mais rude seja o teu caminho
e inimigos te cerquem nas veredas;
surdo ao latir dos cães que gostariam
de desviar-te os pés – marcha, não cedas”.*

Numa noite destas um irmão expressou o seu desejo de que “todos fôssemos conquistadores de almas e trouxéssemos as jóias compradas com sangue do Senhor para lançarem aos Seus pés as suas coroas”. As palavras tiveram em si um toque piedoso de modo tal que os ouvintes não perceberam que a expressão era truncada. Um membro do nosso grupo esperava “que todo estudante fosse capaz de fazer soar a trombeta do evangelho com som tão claro e certo *que os cegos pudessem ver*”. Talvez quisesse dizer que eles abririam os olhos de espanto face ao terrífico ruído, mas a figura seria mais coerente se ele dissesse, “*que os surdos pudessem escutar*”. Um escritor escocês, referindo-se à proposta de usar-se um órgão no culto, diz: “Nada resistirá a esta avalanche de culto ao prazer e de pecado grosseiro, a não ser a volta para a Palavra de Deus”.

O jornal *The Daily News*, ao fazer uma resenha de um livro de autoria de um eminente ministro não conformista, queixou-se de que as metáforas usadas por ele se prestavam para ser um tanto intratáveis, como quando ele falava de algo

que permanecia segredo até que uma poderosa chave era introduzida na fechadura do coração paterno, e um violento puxão abria as comportas e libertava a corrente aprisionada. Todavia, não admira que os mortais comuns cometam erros crassos na linguagem figurada, quando até sua finada infalível santidade, o papa Pio IX, disse do Sr. Gladstone que ele “de repente avançara como uma víbora, atacando a barca de S. Pedro”. Uma víbora atacando uma barca é demais para a imaginação mais complacente, apesar de que algumas mentes estão dispostas a aceitar quaisquer maravilhas.

Uma daquelas revistas que se têm na conta de nata da nata empenhou-se arduamente em informar-nos que o deão de Chichester, sendo o seletor pregador da igreja de Sta. Maria, em Oxford, “aproveitou a oportunidade para castigar os ritualistas a torto e a direito, com *grande volubilidade e vivacidade*”. Sansão castigou os seus inimigos com grande matança; mas a linguagem é flexível.

Erros desse tipo poderiam ser citados em abundância. Dei, porém, suficientes exemplos para fazê-los ver quão facilmente os cântaros de metáforas podem ser quebrados e tornados inúteis para transportar o que se quer dizer. O mais hábil orador ocasionalmente pode errar nesta direção. Não é uma questão muito grave e, contudo, como um inseto morto, pode estragar um unguento aromático. Alguns irmãos que conheço estão sempre fora dos trilhos. Confundem todas as figuras que tocam, e logo que abordam uma metáfora, estamos à beira de um desastre. Seria mais sábio da parte deles se evitassem todas as figuras de linguagem até saberem empregá-las, pois é uma lástima quando as ilustrações são tão confusas, que tanto obscurecem o sentido como servem de diversão. Metáforas confusas são confusões de verdade. Demos ao público boas ilustrações, ou não demos nenhuma.

Neste ponto encerro a minha preleção, a qual foi feita apenas para servir de introdução ao meu tema, e não de tratamento pleno dele.

2

Historietas e Anedotas no Púlpito

Admite-se, em geral, que os sermões podem ser sabiamente adornados com uma boa quota de ilustrações, mas as historietas e anedotas empregadas com esse fim ainda são observadas pelos pretensos puristas do púlpito com certa dose de suspeita. Descerão o bastante para citar um símbolo; condescenderão em usar imagens poéticas; mas não se rebaixarão a contar uma história simples e vulgar. É provável que eles digam confidencialmente a seus colegas mais jovens: “Cuidado para não se rebaixarem e ao seu ofício sagrado repetindo historietas mais apreciadas pelas pessoas vulgares e indoutas”. Não replicaríamos a eles exortando todos a usarem histórias copiosamente, pois nisso deve haver discriminação.

Admite-se francamente que há úteis e admiráveis estilos de oratória que ficariam desfigurados por um conto rústico; e há irmãos honrados cujo gênio não lhes permitiria contar uma história, pois isso não pareceria enquadrar-se em seu modo de pensar. A esses, nem sequer por implicação insinuaríamos uma censura. Mas quando lidamos com outros que parecem ser algo e não são o que parecem, não temos brandura; pelo contrário, sentimo-nos movidos a agredir a sua grandeza fictícia. Se eles escarnecem das historietas, nós *sorrimos* para eles e para os seus escárnios, e gostaríamos que eles tivessem mais bom senso e menos impostura. A ostensiva presunção de superioridade intelectual e o amor do esplendor retórico têm impedido muitos de exporem a verdade do evangelho da maneira mais fácil que se pode imaginar, a saber, mediante analogias extraídas dos acontecimentos comuns. Uma vez que não podem condescender com homens de condição

inferior, eles se abstêm de contar incidentes que explicariam com precisão o que eles querem dizer. Temendo ser considerados vulgares, perdem oportunidades de ouro. Davi também poderia ter-se negado a atirar uma das pedras lisas à testa de Golias por tê-la achado num riacho comum.

De indivíduos tão elevados em suas idéias, o provável é que não desça nada às massas do povo, senão uma eloquência glacial – um rio de gelo. A dignidade é uma consideração sumamente pobre e desprezível, a não ser que seja a dignidade de converter muitos à justiça. Todavia, clérigos que mal possuem suficiente dignidade verdadeira para salvar-se do desprezo, têm ficado inchados, “enormes como o alto Olimpo”, pela fingida exibição dela. Disseram a um jovem cavaleiro, depois de ter ele proferido um discurso bem trabalhado, que não mais que cinco ou seis ouvintes puderam compreendê-lo. Isso ele aceitou como tributo ao seu gênio. Mas eu tomo a liberdade de colocá-lo na mesma classe de outra pessoa que estava acostumada a sacudir a cabeça de modo o mais solene, com o fim de tornar as suas preleções mais impressionantes, e isso conseguia algum efeito com os medíocres, até que uma sagaz senhora cristã fez a observação de que, sim, por certo ele sacudia a cabeça, mas *não havia nada nela*. Os que são refinados demais para serem simples, precisam ser refinados de novo. Lutero colocou bem isto em sua *Conversa à Mesa*: “Malditos sejam todos os pregadores que na igreja visam a coisas elevadas e complexas, e, negligenciando a salvação dos pobres iletrados, procuram a sua própria honra e louvor, e, portanto, procuram agradar a uma ou duas grandes personalidades. *Quando prego, desço bem ao fundo.*” Talvez seja supérfluo lembrar-lhes, irmãos, a freqüentemente citada passagem de *Country Parson* (Pároco do Campo), e, contudo, não posso omiti-la, porque ela deveras me impressiona. “O pároco também se serve dos juízos de Deus, tanto dos de tempos antigos como especialmente dos de épocas mais recentes; e mormente os que estão mais próximos da sua

paróquia. Sim, pois as pessoas ouvem com muita atenção tais discursos, e elas acham que convém assim fazer, porquanto Deus está tão perto delas, até mesmo sobre as suas cabeças. Às vezes ele lhes conta histórias e cita dizeres alheios, conforme o texto lhe sugere, pois também para estas coisas os homens atentam, e as lembram melhor do que as exortações, que, embora calorosas, muitas vezes morrem com o sermão, especialmente com a gente do campo, gente grossa, pesada e dura de ser erguida até o ponto do zelo e do fervor, gente que precisa de uma montanha de fogo para acender-se – mas as histórias e os ditados essa gente recordará bem.”

Não se deve esquecer jamais que mesmo o grandioso Deus, quando quer instruir os homens, emprega histórias e biografias. A Bíblia contém doutrinas, promessas e preceitos; mas estas não estão sozinhas. O livro todo é vitalizado e ilustrado com maravilhosos registros de coisas ditas e feitas por Deus e por homens. Aquele que é ensinado por Deus valoriza as histórias sagradas, e sabe que nelas há plenitude e vigor de instrução. Os professores de Bíblia não podem fazer coisa melhor do que instruir os seus companheiros à moda da Bíblia.

O nosso Senhor Jesus Cristo, o grande Mestre dos mestres, não desprezou o uso de historietas. Em minha opinião, parece claro que certas parábolas de Jesus consistiam de fatos, e, daí, eram historietas. A história do filho pródigo não pode ter sido uma verdade literal? Não existirão casos reais de um inimigo semeando joio entre o trigo? Não poderá ser que o rico louco que disse – “Descansa”, tenha sido um retrato tirado da vida? O rico e Lázaro não figuraram de fato no palco da história? Certamente a história daqueles que foram esmagados pela torre de Siloé, e a triste tragédia dos galileus, “cujo sangue Pilatos misturara com os sacrifícios que os mesmos realizavam”, eram assuntos da conversa comum dos judeus, e o nosso Senhor as tornou boa narrativa. O que ELE fez, não precisamos ficar com vergonha de fazer. Para que o façamos com toda a sabedoria e

prudência, busquemos a direção do Espírito divino que pousava sobre Ele continuamente.

Farei a presente palestra citando os exemplos dos grandes pregadores, começando com a época da Reforma, e prosseguindo, sem observar uma ordem rigorosamente cronológica, até os nossos dias. Os exemplos são mais poderosos que os preceitos; daí citá-los.

Primeiro, deixem-me mencionar aquele grande pregador de antanho, *Hugh Latimer*, o mais inglês de todos os nossos teólogos, personalidade cuja influência sobre a nossa terra foi sem dúvida sumamente poderosa. Diz Southey: “Mais que nenhum outro, Latimer promoveu a Reforma com a sua pregação”. E nisso ele ecoa um pronunciamento de Ridley que tem mais importância, o qual escreveu na prisão: “Creio que o Senhor colocou o velho irmão Latimer como o sustentáculo dos Seus padrões em nossa era e em nosso país contra o Seu inimigo mortal, o Anticristo”. Se vocês leram algum dos seus sermões, devem ter ficado impressionados com o número de suas belas histórias, temperadas com humor puro que reflete o sabor do lar na fazenda em Leicestershire, onde fora criado por um pai que heroicamente fazia os serviços de lavrador, e por uma mãe que ordenhava trinta vacas. Sem dúvida podemos atribuir a essas histórias o estrago dos bancos pelo avassalador tropel do povo para ouvi-lo; e o interesse geral que os seus sermões despertavam. Se houvesse mais pregação como essa, teríamos menos temor da volta do papismo. O povo comum o ouvia alegremente, e suas vívidas anedotas explicavam em grande parte a sua atenção. Algumas dessas narrativas só se poderiam repetir raramente, pois felizmente o gosto da nossa época melhorou em delicadeza; mas outras são deveras admiráveis e instrutivas. Eis aqui três delas:

O Criado do Frade e os Dez Mandamentos

“Vou contar-lhes uma bela história de um frade, para

reanimá-los, entre outras coisas. Um frade franciscano licenciado para pregar em certa diocese, durante o período da sua autorização pregava muitas vezes, porém só tinha um sermão. O tal sermão era sobre os dez mandamentos. E devido esse frade pregar tantas vezes esse único sermão, uma pessoa que já o ouvira várias vezes disse ao criado do frade que o seu amo era chamado “Frei João Dez Mandamentos”. Por conseguinte, o criado falou disso a seu amo e o aconselhou a pregar sobre alguns outros assuntos, pois afligia o criado ouvir o seu amo ridicularizado. Ora, respondeu o frade: “É bem provável que você é capaz de dizer bem os dez mandamentos, visto que os ouviu tantas vezes”. “Sim”, disse o criado, “garanto que posso.” “Então quero ouvi-los”, disse o amo. Então ele começou: “Orgulho, cobiça, lascívia”, e assim enumerou os pecados mortais pelos dez mandamentos. Igualmente há muitos hoje em dia que estão cansados do velho evangelho. De bom grado ouviriam algumas coisas novas. Julgam-se perfeitos no velho tema, quando não são mais capazes do que esse criado o era nos dez mandamentos”.

Santo Antônio e o Sapateiro

“Lemos uma bonita história de Santo Antônio que, estando no deserto, levou ali uma vida dura e reta, tanto que ninguém da época se lhe igualava. Veio-lhe uma voz do céu, dizendo: “Antônio, não és tão perfeito como um sapateiro que mora em Alexandria”. Antônio, ouvindo isso, levantou-se de pronto, pegou seu bordão, e caminhou até Alexandria, onde encontrou o sapateiro. O sapateiro ficou espantado ao ver tão ilustre pessoa entrar em sua casa. Disse-lhe Antônio: “Venha e conte-me quais as tuas relações e como passas o tempo”. “Senhor”, disse o sapateiro, “quanto a mim, boas obras não tenho, pois a minha vida é simples e fraca; não passo de um pobre sapateiro. De manhã, quando me levanto, oro por toda a cidade em que resido, principalmente pelos vizinhos e

amigos pobres que tenho. Depois, aplico-me ao meu trabalho, onde passo o dia inteiro ganhando a vida, e me guardo de toda a falsidade. Pois não há coisa que eu odeie mais do que a mentira. Daí, quando faço uma promessa a alguém, mantenho-a e a cumpro fielmente. E assim passo o meu tempo pobremente com minha mulher e meus filhos, que eu ensino e instruo, quanto me permite a minha capacidade, a temer – a temer mesmo – a Deus. É este o resumo da minha vida simples.”

“Nesta história vocês vêem como Deus ama os que seguem a sua vocação e vivem retamente, sem qualquer falsidade em seu procedimento. Este Antônio foi um grande homem, e santo; todavia, este sapateiro teve a mesma estima que ele, perante Deus.”

O Perigo da Prosperidade

“Uma vez li a história de um bom bispo que cavalgava pela estrada e se sentiu cansado, estando muito longe da cidade. Portanto, vendo uma bela casa, para lá se dirigiu, e foi muito bem recebido, com todas as honras. Fizeram-se grandes preparativos para ele, e um grande banquete. Tudo farto e lauto. Em seguida o dono da casa expôs a sua prosperidade, e contou ao bispo as riquezas que possuía, as honras e dignidades de que era investido, quantos e quão belos filhos tinha, que mulher virtuosa Deus lhe dera, de modo que não tinha falta de nenhum tipo de coisa, não tinha problema algum, nem aborrecimentos, quer externos quer internos.

Ora, este santo homem ouvindo a descrição da boa situação daquele proprietário, chamou um dos seus criados e lhe mandou preparar os cavalos. Pois o bispo achava que Deus não estava naquela casa porque não havia nenhuma tentação ali. Despediu-se e seguiu o seu caminho. Bem, quando estava a dois ou três quilômetros da casa, lembrou-se do seu livro que deixara lá. Mandou o criado buscá-lo, e quando o criado

chegou à casa, esta havia desabado com tudo o que havia nela. Vê-se aqui que é coisa boa ter tentação. Aquele homem se julgava um sujeito feliz porque todas as coisas lhe iam bem. Mas ignorava a lição de Tiago: *Beatus qui suffert tentationem*. “Bem-aventurado o homem que suporta com perseverança a tentação.” Aprendamos, pois, aqui, a não nos aborrecermos quando Deus puser sobre nós a Sua cruz.”

Vamos dar um grande salto de quase um século, até *Jeremiah Taylor*, outro bispo, que menciono logo depois de *Latimer* porque aparentemente se contrasta muito com esse teólogo singelo, mas que, na verdade, tem certa medida de semelhança com ele quanto ao ponto focalizado aqui. Ambos se regozijavam com as figuras e metáforas, e igualmente se deleitavam com casos e contos. É certo que um falava de João e José, e o outro de Anaxágoras e Cipião. Mas as cenas reais eram o deleite de ambos. Nesse sentido, pode-se dizer que Jeremiah Taylor era Latimer vertido para o latim. Jeremiah Taylor está repleto de alusões clássicas, como um palácio real está cheio de tesouros, e a sua linguagem é da elevada categoria que convém mais a um auditório de nobres do que a uma assembléia popular. Todavia, quando você chega à essência das coisas, vê que, se Latimer é simples, também Taylor conta incidentes que *para ele são peculiares*; mas a sua casa está entre os filósofos da Grécia e os senadores de Roma. Entendido isso, aventuramo-nos a dizer que ninguém usou mais historietas e anedotas do que este esplêndido pregador-poeta. Seu biógrafo diz, com verdade: “Seria difícil indicar um ramo do saber ou da pesquisa científica a que ele não aludisse ocasionalmente; ou algum autor eminente, antigo ou moderno, com quem ele não se revelasse familiarizado. Mais de uma vez ele se refere a obscuras histórias de antigos escritores, como se esses fossem naturalmente familiares para ele como o era para todos os seus leitores. Por exemplo, fala do “pobre Atílio Avíola” e outra vez do “leão líbio que fugiu para o seu deserto e matou dois rapazes romanos”. Nisso tudo ele é eminentemente seletivo e

clássico, pelo que o introduzo aqui com a maior boa vontade, pois não pode haver razão por que as nossas historietas devam ser todas rústicas. Nós também podemos pilhar os tesouros da antigüidade, e fazer o pagão contribuir para o evangelho, como Hirão, supervisionado por Salomão, prestou serviços à edificação do templo do Senhor.

Não sou admirador de Taylor noutros aspectos, e o seu ensino às vezes parece semi-papista; porém neste local só devo lidar com ele sobre um particular, e neste assunto ele é um exemplo admirável. Esbanja histórias clássicas como uma rainha asiática se enfeita com incontáveis pérolas. De um único sermão extraio as seguintes, que talvez bastem para o nosso propósito:

Estudantes que Progridem para Trás

“Menedemus costumava dizer “que os rapazes que iam para Atenas, no primeiro ano eram sábios, no segundo eram filósofos, no terceiro eram oradores, e no quarto ano não passavam de plebeus que não entendiam nada, exceto a sua própria ignorância”. E justamente assim acontece com alguns no evolver da religião. Primeiro são impetuosos e ativos, e então saciam todos os apetites da religião; e o que resta é que logo se cansam, ficam sentados cheios de desgosto, e voltam para o mundo, e se detêm nas ocupações da vaidade ou do dinheiro; e, por esse tempo, compreendem que a sua religião declinou, tendo passado dos ardores e extravagâncias da juventude para a frieza e fraqueza da velhice.”

O Orgulhoso que se Gabava da sua Humildade

“Era notável como indivíduo vaidoso, o qual, radiante de alegria com a cura do seu orgulho (como ele julgava) gritou à esposa: “*Cerne, Dionysia, deposui fastum*” – “Vê só, pus de lado todo o meu orgulho”.

“Uma vez Diógenes viu um moço saindo de uma taverna ou centro de diversões. O jovem, percebendo que estava sendo observado pelo filósofo, um tanto confuso, retrocedeu para, se possível, preservar a sua reputação perante aquele severo personagem. Mas Diógenes lhe disse: *quanto magis intraveris, tanto magis eris in caupon*; “Quanto mais te afastares, mais estarás no lugar em que tens vergonha de ser visto”. Aquele que esconde o seu pecado, continua retendo aquilo que ele considera sua vergonha e seu fardo.”

Não há exemplos de maior peso do que os tirados dentre os puritanos, em cujas pegadas é nosso desejo andar, embora, ai! os sigamos com passos débeis. Alguns deles eram férteis em anedotas e histórias. *Thomas Brooks* é um caso típico do sábio e saudável emprego da fantasia santa. Coloco-o em primeiro lugar porque o reconheço como o primeiro na arte especial que ora consideramos. Ele possui ouro em pó, pois mesmo nas margens dos seus livros há anotações de preciosidade extraordinária, e sugestões para histórias clássicas. O seu estilo é claro e copioso: jamais se excede nas ilustrações a ponto de perder de vista a sua doutrina. As suas torrentes de metáforas nunca submergem o significado que pretendem transmitir, mas o fazem flutuar à sua superfície. Se vocês nunca leram as suas obras, quase lhes invejo a alegria de penetrarem pela primeira vez em *Unsearchable Riches* (Riquezas Insondáveis), de provar *Precious Remedies* (Remédios Preciosos), de saborear *Apples of Gold* (Maçãs de Ouro), de partilhar com *Mute Christian* (Cristão Silencioso), e de desfrutarem os seus outros escritos magistrais. Permitam-me dar-lhes uma amostra da sua qualidade nas historietas e anedotas. Eis aqui algumas delas, poucas e breves, que quase cabem numa só página; mas ele tem tão abundante riqueza delas, que vocês mesmos podem recolher num instante dezenas das melhores.

O Choro do Sr. Welch

“Uma alma sob especiais manifestações de amor lamenta não poder amar mais a Cristo. O Sr. Welch, um ministro de Suffolk, chorando à mesa, inquirido da razão do choro, respondeu que era porque ele não era capaz de amar mais a Cristo. Aqueles que verdadeiramente amam a Cristo nunca podem elevar-se o bastante em seu amor a Cristo. Para eles, um pequeno amor não é amor nenhum; um grande amor é apenas um pequeno amor; um forte amor não passa de um fraco amor; e o supremo amor está infinitamente abaixo do valor de Cristo, da beleza e glória de Cristo, da plenitude, dulçor e bondade de Cristo. O cúmulo do seu infortúnio nesta vida é que amam tão pouco, posto que muitíssimo amados.”

Silêncio Submisso

“Tal foi o silêncio de Filipe Segundo, rei da Espanha, que, quando perdeu a sua “invencível” Armada que estivera em preparação durante três anos, ordenou que em toda a Espanha se dessem graças a Deus e aos santos por não ter sido maior a aflição resultante.”

Submissão dos Favoritos a seus Senhores

“Quando Tiribazus, um nobre persa, foi preso, a princípio sacou da espada e se defendeu. Mas quando o acusaram em nome do rei, e lhe informaram que vinham da parte do rei, e tinham ordem de levá-lo ao rei, ele se rendeu voluntariamente. Sêneca persuadiu o seu amigo a suportar a sua aflição em silêncio, porque era o favorito do imperador, dizendo-lhe que não lhe era lícito queixar-se, dado que César era seu amigo. Assim diz o cristão fiel: oh minha alma! Tranqüiliza-se, aquieta-se; tudo é por amor, tudo é fruto do favor divino.”

O Senhor Philip Sydney

“Um comandante religioso foi atingido em combate. Quando a ferida foi sondada, e extraída a bala, alguns que estavam por perto, mostrando-se penalizados com o seu sofrimento, replicou ele: “Embora eu gema, bendigo a Deus porque não me queixo”. Queira Deus que o Seu povo gema, mas não se queixe.”

Thomas Adams, o puritano conformista, cujos sermões vêm cheios de rude força e de sentido profundo, nunca hesitava em inserir uma história quando achava que ela reforçaria o seu ensino. O seu ponto de partida é sempre uma declaração bíblica ou uma histórieta escriturística; e isto ele desenvolve com muito trabalho, trazendo-lhe todos os tesouros da sua mente. Como diz Stowell, “Fábulas, historietas, poesia clássica, jóias oriundas dos pais e de outros escritores antigos, distribuem-se por quase todas as páginas”. As suas historietas geralmente são grosseiras, e podem comparar-se com as de Latimer, só que não são igualmente geniais. Seu humorismo é em geral sombrio e cáustico. As seguintes podem servir como bons espécimens:

O Marido e sua Esposa Espirituosa

“O marido disse à sua mulher que ele tinha uma péssima qualidade – era dado a zangar-se sem motivo. Espirituosamente, ela respondeu que ia livrá-lo desse defeito, pois lhe daria motivo suficiente. É a loucura de alguns que se ofendem sem causa, aos quais o mundo promete que terão bastantes causas. “No mundo tereis aflições.”

O Sermão e o Servo

“É comum suceder que muitos recomendem a preleção aos ouvidos de outros, mas poucos a recomendam aos seus

próprios corações. É moralmente certo o que conta o “Cristão-que-fala-a-verdade”: um servo, voltando da igreja, elogia o sermão ao seu amo. Este lhe pergunta qual foi o texto. Não sei, diz o servo; começou antes de eu chegar. Então, qual foi a sua conclusão? Eu saí antes que terminasse, respondeu o homem. Mas, que disse o pregador no meio? Na verdade eu dormi no meio do sermão. Muitas pessoas entram no templo, porém não permitem que o sermão entre nas suas mentes.”

O Quadro de um Cavalo

“Alguém incumbiu um pintor de pintar-lhe um *equum volitantem*, um cavalo troteado ou saltador. Ele (confundindo a palavra) pintou-lhe um *equum volutantem*, um cavalo espojando-se ou virando cambalhota, com os cascos para cima. Levou-o para casa, e o freguês censurou-lhe o erro: eu queria um cavalo saltador, e você o fez espojando-se. Se todo o problema é esse, disse o pintor, basta virar o quadro de baixo para cima, e você terá o que deseja. Assim nos seus discursos quodlibéticos – feitos ao capricho dos seus autores – basta que virem os lineamentos, e a coisa fica sendo o que queriam ter. Não digo isto para desacreditar toda a cultura deles, mas sim, as suas discussões e argumentos infrutíferos e desnecessários – daqueles que acham algo de que falar, quando as Escrituras não lhes dá nenhuma base.”

O Pirata

“Quando o celerado pirata, assaltando e pilhando um navio, ouviu o dono do barco dizer-lhe que, embora nenhuma lei pudesse tocá-lo no presente, teria que responder por isso no dia do juízo, ele replicou: não por isso; se posso durar tempo suficiente antes de chegar a ele, eu te levarei a ti e a teu barco também. Conceito presunçoso com que muitos ladrões de terra firme, opressores, gabam-se em seus corações,

conquanto não se atrevam a expressá-la com os lábios.”

William Gurnall, autor de *The Christian in Complete Armour* (O Cristão com Armadura Completa), por certo há de ter sido um contador de histórias pertinentes em seus sermões, visto que até nos seus rígidos e sólidos escritos elas ocorrem. Talvez não fosse preciso fazer distinção entre os seus escritos e a sua pregação, pois o prefácio deixa ver que a sua obra, *O Cristão com Armadura Completa*, foi pregada antes de ser impressa. Cada página do seu famoso livro apresenta vívidas imagens, e sempre que acontece isso, certamente damos com breves narrativas e casos notáveis. É tão exuberante em ilustrações como Brooks, Watson ou Swinnock. Feliz foi Lavenham em ter tal pastor! A propósito, este livro, *Armadura Completa*, é, mais que todos os outros, um livro para pregadores. Creio que mais discursos foram sugeridos por ele do que por qualquer outro volume não inspirado. Tenho recorrido a ele muitas vezes, quando as minhas chamas ardem com fogo baixo, e raramente deixei de encontrar uma brasa viva na lareira de Gurnall. Disse John Newton que, se pudesse ler somente um livro além da Bíblia, escolheria *O Cristão com Armadura Completa*, e Cecil era praticamente da mesma opinião. Dessa obra disse J. C. Ryle: “Você achará muitas vezes numa linha e meia alguma grande verdade, colocada com tanta concisão e, contudo, de maneira tão completa, que você ficará maravilhado de quanto pensamento pode estar metido em tão poucas palavras”. Uma ou duas histórias da parte inicial da sua grande obra devem ser suficientes para o nosso propósito.

Pássaro a Salvo no Peito de um Homem

“Um pagão pôde dizer, quando um pássaro (com medo de um gavião) fugiu para abrigar-se no seu peito: “Não te trairei, entregando-te ao teu inimigo, vendo que vieste a mim em busca de refúgio”. Muito menos Deus entregará uma alma ao seu inimigo, quando ela busca refúgio em Seu nome,

dizendo: “Senhor, estou sendo caçado por tal tentação, perseguido por tal luxúria! Ou me perdoas, ou estou perdido. Mortifica-a, ou serei escravo dela. Leva-me para o seio da Tua graça, por amor de Cristo. Acastela-me nos braços da Tua força eterna. Em Teu poder está o salvar-me das mãos do meu inimigo, ou entregar-me a elas. Não tenho confiança em mim e em nenhum outro. Em Tuas mãos entrego minha causa, minha vida, e em Ti confio.” Esta confiante dependência de uma alma, sem dúvida erguerá o soberano poder de Deus em sua defesa. Ele fez o maior juramento que poderia vir dos Seus benditos lábios, jurando por Si mesmo, que aquele que busca “refúgio” a fim de esperar nEle, terá “firme consolação” (Hebreus 6:17,18).”

O Príncipe com a Família em Perigo

“Suponhamos que um filho de rei estivesse fora de uma cidade sitiada, onde deixara a sua esposa e os seus filhos (aos quais ama de toda a alma) e estes na iminência de morrer pela espada ou pela fome, caso não chegassem suprimentos a tempo. Poderia este príncipe, ao chegar à casa do seu pai, ter prazer nos deleites da corte e esquecer as angústias da sua família? Ao contrário, não se postaria diante de seu pai (tendo os lamentos e gemidos dos seus queridos sempre nos seus ouvidos) e, antes de comer ou beber, não se dirigiria a seu pai, e não lhe suplicaria que, se o amava, enviasse todas as forças do seu reino para levantar o assédio, para que os seus amados familiares não perecessem? Certamente, senhores, embora Cristo esteja no ponto mais alto da Sua exaltação, e fora da tormenta quanto à Sua Pessoa, todavia, os Seus filhos, deixados atrás no meio das baterias do pecado, de satanás e do mundo, estão em Seu coração, e não serão esquecidos um momento por Ele. O cuidado que Ele tem por nossos problemas transparece na rápida comunicação que Ele fez do Seu Espírito para suprimento dos Seus apóstolos, que, logo que

tomou assento à destra do Seu Pai, enviou, para o incomparável fortalecimento dos Seus apóstolos e de todos nós que, até hoje, sim, até o fim do mundo, cremos ou haveremos de crer nEle.”

John Careless

“Quando Deus honra uma pessoa permitindo-lhe sofrer por Sua verdade, é um grande privilégio: “A vós vos foi concedido, em relação a Cristo, não somente crer nele, como também padecer por ele”. Deus não costuma dotar os Seus santos de dons inúteis; neste dom há alguma preciosidade que os olhos da carne não podem ver. A fé, você dirá, é um grande dom; mas a perseverança, sem a qual a fé seria de pouco valor, é maior; e a perseverança no sofrimento é mais honrosa que as duas primeiras. Isto levou *John Careless*, um mártir inglês (o qual, embora não tenha morrido na fogueira, contudo morreu na prisão por Cristo), a dizer: “Tal honra os anjos não têm permissão de receber; portanto, Deus me perdoe a minha falta de gratidão.”

O Sr. Benbridge

“Oh, quantos morrem na forca pela causa do diabo, por traições, violações e assassinatos! Deus poderia retirar a Sua graça, e deixá-lo entregue à sua covardia e incredulidade, e então logo o mostraria em todas as suas cores. Os mais intrépidos campeões da causa de Cristo aprenderam quão fracos são, toda vez que Cristo Se afastou. Alguns deles têm dado grande testemunho de sua fé e resolução na causa de Cristo, chegando mesmo tão perto de morrer por Seu nome que se arriscaram a ser levados ao pelourinho e à fogueira – e contudo, os seus corações falharam. Como aquele santo varão, o Sr. Benbridge, em nosso martirólogo inglês, que empurrou a lenha e gritou: “*Eu me retrato, eu me retrato!*” Todavia, esse homem, fortalecido em sua fé, e revestido do poder do alto,

pôde, no espaço de uma semana depois daquele triste fracasso, morrer na fogueira com regozijo. Aquele que uma vez venceu a morte por nós, é quem sempre vence a morte em nós.”

John Flavel é um nome que terei de citar noutra palestra, pois ele é mais grandioso na metáfora e na alegoria, mas na questão do uso de historietas, a sua pregação é excelente exemplo. Do seu ministério se disse que quem não foi afetado por ele tinha que ter miolo muito mole ou coração muito duro. Ele tinha um depósito de casos notáveis, e a faculdade de ilustrar com felicidade, e como era um homem em cujas maneiras a jovialidade se fundia com a solenidade, foi popular no mais alto grau, tanto neste país como no exterior. Ele procurava palavras que servissem para os marinheiros de Dartmouth e para os sitiantes de Devon, pelo que pôde deixar atrás de si *Navigation Spiritualized* (Navegação Espiritualizada) e *Husbandry Spiritualized* (Agricultura Espiritualizada), legados transmitidos às duas classes de homens que lavram o mar e a terra. Era um homem que valia a pena fazermos uma peregrinação para ouvir. Que crime foi silenciar os seus lábios tocados pelo céu, com a abominável Lei da Uniformidade! Em vez de citar várias passagens dos seus sermões, cada qual contendo uma historieta, achei bom dar uma porção de histórias como as encontramos em suas preleções sobre:

Providência na Conversão

“Um pedaço de papel visto acidentalmente tem sido usado como instrumento de conversão. Foi assim no caso de um ministro de Gales que tinha dois encargos eclesiásticos, mas não cuidava bem de nenhum deles. Estando numa feira, comprou alguma coisa na banca de um mascate, e rasgou uma folha do catecismo do Sr. Perkin para embrulhar a compra, e, lendo uma linha ou duas dela, Deus o fez compreender o seu conteúdo, de modo que operou nele mudança completa.”

“O casamento de um homem piedoso com alguém de uma

família incrédula tem sido utilizado pela Providência para a conversão e salvação de muitos nessas condições. Assim, lemos na biografia daquele renomado inglês, verdadeira sumidade, o Sr. John Bruen, que, em seu segundo matrimônio foi combinado que ele residiria um ano na casa de sua sogra. Durante sua residência ali naquele ano (diz o Sr. Clark), aprouve ao Senhor, por intermédio dele, agir com Sua graça na alma daquela senhora, como também na da irmã da sua esposa, da meia-irmã desta, dos seus irmãos, o Sr. William e o Sr. Thomas Fox, com um ou dois criados daquela família.”

“Não somente a leitura de um livro, ou o ouvir um ministro, mas (o que é extremamente notável) o próprio lapso de memória de um ministro tem sido empregado pela Providência para esse mesmo fim e propósito. Pregando Agostinho uma vez à sua congregação, esqueceu-se do argumento que planejava apresentar, e caiu nos erros dos maniqueus, desviado da sua primeira intenção. Com esse discurso foi convertido um tal Firmus, seu ouvinte, que se prostrou chorando e confessando que vivera como maniqueu muitos anos. Conheci outro que, indo pregar, pegou outra Bíblia em vez da que pretendia usar, à qual não só faltavam as suas anotações, como também o capítulo em que estava o texto pretendido. Por isso ficou um tanto prejudicado. Mas, após breve pausa, resolveu falar sobre qualquer outra passagem das Escrituras que se lhe apresentasse, e, conseqüentemente, leu o texto “O Senhor não retarda a sua promessa” (2 Pedro 3:9). E, embora não tivesse nada preparado, o Senhor o ajudou a falar metódica e pertinentemente sobre ele. Mediante esse discurso, operou-se grande mudança num dos ouvintes, que passou a dar daí por diante boa prova de conversão real, reconhecendo que aquele sermão fora o primeiro e único instrumento para isso.”

“Ouvir um sermão por *pilhéria* também tem resultado em séria conversão de alguns. O Sr. Firmin em sua obra *Real Christian* (Cristão Real) fala-nos de um notório bêbedo a

quem os ébrios chamavam “pai”, que um dia se dispôs a ir ouvir o que Wilson dizia, sem outro propósito, parece, que o de zombar do santo homem; entretanto na oração anterior ao sermão, o seu coração começou a derreter-se, e quando o pregador leu o texto do sermão, que era “Não peques mais, para que te não suceda alguma coisa pior” (João 5:14), não pôde conter-se. E naquele sermão o Senhor mudou o seu coração, apesar de ter sido um inimigo tão cruel que o ministro temia passar em frente da porta do seu armazém quando ia para a igreja nos dias de pregação. “Eis que isto são apenas as orlas dos seus caminhos; e quão pouco é o que temos ouvido dele!” (Jó 26:14).

George Swinnock, por alguns anos capelão de Hampden, havia desenvolvido grandemente o dom de ilustrar, como suas obras provam. Alguns dos seus símiles são tomados de fontes alheias, e o desenvolvimento do conhecimento tornou obsoletos alguns deles, porém serviram ao seu propósito e tornaram atraente o seu ensino. Depois de descontar todas as suas fantasias, que na presente época seriam julgadas forçadas, resta ainda “uma rara soma de espírito e de sabedoria santificados”. E, cintilando aqui e ali, vislumbramos algumas histórias notáveis, na maioria de origem clássica.

A Oração de Paulinus

“A expressão de Paulinus, quando a sua cidade foi tomada pelos bárbaros, foi: *Domine, ne excrucier ob aurem et argentum*. “Senhor, não permitas que eu me perturbe pelo ouro e pela prata que perdi, pois Tu és todas as coisas”. Como Noé, quando o mundo todo foi dominado pelas águas, tinha um belo epítome dele na arca, tendo todas as espécies de animais e aves ali, assim também aquele que numa catástrofe tem Deus para ser o seu Deus, tem a fonte de todas as mercês. Aquele que frui o oceano pode regozijar-se, conquanto se lhe tirem algumas gotas.”

A Rainha Elizabeth e a Vendedora de Leite

“A rainha Elizabeth, quando estava na prisão, invejou a vendedora de leite. Mas, se soubesse que glorioso reinado iria ter durante quarenta e quatro anos, não teria cobiçado a pobre felicidade de tão singela pessoa. Os cristãos são muito propensos a invejar as bolotas das quais se locupletam os errantes pecadores aqui na terra. Se, porém, fixassem diante de si as suas gloriosas esperanças do céu, de como haverão de reinar com Cristo para sempre, veriam pouca razão para as suas queixas.

A Criança Crente

“Li a história de uma criança de uns oito ou nove anos de idade que, extremamente oprimida pela fome, um dia, com a aparência de tal necessidade que causava dó, disse à mãe: “Mãe, a senhora acha que Deus quer matar-nos de fome?” Respondeu a mãe: “Não, filho, Ele não o fará”. Replicou a criança: “Mas, se Ele o fizer, ainda assim devemos amá-LO e servi-LO”. Eis aí, linguagem de um cristão bem desenvolvido. Pois, na verdade, Deus nos conduz à carência e à pobreza para experimentar-nos, se O amamos por Ele ou por nós; pelas excelências que nEle há, ou pelas bênçãos que dEle obtemos; para ver se diremos com o cínico a Antístenes: *Nullus tam darus erit baculus*, etc. “Nenhuma clava seria tão insuportável como ser surrado por ti.”

Religião da Moda

“Li sobre uma senhora papista, de Paris, que, quando viu uma gloriosa procissão em honra a um dos seus santos, exclamou: “Oh, como é esplêndida a nossa religião, acima da dos huguenotes! – a religião destes é pobre e desprezível, mas a nossa é rica de ostentação e solenidade”. Todavia, assim

como os arautos falam de um brasão de armas que, se este está cheio de brilhos e lemas, revela linhagem inferior, assim a verdade é que o modo de prestar culto em que entram de mistura invenções dos homens, revela que a sua linhagem é inferior – a saber, humana.”

O Duque Atarefado

“O duque d’Alba, francês, quando Henrique Quarto lhe perguntou se tinha visto o eclipse do sol, pôde dizer que tinha tanta coisa que fazer na terra, que não tinha tempo para olhar para o céu. Estou certo de que o cristão pode dizer com mais veracidade e convicção consciente, que tem tantas coisas que fazer para o céu, que não tem tempo para dar atenção a coisas vãs ou terrenas.”

Thomas Watson foi um dos muitos pregadores puritanos que conquistaram os ouvidos populares com as suas freqüentes ilustrações. Na fluente e límpida corrente do seu ensino achamos com muita freqüência finas pérolas de historietas. Ninguém jamais ficou cansado sob tão agradável discurso, embora pesado, como o que encontramos em sua obra *The Beatitudes* (As Beatitudes). Duas citações servirão para demonsrar a sua habilidade.

A Vestal e os Braceletes

“Muitos homens acham que, porque Deus os abençoou dando-lhes bens materiais, são bem-aventurados. Ah, muitas vezes Deus dá estas coisas como expressão da Sua ira – sobrecarregando os Seus inimigos de ouro e prata! Como Plutarco relata de Tarpéia, uma monja vestal que negociou com os inimigos a entrega traiçoeira que lhes faria do Capitólio de Roma, caso possuísse os braceletes de ouro que traziam em suas mãos esquerdas, o que lhe prometeram. Depois de entrarem no Capitólio, lançaram sobre ela, não somente os

braceletes, mas também os seus escudos, sob cujo peso ela acabou morrendo. Muitas vezes Deus deixa que os homens tenham áureos braceletes de substância mundana, cujo peso os afunda no inferno. Oh, vamos *superna anhelare* – anelar a bens supernos! Tenhamos os olhos “fixos” em Deus e os corações “unidos” a Ele, o bem supremo; isto é, ir em busca da bem-aventurança, como numa caçada.”

O Ouriço e o Coelho

“O fabulista conta uma história do ouriço que foi à toca dos coelhos durante uma tempestade querendo abrigo, e prometeu que seria um hóspede pacífico, mas quando recebeu acolhida hospitaleira, fincou os seus espinhos, e nunca mais saiu, até expulsar os pobres coelhos da sua toca. Assim é a cobiça. Embora tenha boas razões para insinuar-se e introduzir-se no coração, tão logo vocês a deixem entrar, este espinho nunca parará de fincar-se, até sufocar todos os bons princípios e lançar toda a religião fora dos seus corações.”

Creio que isso é suficiente para representar os homens do período dos puritanos, que acrescentaram à sua profunda teologia e ao seu variado saber, zelo para serem compreendidos e habilidade na exposição da verdade com o auxílio das ocorrências diárias. A época que se lhes seguiu foi estéril quanto à vida espiritual, e foi afligida por uma raça de teólogos retóricos, cujas palavras tinham escassa conexão com a *Palavra da vida*. O pensamento estreito dos dignitários da rainha Ana não precisava da ajuda de metáforas ou parábolas: não havia nada para explicar às pessoas. O máximo esforço desses religiosos era para esconder a nudez dos seus discursos com as folhas de figueira de uma verbosidade latinizada. Fora-se a pregação vívida, fora-se a vida espiritual, e, conseqüentemente, erigiu-se um púlpito que não tinha voz para o povo comum; na verdade, não tinha voz para ninguém, exceto para o formalista, que se dá por satisfeito se o decoro é observado e a

respeitabilidade é mantida. Naturalmente, a nossa noção do que seja tornar clara a verdade mediante histórias não se enquadrava na morte dignificada do período, e foi somente quando os ossos secos começaram a agitar-se que o método popular foi trazido de novo à proeminência.

O ilustre *George Whitefield* está, ao lado de Wesley, à testa daquele nobre exército de ministros que lideraram o avivamento do século passado. Não se inclui em nenhuma parte do meu presente plano falar da sua incomparável eloquência, do seu fervor inextinguível e do seu labor incessante. Mas está em completo acordo com o curso da minha preleção lembrar-lhes o pronunciamento dele – “Eu uso o linguajar do mercado”. Ele empregava o inglês puro, bom, fluente, porém era tão simples como se falasse a crianças. Conquanto de maneira nenhuma fosse abundante em ilustrações, sempre as empregava, quando necessárias, e narrava incidentes com grande poder de ação e ênfase. As suas histórias eram contadas de tal modo, que emocionavam os ouvintes; estes ouviam e também viam, pois cada palavra tinha a sua gesticulação apropriada. Uma razão por que ele podia ser compreendido a tão grande distância era o fato de que os olhos ajudavam o ouvido. Como espécimes de suas historietas, selecionei as que se seguem:

Os Dois Capelães

“Você não poderá fazer nada sem a graça de Deus quando chegar a hora de morrer. Havia um nobre que mantinha um capelão deísta, e a dama, sua senhora, mantinha um capelão cristão. Quando o nobre estava morrendo, disse ao seu capelão: “Eu o apreciava muito quando tinha boa saúde; mas é do capelão de minha senhora que preciso quando enfermo.”

Nunca Satisfeito

“Meus diletos ouvintes, não há uma só alma dentre todos

vocês que esteja satisfeita em suas posições. Não seria esta a linguagem dos seus corações? Quando aprendizes: estaremos realizados quando formos operários; quando operários: estaremos realizados quando formos patrões; quando solteiros: estaremos realizados quando casarmos; e com certeza acham que estarão realizados quando tiverem uma carruagem. Ouvi falar de uma pessoa que começou de baixo: primeiro, queria uma casa; depois, diz ele, “quero duas, depois quatro, depois seis”; e quando as teve, disse: “Acho que não quero mais nada”. “Sim”, diz seu amigo, “logo você vai querer outra coisa, a saber, um caixão e seis que o carreguem para o seu túmulo”; e isso o fez tremer.”

O Coração do Dr. Manton

“Uma boa mulher, encantada com o Dr. Manton, disse: “Oh, senhor, seu sermão de hoje foi excelente; eu gostaria de ter o seu coração”. “É?”, disse ele; “Boa mulher, seria melhor que não o quisesse, pois, se o tivesse, quereria ter o seu próprio de novo.” Os melhores homens se vêem sob a pior luz.”

Receoso de que a citação de mais alguns exemplos poderia provar-se tediosa, gostaria apenas de lembrar-lhes que homens como Berridge, Rowland Hill, Matthew Wilks, Christmas Evans, William Jay, e outros que recentemente partiram dentre nós, deveram muito da sua força de atração ao modo pelo qual animavam os seus ouvintes, e acendiam a verdade nos corações deles com historietas bem escolhidas. O tempo exige que eu conclua, e como poderei fazê-lo melhor do que mencionando um homem que vive atualmente e que, acima de todos os demais, tem entusiasmado as massas em dois continentes? – Refiro-me a D. L. Moody. Este admirável irmão tem grande ojeriza pela publicação dos seus sermões. E faz bem, porque ele prega incessantemente e não dispõe de tempo para preparar discursos novos. Portanto, seria muita falta de sabedoria da sua parte imprimir logo os discursos com os

quais está desenvolvendo toda uma campanha. Esperamos, porém, que quando ele deixar de usar um sermão, não o deixe morrer, mas o dê à Igreja e ao mundo através da imprensa. O nosso estimado irmão tem um estilo vívido e eficiente, e muitas vezes acha que é de bom alvitre pregar um prego com o martelo da historieta. Eis aqui cinco extratos do seu pequeno livro intitulado *Arrows and Anecdotes* (Setas e Anedotas):

A Mãe do Retardado

“Conheço certa mãe que tem um filho mentalmente retardado. Por ele, ela renunciou à vida social, a quase tudo, e a ele devotou toda a sua vida. “E agora”, disse ela, “durante catorze anos velei por ele com amor, e ele nem sequer me conhece. Oh, isso parte o meu coração!” Oh, como o Senhor há de dizer isso de centenas aqui! Jesus vem aqui, e vai de assento em assento perguntando se há lugar para Ele. Oh, não quererão alguns de vocês recebê-lo em seus corações?”

Cirurgião e Paciente

“Quando estive em Belfast, conheci um médico que tinha um amigo, um importante cirurgião. Disse-me que era costume desse cirurgião, antes de fazer qualquer operação, dizer ao paciente: “Olhe bem a ferida, e depois fixe os olhos em mim, e não desvie o olhar até eu terminar completamente a operação”. Na hora vi que era uma boa ilustração. Pecador, olhe bem a ferida esta noite, e depois fixe os olhos em Cristo, e não os desvie dEle. É melhor olhar para o remédio do que para a ferida.”

A Oração do Órfão

“Uma criança pequena, cujos pais morreram, foi levada para outra família. Na primeira noite ela perguntou se

podia orar como costumava. Disseram-lhe: “Oh, sim!” Então ela se ajoelhou e orou como a sua mãe lhe tinha ensinado, e, quando acabou, acrescentou uma pequena oração pessoal: “Oh, Deus, faz estas pessoas tão boas para mim como o foram o meu pai e a minha mãe”. Depois fez uma pausa, olhou para cima, como se esperasse resposta, e acrescentou: “É claro que Ele o fará”. Quão docemente simples era a fé daquela criança. Ela esperava que Deus o “fizesse”, e certamente obteve o que pediu.”

A Lista de Chamada

“Um soldado jazia em seu leito de morte durante a nossa guerra de secessão, e lhe ouviram dizer: “Aqui!” Perguntaram-lhe o que queria. Ele ergueu a mão e disse: “Silêncio! estão fazendo a chamada no céu, e estou respondendo ao meu nome”. Em seguida sussurrou: “Presente!”, e partiu.”

Nenhuma Casa Além do Túmulo

“Falaram-me de um rico que morreu recentemente. A morte chegou inesperadamente a ele, como quase sempre acontece, e ele mandou chamar o seu advogado para redigir o seu testamento. E se pôs a distribuir as suas propriedades. Quando chegou a vez da mulher e do filho, disse que queria que eles ficassem com a casa. Mas a criança não entendia o que era a morte. Ela estava perto e disse: “Papai, você tem casa na terra para onde vai?” A flecha atingiu-lhe o coração; porém era tarde demais. Ele percebeu o seu erro. Não tinha casa nenhuma além do túmulo.”

Não os cansarei mais. Vocês poderão fazer com segurança o que os homens mais benéficos fizeram antes de vocês. Imitem-nos, não só no seu emprego das ilustrações, mas também em sua sabedoria em mantê-las subservientes ao propósito que eles tinham em vista. Não eram simples

narradores de histórias, eram pregadores do evangelho. Seu objetivo não era o entretenimento das pessoas, e sim a sua conversão. Jamais chegaram ao ponto de enxertar um fragmento expressivo que estiveram guardando para exhibir, e nunca se poderia dizer que as suas ilustrações eram

*“Janelas que a luz recusam;
passagens que a nada levam”.*

Mantenham a devida proporção das coisas, para que não suceda coisa pior do que eu perder o meu trabalho, tornando-me assim causa de vocês apresentarem feixes de historietas em vez de boas doutrinas, pois isso seria uma coisa tão ruim como se vocês oferecessem a homens famintos flores em vez de pão, e dessem aos desnudos gases de teia de aranha em vez de roupa de lã.

3

Empregos de Anedotas e Ilustrações

Os empregos de anedotas e ilustrações são múltiplos. Mas, quanto aos nossos objetivos aqui, podemos reduzi-los a sete, nem por um momento imaginando que esta será uma lista completa.

Primeiro, usamo-las *para interessar a mente e prender a atenção dos nossos ouvintes*. Não podemos suportar um auditório sonolento. Para nós, um homem sonolento não chega a ser homem. Sydney Smith observou que, embora Eva tenha sido tirada do lado de Adão enquanto este dormia, não é possível remover dessa maneira o pecado dos corações dos homens. Não concordamos com Hodge, construtor de cercas e cavador de fossas, que observou a um cristão com quem estava conversando: eu “gotcho” do domingo, “gotcho” sim; eu “gotcho” do domingo”. “E o que faz você gostar do domingo?” “Pruque”, mecê vê, é um dia de descanso; eu “vô” lá prá velha igreja, pego um banco, estico as pernas, e “num” penso em nada.” – É de temer-se que na cidade, como no campo, isto de não pensar em nada seja uma coisa muito comum. Contudo, sua consideração pelo dia sagrado, pelo ministério para o qual vocês foram chamados, e pela assembléia de adoradores, não lhes permitirá dar à sua gente ocasião para não pensar em nada. Vocês quererão incentivar todas as faculdades dos seus ouvintes para receberem a Palavra de Deus, para que ela seja uma bênção para eles.

É mister conquistarmos a atenção no início do culto, e prendê-la até o fim. Com este objetivo, muitos métodos podem ser experimentados. Mas possivelmente nenhum será mais bem sucedido que a introdução de uma história

interessante. Isto leva Hodge a ouvir, e, ainda que ele sinta falta do ar fresco dos campos, e comece a sentir-se sonolento em sua capela aquecida, outro conto o ativar  para renovada at en o. Se ele ouvir uma narrativa relacionada com a sua aldeia ou condado, você o terá “todo ali”, e poderá esperar fazer-lhe algum benefício.

A historieta no sermão corresponde ao propósito de uma gravura num livro. Todos sabem que as pessoas são atraídas pelos volumes que cont m figuras, e que, quando uma criança pega um livro, embora possa passar pelo texto sem observar nada,   mais que certo que ela se deter  nas gravuras. Não nos consideremos importantes demais para usar um método que muitos têm empregado com sucesso. Precisamos, realmente, obter at en o. Em alguns auditórios, não conseguimos cativ -los se começamos com instru o sólida; não estão querendo ser ensinados e, conseqüentemente, não estão em condições de receber a verdade, se lha expomos nua e crua. Avante, pois, com um ramalhete de flores para atrair estas pessoas   nossa mesa, a fim de podermos alimentá-las com o alimento que tanto necessitam. Justamente como o Exército de Salva o vai pelas ruas tocando trombeta e tambor para atrair pessoas às casernas, assim o homem zeloso pode gastar os primeiros minutos com uma congrega o apática para despert -la e incit -la a penetrar na câmara interior da verdade. Mesmo esse prelúdio para despertar deve ter conteúdo digno da ocasião. Mas se não estiver   altura da sua posi o média usual quanto ao peso da doutrina, poderá não somente ser escusado, porém também recomendado, se preparar os ouvintes para receberem aquilo que vem a seguir. Isca de ceva não pega peixe, mas corresponde ao seu propósito se faz os peixes chegarem perto da isca e do anzol.

A uma congrega o bem instr ida e mormente constituída de membros professos, não   preciso dirigir-se no mesmo estilo que requer um auditório recém-reunido do mundo, ou uma reunião de lerdos e formais freqüentadores de igreja. O

seu bom senso o ensinará a adaptar o seu estilo ao auditório. É possível manter intensa e demorada atenção sem o uso de uma ilustração. Muitas vezes fiz isso no Tabernáculo, quando a maioria dos seus ocupantes era de membros da igreja; mas quando o meu povo está fora, e estranhos ocupam os lugares dele, apresento toda a minha reserva de histórias, símiles e parábolas.

Às vezes conto anedotas no púlpito, e pessoas muito delicadas e especiais expressam o seu horror por eu dizer essas coisas. No entanto, quando vejo que Deus abençoou algumas das ilustrações que usei, muitas vezes penso na história do homem que levava uma alabarda e que foi atacado pelo cachorro pertencente a um nobre. Claro que, defendendo-se, matou o animal. O nobre ficou muito zangado, e perguntou ao homem como ousara matar o cão. O homem replicou que, se não o matasse, o cão o morderia e o despedaçaria. “Bem”, disse o nobre, “mas o senhor não devia tê-lo golpeado na cabeça com a alabarda; por que não bateu no cão com o cabo?” “Meu senhor”, respondeu o homem, “eu o teria feito, se ele tivesse tentado morder-me com a cauda.” Assim, quando lido com o pecado, alguns dizem: “Por que você não o trata com delicadeza? Por que não lhe fala com linguagem cortês?” E respondo: “Eu faria isso se ele me mordesse com a cauda; todavia como vejo que ele me trata rudemente, rudemente o tratarei. E qualquer tipo de arma que me ajude a matar o monstro, não acharei imprópria para a minha mão”.

Nestes dias, não podemos permitir-nos perder nenhuma oportunidade de cativar o ouvido do público. Temos que usar toda e qualquer ocasião que se nos apresente, e todos os instrumentos que tenham a probabilidade de ajudar-nos em nosso trabalho. E temos que estimular todas as nossas faculdades, e pôr em ação todas as nossas energias, para que, de algum modo possamos conseguir que as pessoas prestem atenção naquilo que são tão lentas para considerar – a grande história da justiça, da temperança e do juízo vindouro.

Precisamos ler muito e estudar arduamente, do contrário não seremos capazes de influenciar beneficentemente a nossa época e a nossa geração. Creio que o empenho mais industrioso é necessário para produzir um pregador deveras eficiente, e também a melhor habilidade natural. E é minha firme convicção que, quando você tem a melhor habilidade natural, deve suplementá-la com o maior empenho industrioso imaginável, se realmente há de prestar muito serviço a Deus, nesta geração corrupta e perversa.

A um doido na Escócia que subiu ao púlpito antes de chegar o pregador, pediu-lhe o ministro que descesse. “Não, não”, respondeu o homem, “suba aqui você também, pois nós dois somos necessários para persuadir esta geração teimosa.” Certamente se requer toda a sabedoria que pudermos obter para comover as pessoas entre as quais a nossa sina é lançada. E se nós não empregarmos todos os meios lícitos para interessar a mente dos nossos ouvintes, veremos que eles serão como certa congregação em que todos dormiam, exceto um pobre idiota. O ministro os despertou, e procurou repreendê-los, dizendo: “Olhem, vocês todos estavam dormindo, menos o pobre Jock, o idiota”. Mas a sua repreensão foi interrompida por Jock, que exclamou: “E se eu não fosse idiota, estaria dormindo também”.

Deixarei que a moral dessa bem conhecida história fale por si mesma, e passarei para o meu segundo ponto, o qual é, que o uso de anedotas e ilustrações *torna a nossa pregação natural e vívida*. Este ponto é da maior importância. De todas as coisas que temos de evitar, uma das mais importantes é a de dar ao nosso povo, quando pregamos, a idéia de que estamos representando um papel. Tudo que for teatral no púlpito, na entonação, nas maneiras, ou em qualquer outra coisa, detesto com todas as veras da alma. Subam para o púlpito e falem ao povo como fariam na cozinha ou na sala de visitas, e digam o que têm para dizer-lhe com o seu tom de voz comum. Permitam-me concitar-lhes, por tudo que é bom, que joguem

fora todos os estilos bombásticos de linguagem, e tudo que se aproxime de uma imitação artificiosa. Nada pode ter sucesso com as massas, exceto a naturalidade e a simplicidade. Pois bem, alguns ministros não podem nem sequer anunciar um hino de maneira natural! “Cantemos para louvor e glória de Deus” (dito no tom que às vezes se ouve nas igrejas e capelas). Quem pensaria em falar assim numa mesa de chá? “Ficar-lhe-ei imensamente agradecido se você tiver a amabilidade de servir-me outra chávena de chá” (dito do mesmo modo inatural) – vocês jamais pensariam em dar chá nenhum a um homem que falasse desse jeito. E se pregarmos nesse estilo néscio, o povo não crerá no que dissermos. Pensará que é nosso negócio ou ocupação, e que estamos fazendo a coisa toda de maneira profissional. Precisamos livrar-nos de toda forma de profissionalismo, como Paulo se livrou da víbora, lançando-a no fogo. E devemos falar como Deus ordenou que falemos, e não com um método estranho de oratória de púlpito, fora do comum, novidadeiro.

O ensino de nosso Senhor era admiravelmente natural e vívido. Era a exposição da verdade ante os olhos, não como uma figura plana, mas como num estereoscópio, dando-lhe relevo, com todos os seus contornos e ângulos de beleza em viva realidade. Foi um excelente sermão vivo aquele, quando Ele tomou uma criança e a colocou no meio dos discípulos; e foi outro vigoroso discurso aquele em que Ele pregou sobre evitar preocupações, e se abaixou e apanhou um lírio (como suponho que fez), e disse: “Considerai os lírios, como eles crescem; não trabalham nem fiam”. De bom grado suponho que alguns corvos estavam voando por cima da Sua cabeça, e que Ele apontou para eles, e disse: “Considerai os corvos, que nem semeiam, nem segam, nem têm despensa nem celeiro, e Deus os alimenta”. Havia uma naturalidade, você vê, uma pujança de vida em torno da coisa toda.

Nem sempre podemos imitar literalmente nosso Senhor, pois, na maioria das vezes temos que pregar em locais de

culto. É uma bênção podermos ter tantas casas de oração, e agradeço a Deus que haja tantas pululando ao nosso redor. Contudo, eu daria ainda maiores louvores a Deus se metade dos ministros, que pregam em nossos vários edifícios, fossem enviados para fora deles, para pregar nas estradas, nos atalhos, e em qualquer lugar onde as pessoas fossem ouvi-los. Devemos ir por todo o mundo, e pregar o evangelho a toda criatura – não ficar parados em nossas capelas esperando que toda criatura venha ouvir o que temos para dizer. Um caçador que ficasse sentado à janela da sua sala de visitas, com a sua espingarda carregada e preparada para atirar em perdizes, provavelmente não conseguiria um fardo muito pesado de caça. Não, o que tem que fazer é calçar os seus borzeguins, e andar pelos campos, e então acertará o tiro nas aves que procura. Assim conosco, irmãos. Devemos ter sempre os nossos sapatos prontos para o trabalho no campo, e estar sempre alerta quanto às oportunidades de sair por entre as almas humanas, para podermos trazê-las como troféus do poder do evangelho que nos cabe proclamar.

Talvez não nos seja prudente tentar fazer os nossos sermões naturais e vívidos no estilo em que o estranho e velho Matthew Wilks às vezes fazia; como em certa manhã de domingo, levou para o púlpito uma pequena caixa, abriu-a pouco depois, e exibiu à congregação uma diminuta balança, e depois, virando as páginas da Bíblia com grande deliberação, ergueu a balança e anunciou como texto do seu sermão: “Pesado foste na balança, e foste achado em falta”. Acho porém, que foi mais pueril que poderoso. Prefiro Matthew Wilks quando, noutra ocasião, pregando sobre o texto “Vede prudentemente como andais”, começou dizendo: “Vocês já viram um gato andando em cima de um muro forrado de cacos de vidro de garrafas quebradas? Se já, vocês têm uma precisa ilustração do que quer dizer a injunção “vede prudentemente como andais”. Há também o caso do estimado Sr. Taylor que, pregando nas ruas de uma cidade da Califórnia, subiu num

barril de uísque. A modo de ilustração, bateu com o pé no tampo do barril e disse: “Este barril é como o coração do homem, cheio de substância má, e alguns dizem que, se o pecado está dentro de você, igualmente pode também sair”. “Não”, disse o orador, “não é assim. Agora, aqui está este uísque dentro deste barril debaixo dos meus pés. É uma coisa ruim, uma coisa condenável, uma coisa diabólica. Mas, enquanto estiver hermeticamente tampado no barril, certamente não fará o dano que fará se for levado ao bar e vendido aos ébrios das vizinhanças, mandando-os para casa prontos para espancarem suas esposas ou matarem seus filhos. Assim, se vocês mantiverem os seus pecados dentro dos seus próprios corações, eles serão maus e diabólicos, e Deus os condenará por eles; porém, em todo caso, não farão tanto dano a outras pessoas como se fossem vistos em público.” Batendo outra vez o pé no barril, disse o pregador: “Suponhamos que você queira fazer este barril passar pelas fronteiras do país, e vem o guarda aduaneiro e exige que pague os direitos alfandegários. Você diz que não deixará que tirem para fora nenhuma porção do uísque, mas o oficial lhe diz que não pode deixá-lo passar. Assim, se nos fosse possível abster-nos de pecados externos, todavia, visto que o coração está cheio de todas as formas do mal, ser-nos-ia impossível passar pelas fronteiras do céu, e achar-nos naquele santo e feliz lugar.” Isto eu achei que era algo semelhante a uma ilustração natural, e um importante método de ensino da verdade, embora não me agrade a idéia de ter sempre um barril de uísque como púlpito, pois receio que o tampo poderia cair para dentro dele, e eu cairia dentro também.

Não recomendo a nenhum de vocês que seja natural em seu ministério como aquele notável sacerdote francês que, dirigindo-se à sua congregação, disse: “Quanto às Madalenas, e às que cometem os pecados da carne, tais pessoas são muito comuns; são numerosas mesmo nesta igreja; e eu vou atirar este missal numa mulher que é uma Madalena” – e nisso todas

as mulheres presentes abaixaram a cabeça. Então disse o sacerdote: “Não, certamente nem todas vocês são Madalenas; nem pensei que fosse este o caso. Mas vocês vêm como o seu pecado as revela!”

Tampouco lhes recomendo que sigam o exemplo do clérigo que, quando foi levantada uma coleta para a iluminação e o aquecimento da igreja, depois de ter pregado algum tempo, soprou apagando as candeias dos dois lados do púlpito, dizendo que a coleta era para as luzes e para o aquecimento, e ele não precisava de luz nenhuma, pois não lia o seu sermão, “mas”, acrescentou, “quando Roger anunciar o salmo daqui a pouco, vocês vão querer luz para ver os seus livros; assim, as candeias são para vocês mesmos. E quanto à estufa, eu não preciso do calor dela, pois o exercício que faço ao pregar é suficiente para manter-me aquecido. Portanto, vêm que a coleta é totalmente para vocês nesta ocasião. Ninguém pode dizer que os clérigos estão fazendo coleta para eles próprios desta vez, pois neste domingo é totalmente para o interesse pessoal de vocês.” Acho que o homem foi tolo ao fazer essas observações, embora saiba que se tem feito referência ao seu comportamento como excelente exemplo de intrepidez na pregação.

Há uma história que se conta a meu respeito que, como muitos contos que falam de mim, é uma *história* em dois sentidos. Dizem que, para mostrar o modo como os homens se extraviam, uma vez derrubei os balaústres do púlpito. Só menciono isso, de passagem, porque um fato notável é que, no tempo em que se contou a história, o meu púlpito era fixo na parede, e não havia balaústre, de modo que o reverendo estulto (que é o que teria sido, se é que fizera o que o povo disse) não podia ter feito aquela coisa ridícula, caso estivesse inclinado a tentar fazê-la. Mas, conquanto não verdadeira, a anedota serve a todos os propósitos da vívida naturalidade que tenho procurado descrever.

Provavelmente vocês se lembram do caso de Whitefield

retratando um cego e seu cão andando na beira de um precipício, os pés quase resvalando pela borda. A descrição do pregador foi tão vívida e tão natural, que o lorde Chesterfield levantou-se de um salto e exclamou: “Meu Deus! ele se foi!” Mas Whitefield respondeu: “Não, meu lorde, não se foi de vez ainda; esperemos que se salve”. Depois prosseguiu, falando do cego conduzido por sua razão, que é apenas semelhante a um cão, demonstrando que o homem conduzido somente pela razão está prestes a cair no inferno. Quão vividamente se vê o amor do dinheiro exposto na história contada por nosso venerável amigo, o Sr. Rogers, sobre o homem que, quando jazia à morte, pôs o seu dinheiro na boca porque o amava muito e queria levar consigo um pouco dele! Como é impressionante a inutilidade das riquezas deste mundo como consolação para nós em nossos últimos dias, inutilidade trazida perante nós pela narrativa em que o honrado Jeremiah Burroughs fala de um avarento que tinha as suas sacolas de dinheiro perto da sua mão, em seu leito de morte! Ele as pegou e disse: “Tenho que deixá-lo? Tenho que deixá-lo? Vivi por você estes anos todos, e agora tenho que deixá-lo?” E assim morreu. Há outro conto que se conta sobre outro homem que padeceu muitas dores ao morrer, e especialmente a grande dor de uma consciência perturbada. Também tinha consigo as suas bolsas de dinheiro, reunindo-as uma a uma, junto com os seus documentos de hipotecas, os seus títulos e escrituras de propriedade. Pondo essas coisas todas junto do coração, suspirou e disse: “Estas coisas não me valem; estas coisas não me valem; fora com elas! Como são pobres estas coisas todas, quando preciso mais que, tudo de conforto em meus últimos momentos!”

Quão distintamente se nos apresenta o amor a Cristo na história de John Lambert, amarrado num poste e morto na fogueira; todavia, batendo palmas enquanto o fogo o queimava, e bradando: “Nada, senão Cristo! Nada, senão Cristo!”, até que as suas extremidades inferiores se queimaram, ele

caiu das correntes no fogo, exclamando ainda, no meio das chamas: “Nada, senão Cristo! Nada, senão Cristo!”

Com que clareza a verdade fica exposta diante de você quando ouve histórias como estas! Você pode captá-la quase tão bem como se o incidente se desse diante dos seus olhos. Com que perfeição você pode ver a insensatez do desentendimento entre os cristãos, na história do Sr. Jay sobre os dois homens que caminhavam em direções opostas numa noite de nevoeiro! Cada um via o que julgava ser um monstro terrível movendo-se rumo a ele, e fazendo o seu coração bater forte de terror. Quando chegaram perto um do outro, viram que os monstros eram irmãos. Assim, muitas vezes homens de diferentes denominações ficam com medo uns dos outros; mas quando se aproximam, e conhecem os corações uns dos outros, vêem que, afinal de contas, são irmãos. A história do negro e seu senhor ilustra bem a necessidade de começar do começo, nas coisas celestiais, e de não nos metermos nos pontos mais profundos da nossa santa religião, enquanto não aprendermos completamente as suas lições elementares. Um pobre negro estava trabalhando arduamente para levar o seu senhor ao conhecimento da verdade, e estava insistindo em que ele exercesse fé em Cristo, quando o outro se escusou porque não podia entender a doutrina da eleição: “Ah! Sinhô”, disse o negro, “o sinhô não sabe o que vem antes da Epístola aos Romanos? O sinhô deve ler o Livro do jeito certo. A doutrina da eleição está em Romanos, e primeiro vêm Mateus, Marcos, Lucas e João. O sinhô está só em Mateus ainda; esse trata do arrependimento. E quando o sinhô chegar a João, vai ler que o Sinhô Jesus Cristo disse que Deus amou tanto o mundo, que deu o Seu Filho unigênito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” Assim, irmãos, vocês podem dizer aos seus ouvintes: “Será melhor que leiam primeiro os quatro Evangelhos, do que comecem lendo Romanos; estudem primeiro Mateus, Marcos, Lucas e João, e depois podem ir adiante, às Epístolas”.

Todavia não preciso continuar a dar-lhes ilustrações, porque muitas se sugerirão sozinhas. Dei-lhes o suficiente para mostrar que elas tornam a nossa pregação natural e vívida. Portanto, quanto mais ilustrações tiverem, tanto melhor. Ao mesmo tempo, cavalheiros, devo adverti-los do perigo de terem demasiadas historietas em um único sermão. Talvez devam ter um prato de salada na mesa; mas, se convidarem os seus amigos para o jantar e não lhes derem nada senão salada, eles não se sentirão muito bem, e não quererão vir à sua casa outra vez.

Em terceiro lugar, anedotas e ilustrações podem ser empregadas para *explicar doutrinas ou deveres a entendimentos leigos*. Elas podem ser, de fato, a melhor forma de exposição. O pregador deve comparar, exemplificar e ilustrar o seu assunto, de modo que os seus ouvintes possam familiarizar-se realmente com aquilo que ele lhes está apresentando. Se alguém tentasse fazer-me uma descrição de uma peça de máquina, possivelmente não conseguiria fazer-me compreender do que se tratava. Mas se ele tivesse a bondade de mostrar-me um desenho das várias seções, e depois, da máquina toda, eu, de um jeito ou de outro, a todo custo, saberia como funcionava. A representação pictórica de uma coisa é sempre um meio de instrução muito mais poderoso do que qualquer descrição verbal pura e simples. É justamente deste modo que as historietas e ilustrações são úteis aos nossos ouvintes. Tomem, por exemplo, esta anedota para ilustrar o texto “Mas tu, quando orares, entra no teu aposento, e, fechando a porta, ora a teu Pai que está em oculto”. Um menino costumava subir à parte superior do celeiro para orar. Contudo, às vezes via que chegavam pessoas e o perturbavam. Daí por diante, sempre que ali subia puxava a escada para cima. Ao contar esta história, vocês poderiam explicar como o rapaz entrava assim no seu aposento e fechava a porta. O sentido não consiste tanto em entrar literalmente num aposento, ou em fechar a porta, como em afastar-se das fontes terrenas de distração, puxando para cima

a escada atrás de nós e excluindo aquilo que poderia entrar e estorvar as nossas devoções secretas. Eu gostaria que pudéssemos puxar sempre a escada depois de nós quando nos retiramos para orar privadamente; mas muitas coisas tentam subir aquela escada. O próprio diabo quererá subir para nos perturbar, se puder; e ele pode chegar ao alto do celeiro sem escada alguma.

Que magnífica exposição do quinto mandamento foi a que o cabo Trim fez quando lhe perguntaram: “Que entendes por honrar teu pai e tua mãe?” e ele respondeu: “Com prazer, excelência; é dar-lhes uma parte do meu soldo quando eles envelhecerem”. Essa foi uma admirável explicação do sentido do texto. Então, se vocês quiserem mostrar como devemos ser praticantes da Palavra, e não somente ouvintes, existe a história da mulher que, quando o ministro lhe perguntou o que ele tinha dito no domingo, replicou que não se lembrava do sermão, mas este lhe tocara a consciência, pois quando chegou em casa queimou a sua vasilha de medir cereais, pois não era exata. Há outra história que também serve para mostrar que o evangelho pode ser útil até para os ouvintes que esquecem o que ouviram. O ministro visita uma mulher numa segunda-feira, e a encontra lavando lã numa peneira, segurando-a sob a bomba d’água. Ele lhe pergunta: “Gostou do discurso de domingo passado?” Ela responde que lhe fez muito bem. “Bom, qual foi o texto?” Ela não se lembra. “Qual foi o assunto?” “Ah, senhor, sumiu tudo”!, diz a pobre mulher. “Não se lembra de alguns dos comentários feitos?” “Não, desapareceram todos da memória.” “Ora, Mary”, diz o ministro, “então ele não pode ter-lhe feito muito bem.” Oh, mas lhe tinha feito muitíssimo bem! E ela lho explicou, dizendo: “Eu lhe direi, senhor, como é. Coloco esta lã na peneira, debaixo da bomba, bombeio sobre ela, e a água escorre pela peneira, mas então lava a lã. Assim é com o seu sermão. Ele entra no meu coração, e logo escorre através da minha pobre memória, que é como uma peneira; porém me lava e me limpa, senhor.”

Vocês poderiam falar longo tempo a respeito do poder purificador e santificante da Palavra de Deus, e não causariam tanta impressão aos ouvintes como essa história singela.

Que mais excelente exposição do texto “Chorai com os que choram” poderiam vocês fazer do que com esta historieta? “Mamãe”, disse a pequena Annie, “não posso entender por que a pobre viúva Brown gosta que eu vá vê-la. Diz ela que eu a conforto muito. Mas, mamãe, eu não consigo dizer nada para confortá-la e, logo que ela começa a chorar, eu ponho os meus braços em volta do pescoço dela, e choro também. E ela diz que isso a conforta.”

E assim é. Esta é a quintessência do conforto – a simpatia no sentido real da palavra, o sentimento de companheirismo que moveu a garotinha a chorar com a viúva que chorava. O Sr. Hervey assim ilustra a grande verdade da diferença da aparência do pecado aos olhos de Deus e aos olhos do homem. Diz ele que se pode pegar um pequeno inseto, e com a agulha mais fina fazer nele uma punctura tão diminuta que dificilmente se pode ver a olho nu. Mas, quando se olha nele com um microscópio, vê-se uma enorme rotura, da qual sai uma corrente púrpura, fazendo a criatura parecer ter sido golpeada com o machado que mata uma vaca. É apenas pelo defeito de nossa visão que não podemos ver corretamente as coisas. No entanto, o microscópio as revela como realmente são. Desse modo vocês podem explicar aos seus ouvintes como o olho microscópico de Deus vê o pecado em seus aspectos verdadeiros. Suponhamos que vocês quisessem apresentar o caráter de Calebe, que seguiu fielmente o Senhor. Seria de grande ajuda para muitas pessoas se vocês dissessem que o nome Calebe quer dizer cão, e depois mostrassem como um cão segue a seu senhor. Ali vai o seu dono a cavalo, cavalgando por estradas lamacentas. Mas o cão se mantém perto dele quanto possível, sem se importar com quanta lama e sujeira espirrem nele, e sem que o estorvem as patadas que possa levar do cavalo. Exatamente assim devemos seguir o

Senhor. Se vocês quiserem exemplificar a brevidade do tempo, poderão apresentar a pobre costureira, com o seu toco de vela, costurando sem parar para terminar o trabalho antes de consumir-se a luz.

Muitos pregadores acham a maior dificuldade em conseguir metáforas próprias para expor a fé singela no Senhor Jesus Cristo. Há uma notável anedota sobre um idiota a quem o pastor, que o estava instruindo, perguntou se ele tinha alma. Para a completa consternação do seu bondoso mestre, ele respondeu: “Não, eu não tenho alma”. O pregador disse que estava espantado por ele não ter melhor conhecimento do que esse, depois de ter sido ensinado durante anos. Mas o pobre sujeito saiu-se com esta explicação: “Eu tinha alma antes, mas a perdi. E Jesus Cristo veio e a encontrou. Agora eu deixo que Ele a guarde, pois é dEle, e não me pertence mais”. Esse é um excelente quadro descritivo do método de salvação pela simples fé na substituição feita pelo Senhor Jesus Cristo. E a mais pequenina criança da congregação poderia compreendê-lo por meio da história do pobre idiota.

Em quarto lugar, *há uma espécie de raciocínio nas anedotas e ilustrações que é muito claro para as mentes ilógicas*. E muitos dos nossos ouvintes têm mentes desse tipo, apesar de serem capazes de entender casos ilustrativos e fatos rudes. As historietas verdadeiras são fatos, e os fatos são coisas rudes. Os casos, quando multiplicados suficientemente, provam um ponto, como sabemos pela filosofia indutiva. Dois casos talvez não o provem, mas vinte podem prová-lo, como numa demonstração. Tome-se a importantíssima questão das respostas à oração. Vocês podem provar que Deus responde às orações citando historieta após historieta, que saibam que são autênticas, de casos em que Deus realmente ouviu e respondeu à oração. Tomemos, por exemplo, aquele notável opúsculo do Sr. Prime sobre o *Poder da Oração*. Creio que nele vocês têm a verdade sobre este assunto demonstrada tão claramente como poderiam tê-la numa proposição de

Euclides. Acho que, se o mesmo número de fatos pudesse ser narrado com relação a qualquer questão relativa à geologia ou à astronomia, considerar-se-ia resolvido e definido o ponto. O escritor introduz tão abundantes provas de Deus ter ouvido orações, que até os homens que rejeitam a inspiração da Bíblia devem, pelo menos, reconhecer que este é um fenômeno maravilhoso que não podem interpretar por outra explicação senão com aquela que proclama que existe um Deus que tem consideração pelo clamor do Seu povo na terra.

Tenho ouvido sobre algumas pessoas que levantam objeções quanto a trabalhar pela conversão dos seus filhos, baseadas em que Deus salva os Seus sem qualquer esforço da nossa parte. Lembro-me de ter feito recuar um homem que sustentava essa opinião, falando-lhe de um pai que nunca ensinara o seu filho a orar, nem sequer o instruíra sobre o significado da oração. Achava isso errado, e que essa obra devia ser deixada ao Santo Espírito de Deus. O menino levou uma queda e quebrou a perna, e teve que perdê-la. Durante o tempo todo em que o cirurgião a estava amputando, o rapaz ficou amaldiçoando e blasfemando de maneira horrorosa. O bom cirurgião disse ao pai: “Você vê, não quis ensinar o seu menino a orar, mas evidentemente o diabo não teve nenhuma objeção a ensiná-lo a blasfemar”. Aí está o erro disso: se não tentarmos o melhor que pudermos para levar os nossos filhos a Cristo, há outro que fará o pior que puder para arrastá-los para o inferno. Certa mãe disse ao filho doente, que estava para morrer e se achava num terrível estado mental: “Meu filho, entristece-me vê-lo com tal aflição; estou certa de que nunca lhe ensinei nenhum mal”. “Não, mãe”, respondeu ele, “mas a senhora nunca me ensinou nenhum bem; daí, ficou havendo lugar para penetrar-me toda espécie de males.” Para muitas pessoas, estas histórias todas serão o melhor tipo de argumento que talvez vocês possam usar com elas. Vocês lhes apresentam fatos, e estes fatos atingem a consciência delas, ainda quando embutida em várias polegadas de calosidade.

Não sei de nenhuma argumentação que explicasse a necessidade de submissão à vontade de Deus, melhor do que a narração da história que, em sua *Biografia*, dá-nos o Sr. Gilpin, contando que foi chamado para orar com uma mulher cujo filho estava muito doente. O bom homem estava pedindo a Deus que, se fosse da Sua vontade, restaurasse a vida e saúde da querida criança, quando a mãe o interrompeu e disse: “Não, eu não posso concordar com uma tal oração; não posso fazê-la dessa forma. Tem que ser da vontade de Deus a recuperação do meu filho. Não posso suportar que meu filho morra. Ore rogando que ele viva, seja ou não esta a vontade de Deus”. Respondeu ele: “Mulher, não posso fazer essa oração, mas ela já foi respondida. O seu filho se recuperará, mas você viverá para lamentar o dia em que fez tal pedido.” Vinte anos depois, uma mulher foi carregada desfalecida, por uma síncope, em Tyburn – antigo local de enforcamentos na Inglaterra – pois o filho dela vivera o bastante para ser levado à forca por seus crimes. A oração iníqua da mãe fora ouvida, e Deus lhe respondera. Assim, se vocês quiserem provar o poder do evangelho, não fiquem desperdiçando palavras sem propósito. mas contem histórias de casos com que se tenham deparado e que ilustrem a verdade que vocês estão procurando incutir, pois essas historietas convencerão os seus ouvintes como nenhuma outra espécie de argumento poderá fazê-lo. Creio que isto ficou bastante claro para cada um de vocês.

As historietas também são úteis porque muitas vezes exercem atração quase irresistível sobre a natureza humana. Para repreender os que profanam o dia do Senhor, contem a historietta do cavalheiro que tinha sete libras esterlinas, encontrou um pobre sujeito a quem deu seis das sete que tinha, e depois a vil criatura voltou e lhe roubou a sétima. Com que clareza isso expõe a ingratidão da nossa raça pecadora, privando Deus do único dia dentre sete, que Ele separou para o Seu serviço! A seguinte história apela à natureza. Dois ou três rapazes rodeiam um dos seus companheiros e lhe dizem:

“Vamos apanhar umas cerejas do quintal do seu pai”. “Não”, replica ele, “eu não roubo, e meu pai não quer que aquelas cerejas sejam apanhadas.” “Oh, mas o seu pai é tão bom, e nunca bate em você!” “Ah, sei que isso é verdade”, responde o rapaz, “e essa é justamente a razão pela qual não roubaria as cerejas dele!” Isso poderia mostrar que a graça e a bondade de Deus não levam os Seus filhos à licenciosidade, e sim, ao contrário, coíbem-nos de pecar.

Uma outra história também atrai a natureza humana, e mostra que nem sempre devemos confiar nos chamados “Pais da Igreja” como fontes de autoridade. Um nobre ouvira falar de certo ancião que vivia numa aldeia, e o procurou e o achou, e viu que ele tinha setenta anos de idade. Estava conversando com ele, supondo que fosse o habitante mais idoso, quando o homem disse: “Oh, não, senhor; não sou o mais velho! Não sou o pai da aldeia. Há alguém mais velho, o meu pai, que ainda vive.” Assim, ouvi falar de alguns que disseram que deixaram de lado “os Pais da Igreja”, indo em busca dos pais realmente antigos, isto é, deixaram os comumente chamados “Pais Patrísticos”, retornando aos apóstolos, que são os verdadeiros pais e avós da Igreja Cristã.

Às vezes as historietas têm poder por provocarem o senso do lúdrico. É claro que devo ser muito cuidadoso aqui, pois há uma certa tradição dos Pais de que é errado rir nos domingos. O undécimo mandamento é que devemos amar-nos uns aos outros; e depois, segundo algumas pessoas, o décimo-segundo é: “Ficarás de rosto comprido no domingo”. Devo confessar que preferiria ouvir as pessoas rirem a vê-las dormirem na casa de Deus; eu preferiria implantar neles a verdade por meio do ridículo do que ver a verdade negligenciada ou deixar que pereçam por não terem recebido a verdade. Creio de coração que pode haver tanta santidade numa risada como num choro, e que, às vezes, rir é das duas coisas a melhor. Sim, pois, posso chorar e estar murmurando, queixando-me, e alimentando todo tipo de pensamentos

amargos contra Deus, ao passo que, noutra ocasião, posso dar a risada do sarcasmo contra o pecado e, assim, evidenciar santo zelo na defesa da verdade.

Não sei por que se deva deixar o ridículo com satanás como arma para ser usada contra nós, e não para ser empregada por nós contra ele. Aventuro-me a afirmar que a Reforma deveu quase tanto ao senso do ridículo da natureza humana como a tudo mais, e que aquelas sátiras e caricaturas publicadas pelos amigos de Lutero fizeram mais para abrir os olhos da Alemanha às abominações do sacerdócio do que os mais sólidos e veementes argumentos contra o romanismo. Não sei de nenhuma razão por que não devamos, em ocasiões propícias, provar o mesmo estilo de argumentação. “E uma arma perigosa”, dir-se-á, “e muitos cortarão os próprios dedos com ela.” Bem, compete-lhes estar vigilantes; mas não sei por que devamos dar tanta importância a isso de cortar os seus dedos, se puderem, ao mesmo tempo, cortar a garganta do pecado e causar grande dano ao grande adversário das almas.

Eis uma história que eu não me importaria de contar num domingo para benefício de certas pessoas muito boas para ouvir sermões e freqüentar reuniões de oração, mas péssimas para trabalhar. Nunca trabalham nos domingos, porque nunca trabalham em nenhum dia da semana. Esquecem a parte do mandamento que diz, “Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra”, e que é tão obrigatória como a outra parte, “Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus: nele não farás nenhuma obra”. A essas pessoas que nunca trabalham por serem tão “espirituais”, eu contaria a história de certo monge que entrou num mosteiro, mas não queria trabalhar nos campos, nem no jardim, nem na confecção de roupas, nem em nenhuma outra coisa, porque, como ele disse ao superior, era um monge devotado às coisas espirituais. Admirou-se, ao chegar a hora do jantar, que ninguém o chamou ao refeitório. Daí, ele desceu até o prior, e disse: “Aqui os frades não comem? Vocês não vão jantar?” Disse o prior: “Nós sim, porque somos carnaís; mas

você é tão “espiritual” que não trabalha, e, portanto, não precisa comer. Por isso não o chamamos. A lei deste mosteiro é esta; se alguém não trabalhar, também não comerá.”

É uma boa história a do rapaz da Itália cujo Novo Testamento foi apreendido, e que disse ao *gendarme*: “Por que o senhor apreendeu este livro? É um livro mau?” “É”, foi a resposta. “Tem certeza de que é um livro mau?”, perguntou; e de novo a resposta foi: “Tenho”. “Então, por que o senhor não prende o Autor dele, se é um livro ruim?” Essa foi uma fina peça de sarcasmo para com aqueles que odiavam as Escrituras, e, contudo, professavam amor a Cristo. Outra boa história, a do nosso amigo irlandês que, inquirido pelo sacerdote sobre que autoridade um ignorante como ele tinha para ler a Bíblia, respondeu: “É verdade; mas tenho uma autorização para pesquisa, pois ela diz (Versão Autorizada inglesa): “Pesquisai as Escrituras, porque pensais ter nelas a vida eterna; e são elas que de mim testificam”.

Não seria inoportuna esta história, acho eu, como uma espécie de argumento ridículo que mostra quão grande poder o evangelho deve ter sobre a mente humana. O Dr. Moffat fala-nos de um certo cafre que o procurou um dia, dizendo que o Novo Testamento, que o missionário lhe dera uma semana antes, tinha estragado o seu cão. Disse o homem que o seu cão fora um excelente cão de caça, mas que tinha rasgado e comido o Novo Testamento, e agora estava completamente inutilizado. “Não tem importância”, disse o Dr. Moffat, “vou dar-lhe outro Novo Testamento.” “Oh”, disse o homem, “não é isso que me preocupa; não me importa que o cão tenha estragado o livro, pois posso comprar outro; mas, sim, que o livro tenha estragado o cão!” “Como é isso?”, indagou o missionário. Replicou o cafre: “Agora o cão vai ser completamente inútil para mim, porque ele comeu a Palavra de Deus, e isso o fará amar os seus inimigos, de modo que não servirá para caçar”. O homem supunha que, nem mesmo um cachorro poderia receber o Novo Testamento sem ser por ele

abrandado em seu temperamento. É isso, na verdade, que deve acontecer com todos quantos se alimentam do evangelho de Cristo. Eu não hesitaria em contar essa história, seguindo o Dr. Moffat, e naturalmente a usaria para mostrar que, quando um homem recebe a verdade como se nos apresenta em Jesus, deve operar-se grande mudança nele, e nunca mais deve ter qualquer utilidade para o seu antigo senhor.

Quando os sacerdotes estavam tentando perverter os nativos de Taiti ao romanismo, usaram uma ótima figura que esperavam convenceria o povo da excelência da igreja católica romana. Ali estavam umas achas de lenha seca. A quem representariam? Eram os hereges, que deviam ir para o fogo. E aqueles pequenos ramos da árvore, quem eram? Eram os fiéis. E os galhos grandes? Eram os sacerdotes. E os que lhes vinham em seguida? Eram os cardeais. E quem era o tronco da árvore? Oh, esse era o papa! E a raiz que a fez crescer? Oh, a raiz era Jesus Cristo! Daí os pobres nativos disseram: “Bem, nada sabemos do tronco e dos galhos; mas temos a raiz, e queremos firmar-nos nela, sem largá-la nunca”. Se temos a raiz, se temos Cristo, podemos rir das pretensões e ilusões dos homens.

Estas histórias nos fazem rir, mas também golpeiam o erro diretamente no coração, e o matam. E, portanto, podem ser empregadas legitimamente como armas com as quais podemos travar as batalhas do Senhor.

Em quinto lugar, outro emprego das anedotas e ilustrações consiste no fato de que *ajudam a memória a captar a verdade*. Conta-se uma história – cuja veracidade não garanto – de certo camponês que fora persuadido por alguns de que todos os londrinenses eram ladrões. Daí, quando veio a Londres pela primeira vez, procurou assegurar o seu relógio metendo-o no bolso do colete, cobrindo-o depois com anzóis. “Agora”, pensou ele, “se algum cavalheiro tentar pegar o meu relógio, ele se lembrará disso!” Diz a história que, quando caminhava pelas ruas, ele próprio quis saber as horas e meteu a mão no bolso,

esquecido dos anzóis. O efeito produzido nele pode ser mais bem imaginado que descrito.

Pois bem, parece-me que o sermão sempre deve ser como o bolso daquele camponês, cheio de anzóis, de modo que, se alguém entrar para ouvi-lo, fique com algum *não-me-esqueça*, algum lembrete, preso no ouvido, e, talvez, no coração e na consciência. Caso chegue justo no fim do discurso, deve haver algo na conclusão que comova e se engrave. Como quando andamos pelos campos dos nossos amigos fazendeiros, há certos espinhos, como picões, que infalivelmente se prendem em nossas roupas, e, por mais que as escovemos, sempre algumas relíquias dos campos ficam nelas. Assim deve haver em nossa prédica algum picão que se fixe nos que a ouvem.

Que é que vocês lembram melhor dos discursos que ouviram há anos? Aventuro-me a dizer que é alguma historietta que o pregador contou. É possível que seja alguma frase expressiva. Mas é mais provável que seja alguma história marcante inserida no transcurso do sermão. Pouco antes de morrer, Rowland Hill visitou um velho amigo, que lhe disse: “Sr. Hill, faz sessenta e cinco anos que o ouvi pregar pela primeira vez; porém me lembro do texto e de parte do sermão”. “Bem”, perguntou o pregador, “que parte do sermão você recorda?” Respondeu o amigo: “O senhor disse que algumas pessoas, quando iam ouvir um sermão, mostravam-se muito melindradas quanto à maneira de pregar do pregador. Então o senhor disse: “Suponhamos que você fosse ouvir a leitura do testamento de um dos seus parentes, e esperasse receber dele um legado. Dificilmente você pensaria em criticar a maneira de ler do advogado; mas ficaria atento para ouvir se algo lhe foi deixado, e, se foi, quanto. E é desse jeito que se deve ouvir o evangelho.” Ora, o homem não teria lembrado isso durante sessenta e cinco anos, se o Sr. Hill não tivesse colocado o assunto dessa forma ilustrativa. Se ele tivesse dito: “Diletos amigos. vocês devem ouvir o evangelho por amor do evangelho, e não apenas pelos encantos

da oratória do pregador, ou pelos ressonantes e deleitáveis períodos gratificantes aos nossos ouvidos” – se ele tivesse colocado o assunto dessa bela maneira, como alguns soem fazer, sou forçado a dizer que o homem o teria lembrado pelo mesmo tempo que um pato se lembra da última vez que entrou na água, e não mais. Sim, pois teria sido uma maneira muito comum de falar. Entretanto, colocando a verdade do modo impressivo como o fez, ela foi lembrada durante sessenta e cinco anos.

Um cavalheiro americano contou a seguinte historieta que corresponde bem ao propósito que tenho em vista, de modo que a transmito a vocês. Disse ele: “Quando eu era menino, muitas vezes ouvi a história de um alfaiate que teve vida muito longa e ficou riquíssimo, de modo que veio a ser objeto de inveja de todos quantos o conheciam. Sua vida, como acontecerá com todas as vidas, chegou ao fim. Antes, porém, do seu passamento, sentindo desejo de beneficiar alguns dos seus colegas de ofício, anunciou que, certo dia, teria prazer em comunicar a todos os alfaiates da vizinhança o segredo com o qual poderiam ficar ricos. Os nobres do dedal vieram em grande número e, enquanto esperavam em ansioso silêncio para ouvir a importante revelação, ergueram o ancião no leito e ele, com o alento a fenecer, pronunciou esta frase curta: *“Sempre dêem nó na linha”*.”

Por isso lhes recomendo, irmãos, que usem anedotas e ilustrações, porque elas dão nós no fio do seu discurso. Que utilidade há em puxar a ponta da linha através de todo o material com que vocês estão trabalhando? Todavia, não tem sido este o caso quanto a muitos sermões que ouvimos, ou quanto a discursos que nós mesmos proferimos? Grande parte daquilo que ouvimos passa pelas nossas mentes, sem deixar nenhuma impressão duradoura, e tudo o que recordamos é alguma historieta contada pelo pregador.

Há um caso, confirmado como autêntico, de um homem que foi convertido por meio de um sermão, oitenta e cinco

anos depois de ter ouvido a pregação dele. O Sr. Flavel, ao concluir uma prédica, em vez de pronunciar a bênção costumeira, levantou-se e disse: “Como posso despedi-los com uma bênção, se muitos de vocês são “Anátema, Maranata”, porque não amam ao Senhor Jesus Cristo?” Um jovem de quinze anos ouviu aquele extraordinário pronunciamento. Oitenta e cinco anos depois, sentado sob uma sebe, creio que na Virgínia, a cena toda veio vividamente perante ele, como se tivesse acontecido no dia anterior. E aprovou a Deus abençoar as palavras do Sr. Flavel para a conversão daquele homem. Este viveu mais três anos para dar bom testemunho de que ele sentira o poder da verdade no seu coração.

Em sexto lugar, as historietas e ilustrações são úteis porque *muitas vezes despertam as emoções*. Contudo, não o farão, se vocês contarem as mesmas histórias repetidamente, inúmeras vezes, lembro-me de que, quando ouvi pela primeira vez aquela maravilhosa história sobre “Há outro homem”, chorei muito. Pobre alma, recém-resgatada, meia morta, tendo apenas uns trapos sobre si, e, apesar de tudo, disse: “Há outro homem”, necessitando salvamento. A segunda vez que ouvi a história, gostei, mas não a achei tão notável como a princípio. E na terceira vez, decidi que não queria ouvi-la nunca mais. Não sei quantas vezes a ouvi daí em diante, porém sempre posso dizer quando ela está para sair. O irmão fica empertigado, olha com semblante maravilhosamente solene, e diz em tom sepulcral: “Há outro homem”, e eu penso comigo mesmo: “Sim, e eu gostaria que não houvesse”, pois ouvi a história até ficar enjoado e cansado dela. Mesmo uma boa historieta pode ficar tão desgastada, que perderá toda a sua força, e não haverá utilidade em tornar a contá-la.

Todavia, uma ilustração viva, é melhor para despertar as emoções de um auditório do que poderia fazê-lo qualquer volume de descrição. Quando o Sr. Beecher levou ao púlpito uma bela e jovem escrava, com as suas algemas postas, fez mais pela causa anti-escravagista do que poderia ter feito com a

mais eloqüente arenga. Aquilo que carecemos nestes tempos não é ouvir longas preleções sobre algum assunto árido, e sim ouvir algo prático, algo que seja concreto e positivo, relacionado com a nossa maneira de ver as coisas. Quando conseguimos isto, os nossos corações logo se comovem.

Não duvido que a visão de um leito de morte comoveria os homens muito mais do que aquele admirável livro intitulado *Drelincourt on Death* (Drelincourt sobre a Morte), livro que, penso eu, ninguém jamais foi capaz de ler de capa a capa. Pode ser que haja casos de pessoas que tentaram fazer isso, mas creio que, muito antes de chegarem às partes finais, ficam em estado de asfixia ou de coma, sendo obrigados a ser friccionados com flanelas quentes, e o livro tem que ser afastado para uma certa distância, enquanto se recuperam. Se você não leu *Drelincourt sobre a Morte*, acho que sei o que leu, isto é, a história de fantasma, pespegada no fim do livro. A obra não se vendia; toda a edição ficou nas estantes das livrarias, quando Defoe escreveu a ficção intitulada *A True Relation of the Apparition of Mrs. Veal after her Death to Mrs. Bargrave* (Relato Verdadeiro da Aparição da Sra. Veal após a sua Morte à Sra. Bargrave), em que *Delincourt sobre a Morte* é recomendada pela aparição como o melhor livro sobre o assunto. Esta história não continha vestígio ou sombra de verdade, sendo totalmente fruto da imaginação, mas foi posta ao final do livro, e daí toda a edição se esgotou, e foi preciso publicar mais. Muitas vezes pode acontecer algo semelhante a isso com os nossos sermões; você deve tão-somente contar às pessoas o que de fato ocorreu, e assim reterá a atenção delas, e alcançará os seus corações.

Muitos foram levados à abnegação pelo que ouviram sobre os morávios na África do Sul, os quais viram um grande espaço de terreno cercado, em que havia pessoas putrefazendo-se de lepra, alguns sem braços e alguns sem pernas. E esses morávios não podiam pregar aos pobres leprosos sem ir lá pessoalmente, arriscando-se a apodrecer com eles. E o fizeram. Outros

dois desse mesmo nobre grupo de irmãos se venderam à escravidão nas ilhas Antilhanas, para que se lhes permitisse pregar aos escravos. Quando vocês derem tais exemplos de despreendimento e dedicação missionários, isso contribuirá mais para despertar o espírito de entusiasmo pelas missões estrangeiras do que poderiam fazer todos os seus argumentos baseados no mais rigoroso raciocínio.

Quem não ouviu e não sentiu a força da história dos dois mineiros que, quando o estopim pegou fogo, e só um deles podia escapar, e o cristão gritou ao seu companheiro não convertido: “Fuja para salvar-se porque, se você morrer, estará perdido; mas, se eu morrer, estará tudo bem comigo. Portanto, fuja você”?

O plano do tolo também tenho usado às vezes como tocante ilustração. Havia um pequeno barco que naufragou, e o homem que estava nele esforçava-se para nadar até a praia, mas a corrente era forte demais para ele. Uma hora depois de ter-se afogado, disse um homem: “Eu podia tê-lo salvo”, e quando lhe perguntaram como poderia tê-lo salvo, descreveu um plano que pareceu o mais excelente e viável, mediante o qual, sem dúvida, o homem teria sido salvo. Mas então, infelizmente, nessa altura, o homem já tinha morrido afogado! Assim, existem alguns que sempre são sábios tarde demais, alguns que talvez tenham que dizer-se a si próprios, quando este ou aquele fulano tiver seguido o caminho de todos os viventes: “O que eu não poderia ter feito por ele, se não somente o tivesse tomado a tempo!” Irmãos, que essa anedota nos lembre a todos que devemos procurar ser sábios na conquista de almas antes que seja tarde demais para resgatá-las da destruição eterna.

Em sétimo e último lugar, as anedotas e ilustrações são extremamente úteis porque *cativam o ouvido dos que são totalmente negligentes*. Em todos os sermões faz falta alguma coisa para essa classe de pessoas; e uma historieta é um bom método para captar o ouvido dos indiferentes e dos ímpios.

Desejamos realmente a salvação deles, e deveríamos preparar a nossa armadilha de todos os modos possíveis pelos quais pudéssemos captura-los para Cristo. Não podemos esperar que os nossos jovens venham ouvir dissertações doutrinárias doudas, destituídas de algum ornato que interesse as suas mentes imaturas. Não. Nem mesmo das pessoas amadurecidas, depois dos labores da semana, algumas delas ocupadas até domingo de manhã – não se pode esperar que atentem para longos e prosaicos discursos que não sejam entrecortados por uma historieta sequer.

Oh, caros, caros, caros! Como tenho pena daqueles irmãos ineptos que parecem não saber a quem estão pregando! “Ah”, disse uma vez um irmão, “sempre que prego, não sei para onde olhar, e então olho para cima, para o ventilador!” Ora, ninguém fica no alto do ventilador, nem se pode imaginar que alguém se acomode ali, a menos que os anjos do céu fiquem à escuta ali, para ouvirem as palavras da verdade. O ministro não deve pregar *diante* das pessoas, mas diretamente *a* elas. Se puder, investigue-as bem, faça um balanço delas, por assim dizer, veja de que tipo são – e aí adapte a elas a sua mensagem.

Às vezes vejo algum pobre sujeito de pé no corredor do Tabernáculo. Arre! Parece um pardal que entrou na igreja e não consegue mais sair! Parece incapaz de decifrar que espécie de culto é esse. Põe-se a contar quantas pessoas se assentam na primeira fila da galeria, e todos os tipos de idéias passam pela sua mente. Agora quero atrair a atenção dele; como o farei? Se eu citar um texto das Escrituras, pode ser que ele não entenda o sentido, e pode não estar interessado nele. Meterei um pouco de latim no sermão, ou citarei o original hebraico ou grego do texto? Isso não funcionará para tal homem. Que farei? Ah, sei uma história bem própria para ele, eu acho! Sai a história, e o homem não olha mais para a galeria, mas fica querendo saber o que o pregador pretende. É dito algo que se adapta tanto ao seu caso, que ele fica perguntando a si mesmo quem terá falado dele ao ministro, e pensa: “Ora, já sei; às vezes a minha

mulher vem ouvir este homem, de modo que ela lhe falou tudo a meu respeito!” Depois fica curioso e quer ouvir mais, e enquanto fita o pregador e ouve a verdade que está sendo proclamada, a primeira cintilação da luz das coisas divinas começa a brilhar nele. Mas se tivéssemos continuado com o nosso discurso, indiferentes àquela pessoa, sou incapaz de dizer o que teria acontecido com aquele homem. “Dizem que eu divago”, escreve Rowland Hill num sermão que estive lendo hoje à tarde; “dizem que eu divago, mas é porque vocês divagam, e sou obrigado a divagar atrás de vocês. Dizem que não me fixo em meu assunto; porém, graças a Deus, sempre me fixo no meu alvo, que é conquistar as suas almas, levá-los à cruz de Jesus Cristo!”

O Sr. Bertram ilustra habilmente a maneira pela qual os homens ficam absorvidos nas preocupações terrenas, contando a história do capitão de um navio baleeiro, a quem procurara interessar nas coisas de Deus, o qual disse: “É inútil, senhor; a sua conversa não terá efeito nenhum sobre mim. Não posso ouvir o que está dizendo, nem posso compreender o assunto de que está falando. Saí de casa para tentar pescar baleias, faz um ano e nove meses que procuro baleias, e ainda não apanhei nenhuma. Labuto nas profundezas, em busca de baleias. Quando vou para a cama, sonho com baleias; e quando me levanto de manhã, pergunto-me se apanharei uma baleia hoje. Há uma baleia no meu coração, no meu cérebro, senhor, e é inútil falar-me de outra coisa que não seja baleia”. Assim, os seus ouvintes têm as ocupações deles na cabeça e no coração. Querem fazer fortuna e aposentar-se; ou têm uma família com filhos para criar, e Susana precisa casar-se, e João precisa obter boa posição, e é inútil falar-lhes das coisas de Deus, a menos que você consiga afastar as baleias e impedir que elas fiquem por perto, espadanando e movimentando-se nas águas.

Há talvez um comerciante que nesse momento pensa num péssimo negócio. Ou outro que corre o olhar pelo edifício, nota uma fita de certa cor, e pensa: “É isso, eu devia ter maior

estoque desse artigo; vejo que está ficando na moda!” Ou pode ser que um dos ouvintes ponha os olhos em seu vizinho, e fique pensando que dever fazer-lhe uma visita no dia seguinte. Assim e que os pensamentos das pessoas estão ocupados com todos os tipos de assuntos, além daquele de que o pregador está falando.

Alguém me perguntaria como sei que a situação é essa. Bem, eu sei disso porque sou culpado da mesma falta. Vejo que ocorre isso quando ouço outro irmão pregar. Quando prego, não acho que estou indo muito bem; mas, às vezes, quando vou para a zona rural, e me incumbo dos cultos da manhã e da noite, e ouço algum outro durante a tarde, penso: “Bem, realmente, quando eu estava ali em cima eu me achava cacete; mas, *agora*, só gostaria que fosse minha vez de pregar de novo!” Ora, é ruim deixar que tais pensamentos penetrem em nossas mentes; porém, como todos nós estamos sujeitos a divagar, o pregador deve levar para o púlpito anedotas e ilustrações, e utilizá-las como pregos para fixar a atenção do povo no assunto do seu sermão.

Uma vez o Sr. Paxton Hood disse, numa palestra que o ouvi pronunciar: “Alguns pregadores esperam demais dos seus ouvintes; levam para o púlpito certo número de verdades, como um homem leva uma caixa de pregos; depois, imaginando que os ouvintes são postes, tiram um prego, e esperam que o prego se crave sozinho no poste. Ora, não é assim que se faz. Você tem que pegar o prego, pô-lo contra o poste, martelá-lo, e dobrar-lhe a ponta do outro lado. Só então você poderá esperar que o grande Senhor das assembléias fixe os pregos de modo que não venham a cair”. Devemos esforçar-nos assim, para incutir a verdade no povo, pois sozinha ela não entrará nunca. E devemos lembrar que os corações dos nossos ouvintes não estão abertos, como a porta da igreja, de modo que a verdade pudesse entrar, tomar o seu lugar, e sentar-se no seu trono, para ser cultuada ali. Não; muitas vezes temos que arrombar as portas com grande

esforço, e impelir a verdade para lugares onde a princípio não será uma hóspeda bem-vinda, mas onde, com o tempo, quanto mais bem conhecida, mais amada será.

As ilustrações e historietas ajudarão grandemente a abrir caminho para entrar a verdade. E farão isso cativando o ouvido dos negligentes e desatentos. Devemos procurar assemelhar-nos ao Sr. Whitefield, de quem disse um construtor naval: “Quando ouço algum outro pregar, sempre sou capaz de construir a estrutura do navio de popa a proa; mas quando ouço o Sr. Whitefield, não consigo construir nem a quilha”. E outro, um tecelão, disse: “Muitas vezes, quando estou na igreja, calculo quantos teares caberiam no local; mas quando ouço aquele homem, esqueço a minha tecelagem por completo”. Irmãos, vocês devem esforçar-se para fazer com que os seus ouvintes esqueçam as coisas relacionadas com este mundo, entretecendo a verdade divina integral com as coisas passageiras de cada dia – e farão isso com o judicioso emprego de anedotas e ilustrações.

Ora, cavalheiros, para que estas sete razões interessem a mente e assegurem a atenção dos nossos ouvintes, tornem natural e vívido o nosso ensino, expliquem algumas passagens difíceis para os entendimentos lerdos, auxiliem as faculdades de raciocínio de certas mentes, ajudem a memória, despertem as emoções e cativem o ouvido dos negligentes – fui persuadido, há muito tempo, a empregar historietas e ilustrações, e acho muito provável que elas levarão vocês também ao emprego delas.

Ao mesmo tempo, devo repetir o que já disse: devemos ter cuidado para não deixar que as nossas anedotas e ilustrações sejam como tonéis vazios, que não levam nada. Devemos agir de modo que não se diga de nossos sermões com verdade o que disse certa senhora a quem, depois de ouvir um clérigo pregar, perguntaram o que achava do sermão, e se não havia muito espírito nele. “Oh, sim!” replicou ela, “era todo espírito; corpo é que absolutamente não havia nele.” É preciso existir

algum “corpo” em cada discurso, alguma doutrina realmente sã, alguma instrução válida para os nossos ouvintes levarem para casa; não meramente histórias para diverti-los, mas sólida verdade para ser recebida no coração e desenvolvida no viver. Se se der isto com os seus sermões, caros irmãos, não lhes terei falado em vão, nesta tarde, sobre o emprego de historietas e ilustrações.

4

Onde Podemos Achar Anedotas e Ilustrações?

Diletos irmãos, depois da minha última preleção, sobre o emprego de anedotas e ilustrações, provavelmente vocês estão prontos para empregá-las em seus discursos; mas alguns de vocês poderão perguntar: “Onde podemos obtê-las?” Logo no início da palestra desta tarde, permitam-me dizer que *ninguém precisa inventar anedotas e histórias* a fim de interessar uma congregação. Ouvi falar de uma pessoa que foi ver o ministro numa sexta-feira, e a criada lhe disse que o patrão não podia recebê-la porque estava no escritório “inventando anedotas”. Essa espécie de serviço não fica bem para um ministro cristão.

Também os admoesto a terem cuidado com muitas histórias comuns, freqüentemente repetidas, as quais desconfio que poderiam ser provadas como fatos reais. Toda vez que tenho a mais leve suspeita sobre a veracidade de uma história, jogo-a fora de uma vez; e acho que todos deviam fazer a mesma coisa. Na medida em que as histórias sejam de uso corrente, e que sejam geralmente cridas, e dado que possam ser utilizadas para um propósito proveitoso, creio que podem ser contadas, sem ser feita qualquer afirmação quanto à sua veracidade numa corte de justiça. Mas, no momento em que alguma dúvida surgir à mente do pregador se o tal conto baseia-se em fatos, penso que é melhor que busque outra coisa, pois tem o mundo todo para onde ir, como a um armazém de ilustrações.

Se quiserem interessar os seus ouvintes e prender a atenção deles, irmãos, vocês poderão encontrar historietas e ilustrações em muitos riachos, como grãos de ouro cintilando por entre

as correntes das montanhas. Por exemplo, há uma *história corrente*. Vocês podem apanhar o jornal diário e achar ilustrações ali. Em meu pequeno livro, de um xelim, *The Bible and the Newspaper* (A Bíblia e o Jornal), dou exemplos de como se pode fazer isto. E quando estava preparando a presente preleção, peguei um jornal para ver se podia achar uma ilustração nele, e logo achei uma. Era a narrativa de um homem de Wandsworth que foi apanhado, com uma espingarda e um cão, violando as propriedades de um cavaleiro, e ele disse que estava só procurando cogumelos! Você pode imaginar o que uma arma e um cão têm que ver com cogumelos? Contudo, o guarda apalpou o bolso do homem e, sentindo alguma coisa macia, perguntou: “Que é isso?” “Oh”, disse o caçador furtivo, “é apenas um coelho!” Quando se lhe sugeriu que as orelhas da criatura eram demasiado longas para um coelho, ele disse que era uma pequena lebre, mas então ficou provado que era uma belíssima e gorda lebre. Daí o homem disse que tinha achado a lebre perto de uns cogumelos, mas que a sua intenção era somente apanhar os cogumelos! Ora, essa é uma importante ilustração. Tão logo você põe as mãos num homem e começa a acusá-lo de pecado, ele diz: “Pecado, senhor! Oh, meu caro, não! Eu estava só fazendo uma coisa boa, coisa que tenho todo o direito de fazer. Eu estava procurando cogumelos; não estava roubando caça!” Você o pressiona um pouco mais, e tenta levá-lo à convicção de pecado, e então ele diz: “Bem, talvez não fosse bem assim; pode ter sido uma coisa um pouco errada; mas era apenas um coelho!” Quando o homem não consegue mais negar que é culpado, havendo cometido pecado, diz ele que foi apenas um pequenino pecado; e custa muito tempo, você conseguir levá-lo a admitir que o pecado é extremamente grave. Na verdade, nenhum poder humano jamais pode produzir convicção genuína no coração de um só pecador que seja; tem que ser obra do Espírito Santo.

Li também, no mesmo jornal, sobre um calamitoso

naufrágio ocasionado por falta de luz. Você poderia facilmente tornar aquele incidente um relato, usando-o para ilustrar a destruição das almas pela falta de conhecimento de Cristo. Não tenho dúvida, se você apanhasse algum dos jornais diários da manhã de hoje, prontamente acharia abundantes ilustrações. O Sr. Newman Hall, falando-nos certa vez, disse que todos os ministros cristãos devem ler regularmente a Bíblia e o jornal *The Times* (Os Tempos). Imagino, por sua maneira usual de discursar, que ele mesmo faz isso. Quer você leia aquele jornal, em particular, ou outro qualquer, deve de algum modo manter-se bem suprido de ilustrações tiradas das transações comuns que se dão ao seu redor. Tenho dó, mesmo do professor de escola dominical, quanto mais do ministro do evangelho, que não possa fazer uso de incidentes como a terrível queima da igreja de Santiago, o grande incêndio da Ponte de Londres, a entrada da princesa Alexandra em Londres, o recenseamento – na verdade, qualquer coisa que atraia a atenção do público. Em todos esses acontecimentos há uma ilustração, um símile, uma alegoria, que pode assinalar uma lição moral, adornar uma narrativa.

De vez em quando você pode adaptar a *história local* à ilustração do seu assunto. Quando o ministro prega em algum distrito particular, muitas vezes verá que é melhor cativar o ouvido das pessoas e monopolizar a sua atenção, contando uma historieta relacionada com o lugar onde elas vivem. Sempre que posso, obtenho as crônicas de vários condados, pois, uma vez que vou a todos os tipos de cidades e vilas do interior para pregar, vejo que há grande quantidade de materiais úteis que se podem desencavar até dos insípidos e áridos livros topográficos. Começam, talvez, com o nome de John Smith, trabalhador, o homem que cuida do registro da paróquia, dá corda no relógio da paróquia, faz armadilhas para camundongos, ratoeiras, e faz outras cinqüenta coisas úteis. Mas, se você tiver a paciência de ler mais, encontrará

muita informação que não poderia achar em nenhuma outra parte, e provavelmente topará com muitos incidentes e anedotas que poderá empregar como ilustrações da verdade que procura expor.

Pregando em Winslow, condado de Buckinghamshire, não seria inoportuno introduzir o incidente do bom Benjamin Keach, pastor da igreja batista naquela cidade, punido no pelourinho do mercado no ano de 1664, “por escrever, imprimir e publicar um livro cismático, intitulado, *The Child’s Instructor* (O Instrutor da Criança) ou *A New and Easy Primmer* (Uma Nova e Fácil Cartilha)”. Não creio, porém, que se eu estivesse pregando em Wapping, devesse chamar o povo de “pecadores de Wapping”, como se diz que Rowland Hill fez, quando lhes disse que “Cristo podia salvar velhos pecadores, grandes pecadores, sim, até mesmo os pecadores de Wapping!” Na capela de Craven, seria mais apropriado contar a história de Lorde Craven, que estava empacotando os seus pertences pretendendo ir para o interior ao tempo da grande praga de Londres, quando o seu criado lhe disse: “Meu senhor, o seu Deus vive somente no interior?” “Não”, replicou Lorde Craven, “Ele tanto se acha aqui como lá”. “Pois bem”, disse o criado, “se eu fosse sua senhoria, acho que ficaria aqui; o senhor estará tão seguro na cidade como no campo”; e o Lorde Craven então ficou ali, confiando na boa providência de Deus.

Além disso, irmãos, vocês têm o maravilhoso repositório da *história antiga e moderna* – romana, grega, inglesa – com que, por certo, vocês estão procurando familiarizar-se. Quem pode ler os velhos contos clássicos sem sentir a alma em fogo? Ao levantar-se da leitura, vocês não só estarão conhecendo os acontecimentos dos “bravos dias de antanho”, mas terão aprendido muitas lições que poderão ser de utilidade em sua pregação hoje. Por exemplo, existe a história de Fídias e a estátua do deus que ele tinha esculpido. Depois de acabá-la, ele cinzelara no canto, com diminutas letras, a palavra

“Fídias”, e se objetou que a estátua não podia ser cultuada como deus, nem ser considerada sagrada, enquanto portasse o nome do escultor. Questionou-se seriamente se Fídias não devia ser apedrejado até morrer por ter profanado dessa forma a estátua. Como pôde ousar, perguntavam, pôr o seu nome na imagem de um deus? Assim, alguns de nós são muito capazes de querer colocar os seus pequenos nomes no fundo de alguma obra realizada para Deus, para serem lembrados, ao passo que devemos, em vez disso, censurar-nos a nós mesmos por desejarmos ter algum crédito daquilo que Deus o Espírito Santo nos capacita a fazer.

Depois há aquela outra história de um escultor antigo, que estava para colocar a imagem de um deus num templo pagão, conquanto não tivesse terminado a parte da estátua que devia ser embutida na parede. O sacerdote se opôs, e declarou que a estátua não estava completa. Disse o escultor: “Essa parte do deus nunca será vista, pois será firmada na parede”. “Os deuses podem enxergar na parede”, respondeu o sacerdote. Por semelhante modo, as partes mais reservadas da nossa vida, aquelas questões secretas que os olhos humanos jamais alcançam, estão, todavia, ao alcance da vista do Todo-poderoso, e devem ser atendidas com o máximo desvelo. Não nos basta manter a nossa reputação pública entre os nossos semelhantes, pois o nosso Deus pode enxergar na parede; Ele nota a nossa frieza na mais secreta comunhão, e percebe os nossos erros e fracassos na família.

Procurando uma vez expor como o Senhor Jesus Cristo se deleita com o Seu povo por ser obra das Suas mãos, encontrei uma história clássica de Ciro, extremamente útil. Quando mostrava o seu jardim a um embaixador estrangeiro, Ciro lhe disse: “Não é possível que você se interesse como eu por estas flores e árvores, pois eu mesmo fiz os arranjos do jardim todo, e plantei cada planta aqui com as minhas próprias mãos. Reguei-as e as vi crescer. Tenho sido um pai de família para elas e, portanto, amo-as muito mais do que lhe seria possível

amá-las.” Assim, o Senhor Jesus Cristo ama o belo jardim da Sua Igreja, porque Ele arranhou-a e a plantou com as Suas amorosas mãos, e cuida de cada planta, nutrindo-a e tratando-a com carinho.

Os dias das cruzadas constituem um período peculiarmente rico quanto a nobres histórias que dão boas ilustrações. Lemos que quando os soldados de Godofredo de Bouillon avistaram a cidade de Jerusalém, ficaram tão enlevados com o que viram, que caíram sobre os seus rostos, depois se puseram de pé, bateram palmas, e fizeram ressoar as montanhas com os seus gritos de alegria, Assim, quando avistarmos a Nova Jerusalém, o nosso lar feliz nas alturas, cujo nome sempre nos é tão precioso, faremos a nossa câmara mortuária retumbar de aleluias, e até os anjos escutarão os nossos cânticos de louvor e gratidão. Também está registrado, com relação a esse mesmo Godofredo, que, quando entrou em Jerusalém na vanguarda do seu exército vitorioso, recusou-se a usar a coroa com a qual os seus soldados queriam ornar a sua frente. “Pois”, disse ele, “por que deveria eu usar uma coroa de ouro na cidade em que o meu Senhor usou uma coroa de espinhos?” É uma boa lição para aprendermos pessoalmente e que devemos ensinar ao nosso povo. No mundo em que Cristo foi desprezado e rejeitado pelos homens, não fica bem a um cristão procurar obter honras terrenais, ou andar ambiciosamente à caça de fama. O discípulo não deve pensar em estar acima do seu Mestre, nem o servo em estar acima do seu Senhor.

A seguir, você poderia facilmente fazer uma ilustração daquela história romântica, que pode ser ou não ser verdadeira, da rainha Eleanor sugando o veneno do braço ferido do seu marido (Eduardo I). Muitos de nós, eu espero, estaríamos dispostos a, por assim dizer, sugar toda calúnia e animosidade do braço da Igreja de Cristo, e a suportar todo e qualquer sofrimento, desde que a Igreja mesma pudesse escapar e sobreviver. Meus irmãos, não poria alegremente

qualquer de nós os lábios nas peçonhentas feridas da Igreja hoje, sofrendo até a morte, antes que permitir que as doutrinas de Cristo sejam impugnadas, e que a causa de Deus seja desonrada?

Que belo campo de ilustrações jaz aí aberto para vocês na *história religiosa*! É difícil dizer onde começar a cavar nessa mina de precioso tesouro. A história de Lutero e o judeu poderia ser usada para demonstrar o mal do pecado, e como evitá-lo. Um judeu buscava uma oportunidade para apunhalar o reformador, mas Lutero recebeu um retrato do homicida em potencial, de modo que, por onde andasse, estava sempre em guarda contra o assassino. Usando ele próprio este fato como ilustração, disse Lutero: “Deus sabe que há pecados que nos destruiriam, e, portanto, Ele nos deu retratos deles em Sua Palavra, de forma que, onde quer que os vejamos, podemos dizer: “Esse é um pecado que me apunhalaria; devo ter cuidado com essa coisa má, e ficar fora do caminho dela”.

O valente reformador inglês, Hugh Latimer, naquela famosa história de um incidente em seu julgamento diante de vários bispos, salienta com muita clareza a onipresença e a onisciência de Deus, e o cuidado com que devemos andar na presença do Ser que pode ler os nossos mais secretos pensamentos e imaginações. Diz ele: “Uma vez estava sendo examinado perante cinco ou seis bispos, ocasião em que tive muitos problemas. Três vezes por semana eu era submetido a interrogatório, e me lançavam muitas armadilhas e laços para pegar-me nalguma coisa. ...Afim, fui levado para ser interrogado numa câmara decorada com tapeçaria onde costumavam interrogar-me. Mas desta vez, a câmara sofrera alguma alteração. Pois, enquanto que antes era costume haver sempre fogo aceso na lareira, agora o fogo fora eliminado, um tapete pendia sobre a lareira, e a mesa fora colocada perto dela. Entre os bispos que me examinavam, havia um que era muito conhecido meu e que eu considerava grande amigo, homem idoso, e ele estava sentado perto da ponta da mesa. Depois,

entre todas as demais questões, ele me apresentou uma que era muito sutil e ardilosa: era de tal espécie, na verdade, que eu não podia imaginar que contivesse tanto perigo. E quando me coube dar uma resposta, “Peço-lhe, Sr. Latimer”, disse um deles, “fale alto; sou ruim de ouvido, e muitos estão sentados longe”. Fiquei espantado com isso, que eu tinha que falar alto, e comecei a suspeitar, e pus atenção na lareira; e escutei uma pena escrevendo na lareira, por trás do tecido. Tinham nomeado alguém para escrever ali todas as minhas respostas, pois eles queriam assegurar-se de que eu não escaparia deles; e não havia escape deles. Deus foi meu bom Senhor, e me deu uma resposta, se não, eu nunca teria escapado”. Pregando, alguns anos mais tarde, o próprio Latimer contou a história e aplicou a ilustração. “Meu ouvinte”, disse ele, “há uma pena de registro em serviço atrás da tapeçaria, anotando tudo o que dizes, e registrando tudo o que fazes: portanto, sê cuidadoso, para que as tuas palavras e ações sejam dignas de registro no Memorial de Deus.”

Você poderia ilustrar bem a doutrina do cuidado providencial especial que Deus tem dos Seus servos, relatando a história de John Knox, que, uma noite, negou-se a sentar-se em seu assento costumeiro, embora não soubesse de nenhuma razão particular para agir assim. Ninguém tinha permissão para ocupar aquela cadeira, e, durante a noite, houve um tiro através da janela e atingiu um castiçal que estava num ponto imediatamente oposto ao local onde John Knox estaria sentado, se tivesse ocupado o seu lugar de costume.

Há também o caso do piedoso ministro que, fugindo dos seus perseguidores, foi para um celeiro e se meteu no feno. Os soldados entraram no local, espetando e golpeando com as suas espadas e baionetas; e o bom homem sentiu o aço frio tocar a sola do seu pé, e o arranhão feito durou anos. Contudo, os seus inimigos não o descobriram. Depois, veio uma galinha, e esta pôs diligentemente um ovo, todos os dias, perto do lugar em que ele estava escondido, e assim ele foi sustentado, bem

como preservado, até poder deixar com segurança o seu esconderijo.

Foi o mesmo ministro, ou um dos seus irmãos perseguidos, que foi providencialmente protegido pela agência de uma humilde aranha. Esta é a história. como eu a li: “Recebendo aviso de um amigo de que tentavam capturá-lo, e vendo que havia homens em seu encalço, refugiou-se numa fábrica de malte, e arrastou-se para dentro do forno vazio, e ali se ajeitou. Imediatamente após, viu uma aranha mais abaixo, cruzando a estreita entrada pela qual ele passara, e fixando desse modo o primeiro fio daquilo que logo se desenvolveu formando uma grande e bela teia. A tecelã e a teia, colocadas diretamente entre ele e a luz, estavam bem visíveis. Ele estava tão impressionado com a habilidade e diligência da aranha, e tão absorvido na contemplação do trabalho dela, que esqueceu o perigo que corria. Ao tempo em que a rede se completava, cruzando e recruzando a boca do forno em todas as direções, os perseguidores do homem entraram na fábrica, à procura dele. Ele percebeu os seus passos e escutou as palavras cruéis que diziam enquanto examinavam todos os cantos. Depois chegaram perto do forno. Pôde ouvir dizer um ao outro: “É inútil olhar *aí dentro*; o velho vilão nunca poderia estar ali. *Veja aquela teia de aranha; jamais ele poderia ter entrado ali sem rompê-la*”. Sem darem mais busca, foram procurá-lo noutra parte, e ele escapou ileso das suas mãos”.

Existe outra história, que encontrei algures, de um prisioneiro que, durante a guerra americana, foi metido numa cela em que havia uma pequena fenda pela qual um soldado o observava sempre, dia e noite. O que quer que o prisioneiro fizesse, quer comesse, ou bebesse, ou dormisse, os olhos da sentinela estavam perpetuamente fitos nele, e, pensar nisso, disse ele, era-lhe absolutamente terrível, quase o deixando louco. Não podia suportar a idéia de ter os olhos daquele homem sempre a vigiá-lo. Não conseguia dormir direito; até a sua respiração tornou-se uma miséria, porque,

para onde se virasse, não podia escapar da observação dos olhos daquele soldado. Essa história poderia ser utilizada como ilustração do fato de que os olhos oniscientes de Deus estão sempre olhando para cada um de nós.

Lembro-me de ter feito dois ou três dos meus ouvintes se expressarem em alta voz por ter-lhes contado esta história, que li num folheto americano. Suponho que seja verdadeira, talvez. Para mim é fidedigna, e eu gostaria de poder contá-la como está impressa. Um ministro cristão, que morava num recanto afastado, saiu a passeio numa noite, para meditar em silêncio. Foi muito mais longe do que tencionava, e, perdendo a trilha, internou-se a esmo na mata. Ele continuou esforçando-se para achar o caminho de casa, mas não conseguiu. Receava que teria de passar a noite nalguma árvore, mas, de repente, conforme seguia adiante, viu os frouxos reflexos de luzes à distância, e, daí, apertou o passo, esperando achar abrigo numa choupana amiga. Uma coisa estranha ele tinha diante do seu olhar. Estava havendo uma reunião numa clareira em plena floresta, e o local era iluminado com tochas de pinho. Pensou ele: “Bem, aqui estão alguns cristãos reunidos para cultuar a Deus. Alegro-me que, aquilo que achei que tinha sido um desastroso engano, perdendo eu o rumo, tenha-me trazido aqui. Talvez eu possa tanto fazer como receber algum benefício”.

Para seu espanto, porém, viu que se tratava de uma reunião de ateus, e que os oradores ventilavam suas idéias blasfemas contra Deus com grande ousadia e determinação. O ministro sentou-se, tomado de pesar. Um jovem declarou que não cria na existência de Deus, e desafiou Jeová a destruí-lo ali mesmo e naquela hora, se é que existia tal Deus. O coração do bom homem meditava em como poderia replicar, mas a sua língua parecia grudada no céu da boca. E o orador incrédulo sentou-se no meio de altas aclamações de admiração e de aprovação.

O nosso amigo não queria ser covarde ou dar para trás no dia da batalha, e, portanto, estava quase inclinado a

levantar-se e falar, quando um homem robusto e corpulento, que já ultrapassara o meridiano da vida, mas que era extremamente vigoroso ainda, e parecia um forte e musculoso madeireiro das matas, levantou-se e disse: “Gostaria de falar-lhes, se me derem atenção. Não vou falar nada a respeito do tópico discutido pelo orador que acaba de sentar-se. Vou só contar-lhes um fato. Querem ouvir-me?” “Sim, sim”, gritaram. Era uma discussão livre, de modo que o ouviriam, especialmente quando ele não ia contestar nada. “Há uma semana”, começou ele, “eu estava trabalhando acolá, à margem do rio, derrubando árvores. Vocês sabem das corredeiras lá embaixo. Bem, enquanto eu estava no meu trabalho, a alguma distância delas, ouvi gritos e berros, de mistura com clamores a Deus por socorro. Corri para a beira do rio, pois adivinhei o que era. Vi lá um moço que não conseguia manobrar o seu barco. A correnteza estava tomando domínio sobre ele, e ele estava sendo levado águas abaixo e logo, se ninguém interferisse, com certeza seria arrastado para a cachoeira e levado a uma morte horrível. Vi aquele jovem ajoelhar-se no barco e orar ao Deus Altíssimo, rogando-Lhe pelo amor de Cristo e por Seu precioso sangue, que o salvasse. Confessou-se incrédulo, mas disse que, se fosse libertado só essa vez, declararia sua fé em Deus. Pulei logo no rio. Os meus braços não são muito fracos, eu acho, embora não sejam tão fortes como antes. Empenhei-me em ir para dentro do barco, manobrei-o, girando-o e levando-o para a praia, e assim salvei a vida daquele moço. E aquele moço é justamente esse que agora há pouco se sentou, e que esteve negando a existência de Deus, e desafiando o Altíssimo a destruí-lo!” Naturalmente, usei essa história para mostrar que é fácil jactar-se e gabar-se de sentimentos incrédulos quando se está em lugar seguro; mas, quando os homens se vêem em perigo de vida, falam de maneira muito diferente.

Há uma importante história, que exemplifica a necessidade de freqüentar a casa de Deus, não só para ouvir o

pregador, porém para buscar o Senhor. Certa senhora tinha ido à Ceia numa igreja escocesa e tinha gostado muito do culto. Quando chegou em casa, perguntou quem era o pregador, e foi informada de que era o Sr. Ebenezer Erskine. A senhora disse que iria lá outra vez, no domingo seguinte, para ouvi-lo. Foi, mas não aproveitou o mínimo. O sermão não parecia ter nenhuma unção ou poder. Ela foi ter com o Sr. Erskine e lhe contou a sua experiência nos dois cultos. “Ah, madame”, disse ele, “no primeiro domingo a senhora veio para encontrar-se com o Senhor Jesus Cristo, e recebeu uma bênção; mas no segundo domingo veio ouvir Ebenezer Erskine, e não recebeu bênção alguma, e não tinha direito de esperar nenhuma.” Vocês vêem, irmãos, o pregador poderia falar ao povo, em termos gerais, sobre vir para prestar culto a Deus, e não apenas para ouvir o ministro, sem que, contudo, suas palavras produzissem efeito algum, pois talvez não houvesse nada suficientemente notável para ficar na memória; entretanto, depois de uma historieta como essa, sobre o Sr. Erskine e a dama, quem poderia esquecer a lição que se pretendeu ensinar?

Pois bem, supondo-se que vocês tenham esgotado todas as ilustrações que se podem achar na história corrente, na história local, na história antiga e moderna, e na história religiosa – o que eu acho que não farão, a menos que vocês mesmos fiquem esgotados – poderão voltar-se para a *história natural*, onde encontrarão ilustrações e anedotas em grande abundância. E não terão por que sentir quaisquer escrúpulos de consciência quanto ao uso dos fatos da natureza para ilustrar as verdades das Escrituras, porquanto há uma saudável filosofia que dá apoio ao emprego dessas ilustrações. É um fato facilmente explicável, que as pessoas receberão mais prontamente a verdade da revelação, se vocês a associarem a alguma verdade congênere da história natural, ou a alguma coisa visível aos olhos – mais do que se lhes derem uma pura e simples exposição da doutrina. Além disso, há este importante fato que não se deve olvidar, que Deus que é o

Autor da revelação, é também o Autor da criação, da providência, da história, e de tudo mais do que vocês devem extrair as suas ilustrações. Quando vocês usam a história natural para ilustrar as Escrituras, estão somente explicando um dos livros de Deus mediante outro volume que Ele escreveu.

É justamente como se vocês tivessem diante de si duas obras escritas pelo mesmo autor que escrevera, em primeiro lugar, um livro para crianças; e depois, em segundo lugar, preparara um volume de instrução mais profunda para pessoas de idade mais madura, e de maior cultura. As vezes, quando acharem passagens obscuras e difíceis na obra destinada a estudantes mais adiantados, vocês podem referir-se ao pequeno livro destinado aos mais jovens, e podem dizer: “Sabemos que isto significa assim e assim, porque é como o assunto é explicado no livro para principiantes”. Assim, a criação, a providência e a história são livros que Deus escreveu para que os leiam os que têm olhos, para que ouçam a Sua voz neles os que têm ouvidos, até mesmo para que os leiam os homens incrédulos, para que vejam neles alguma coisa de Deus. Mas o outro Livro glorioso foi escrito para os que são ensinados de Deus, e tornados espirituais e santos. Frequentes vezes, retornando à cartilha, vocês obterão algo daquela narrativa simples que elucidará e ilustrará o clássico mais difícil, pois é isso que a Palavra de Deus é para vocês.

Há um certo tipo de pensamento que Deus tem mantido em todas as coisas. Aquilo que Ele fez com a Sua Palavra tem semelhança com a própria Palavra pela qual o fez. E o visível é símbolo do invisível, porque o mesmo pensamento de Deus perpassa tudo. Há um toque do dedo divino em tudo que Deus fez, de forma que as coisas que aparecem aos nossos sentidos têm certas semelhanças com as coisas que não aparecem. O que se pode ver, provar, tocar e apalpar, destina-se a ser para nós o sinal externo e visível de alguma coisa que encontramos na Palavra de Deus e em nossa experiência espiritual, que é a graça interna e espiritual. Assim, não há nada de forçado e

antinatural em induzir a natureza a ilustrar a graça; ela foi ordenada por Deus para esse preciso propósito. Rastreiem a criação inteira em busca de símiles. Não se limitem a algum ramo particular da história natural. Os ouvintes de um doutor muito culto queixavam-se de que ele continuamente lhes dava aranhas como ilustrações. Eu preferiria dar ao povo uma ou duas aranhas ocasionalmente, e então variar a instrução com histórias, anedotas, símiles e metáforas tiradas da geologia, da astronomia, da botânica, ou de alguma das outras ciências que ajudem a emitir centelhas de luz sobre as Escrituras.

Se você, irmão, mantiver abertos os olhos, não verá um cão seguindo o dono, nem um camundongo assomando à saída do buraco em que se oculta, nem ouvirá sequer um suave arranhão por trás dos lambris, sem tomar alguma coisa para introduzir na tessitura dos seus sermões, se as suas faculdades estiverem todas alertas. Quando você vai para casa de noite, e se assenta perto da lareira, não deve poder pegar o seu gato doméstico sem ver aquilo que lhe forneça uma ilustração. Como são macias as patas da gatinha, e, contudo, num momento, se se zangar, quão agudas serão as suas garras! Como se assemelham à tentação, macia e gentil quando vêm até nós no início, mas, que feridas mortais e execráveis nos causa pouco depois!

Lembro-me de ter usado, com efeito muito considerável, num sermão que preguei no Tabernáculo, um incidente que ocorreu no meu próprio jardim. Havia um cachorro que costumava atravessar a cerca, e esgaravatar os meus canteiros de flores, causando manifesto estrago no serviço e no humor do jardineiro. Andando pelo jardim, um sábado à tarde, e preparando o meu sermão para o dia seguinte, vi a criatura de quatro patas – na verdade um espécime desprezível, diga-se de passagem – e, tendo na mão uma bengala, atirei-a nele com toda a força, dando-lhe ao mesmo tempo um bom conselho de que fosse para a casa dele. Ora, que fez o meu amigo canino, senão voltar-se, pegar com a boca a bengala,

trazê-la e depositá-la a meus pés, movendo a cauda nesse tempo todo à espera dos meus agradecimentos e das minhas palavras amáveis? Naturalmente vocês não imaginam que eu lhe dei um pontapé, ou que atirei de novo a bengala nele. Fiquei com a maior vergonha de mim mesmo, e lhe disse que era bem-vindo para ficar quanto tempo quisesse, e para vir quantas vezes lhe agradasse. Ali estava um exemplo do poder da não-resistência, da submissão, da paciência e da confiança, na superação até mesmo da ira justa. Usei aquela ilustração na pregação do dia seguinte, e não me senti rebaixado por ter contado a história.

A maioria de nós já leu o livro *A Tour round my Garden* (Um Giro pelo meu Jardim), de Alphonse Karr. Por que alguém não escreve *A Tour round my Dining-table* (Um Giro em torno da minha Mesa de Jantar), ou, *A Tour round my Kitchen* (Um Giro pela minha Cozinha)? Creio que um livro desse tipo, sumamente interessante, poderia ser escrito por alguém que tenha os olhos abertos para ver as analogias da natureza. Lembro-me de que, um dia, quando eu morava em Cambridge, estava precisando urgentemente de um sermão, e não conseguia fixar-me num assunto, quando, subitamente, notei certo número de pássaros na cobertura de ardósia da casa fronteira. Quando os fitei diretamente, vi que havia um canário que fugira da casa de alguém, e um bando de pardais o cercou e o bicava seguidamente. Ali estava o texto do meu sermão afinal: “A minha herança é para mim ave de várias cores; andam as aves de rapina contra ela em redor” (Jer. 12:9).

Ainda uma vez, irmãos, se não puderem achar ilustrações na história natural, ou em qualquer das histórias que mencionei, *achem-nas em qualquer parte*. Tudo que ocorre ao seu redor, se tão-somente vocês tiverem miolos na cabeça, ser-lhes-á útil. Mas se pretendem realmente interessar e beneficiar os seus ouvintes, terão que manter os olhos abertos e usar todas as capacidades de que o Senhor os dotou. Se o fizerem, verão que, ao andarem simplesmente pelas ruas,

uma ou outra coisa lhes sugerirá uma passagem das Escrituras, ou os ajudará, quando tiverem escolhido o texto, a desvendá-lo de maneira tão real ao povo, que prenderão a sua atenção, e transmitirão a verdade às suas mentes e aos seus corações.

Por exemplo, hoje a neve cobriu todo o terreno, e o solo escuro assumiu uma aparência bela e alva. Dá-se isto com alguns homens que passam por transformações transitórias. Parecem tão piedosos, tão celestiais, e tão puros, como se fossem santos! Mas quando sobe o sol da provação, e lhes sobrevém um leve calor de tentações, com que rapidez revelam o seu verdadeiro negror, e se esvai a sua religiosidade superficial!

O mundo inteiro foi decorado com quadros por Deus. O pregador só tem que retirá-los da parede, um a um, e exhibi-los perante os ouvintes, para com certeza atrair o interesse deles pelo assunto que ele está procurando ilustrar. Mas terá que manter abertos os olhos, ou não verá esses quadros. Disse Salomão: “Os olhos do sábio estão na sua cabeça”, e, dirigindo-se a um homem assim, escreveu: “Os teus olhos olhem direitos, e as tuas pálpebras olhem diretamente diante de ti”. Por que fala ele de olhar com as pálpebras? Acho que ele quer dizer que as pálpebras devem encerrar o que os olhos captaram. Vocês sabem que há uma enorme diferença entre o homem que tem olhos e o que não os tem. O primeiro senta-se junto de uma corrente de águas e vê muita coisa que desperta o seu interesse e o instrui. O segundo, porém, estando no mesmo local, é como o cavalheiro de quem escreveu Wordsworth:

*“A prímula à margem do rio,
flor amarela era para ele;
somente isto, e nada mais”.*

Irmão, se você tiver alguma dificuldade para ilustrar o seu assunto, recomendo-lhe enfaticamente que *tente ensinar*

crianças sempre que puder conseguir oportunidade para fazê-lo. Não sei de melhor meio de preparar a sua mente para o uso de ilustrações, do que encarregar-se freqüentemente de uma classe da Escola Dominical, ou fazer palestras aos estudantes quantas vezes puder; porque, se você não ilustrar *ali*, terá a sua lição ou palestra ilustrada muito notavelmente para você. Verá que as crianças farão isso mediante o seu geral aborrecimento e desatenção, ou mediante as suas conversas e brincadeiras. Eu costumava ministrar ensino a uma classe de meninos, quando professor da Escola Dominical, e, se eu ocasionalmente, me mostrava um pouco enfadonho, eles giravam o corpinho, agitando-se nas carteiras em que estavam sentados. Isso era uma advertência muito clara a mim, de que devia dar-lhes uma ilustração ou uma historieta. E em parte aprendi a contar histórias por me ver obrigado a contá-las. Um menino da minha classe costumava dizer-me: “Isso é muito sem graça, professor; você não pode lascar uma história?” Claro que era um menino malcriado, e talvez se suponha que ele se tornou perverso quando cresceu, embora eu não esteja muito certo de que tenha acontecido isso. Mas eu costumava lascar-lhe a história que ele queria, a fim de reconquistar-lhe a atenção. E me atrevo a dizer que, se lhes fosse permitido falar alto durante o sermão, alguns dos nossos ouvintes nos pediriam para lascar-lhes uma história, isto é, para dar-lhes algo que lhes interessasse. Eu acredito que uma das melhores coisas que você pode fazer para ensinar tanto velhos como jovens, é dar-lhes uma porção de anedotas e ilustrações.

Creio que seria útil a alguns de vocês que ainda não são adeptos da arte da ilustração, se *lessem livros em que há abundantes metáforas, símiles e símbolos*. Não vou entrar plenamente nesse assunto nesta ocasião, porque esta preleção é apenas preliminar com relação às duas próximas que espero fazer, em que procurarei dar-lhes uma lista de obras enciclopédicas de anedotas e ilustrações, e livros de fábulas, símbolos e parábolas. Mas os aconselho a estudarem obras

como *The Christian in Complete Armour* (O Cristão com Armadura Completa), de Gurnall, ou o *Comentário* de Matthew Henry, com o objetivo específico de observar todas as ilustrações, símbolos, metáforas e símiles que puderem encontrar. Vejam também os contrastes. Gosto da obra *Metaphors* (Metáforas), de Keach, em que ele expõe a disparidade entre tipo e antítipo. Vezes há em que os contrastes entre diferentes pessoas ou objetos serão tão instrutivos como as suas semelhanças.

Quando tiverem lido o livro uma vez, procurando assinalar todas as figuras, leiam-no de novo, e anotem todas as ilustrações despercebidas em sua primeira leitura. Provavelmente vocês terão deixado escapar muitas; e também se surpreenderão ao ver que *há ilustrações até nas próprias palavras*. Com que freqüência uma palavra é por si mesma um quadro! Algumas das palavras mais expressivas que se acham na linguagem humana são como ricas gemas que passaram diante dos seus olhos muitas vezes, mas vocês não tiveram ocasião de compulsá-las ou de avaliá-las. Em seu segundo exame do livro, vocês notarão, talvez, o que se lhes escapou na primeira vez, e encontrarão muitas ilustrações meramente insinuadas, em lugar de dadas por extenso. Façam com muitíssimos livros o que lhe recomendo. Obtenham exemplares que tenham a liberdade de sublinhar com lápis de cor, pelo que por certo acharão prontamente as ilustrações; ou transcrevam-nas num dos seus cadernos de anotações.

Tenho certeza que os irmãos que começam cedo a manter um registro dessas coisas, agem sabiamente. Os memorandos dos antigos puritanos eram-lhes inapreciáveis. Nunca poderiam compilar as obras maravilhosas que compilaram, se não tivessem cuidado de coligir e pôr em ordem a matéria sob títulos diferentes. Assim, tudo que havia sobre algum assunto era como que embalsamado e preservado, e eles podiam prontamente reportar-se a qualquer ponto de

que necessitassem, e refrescar a memória, e verificar as suas citações. Alguns de nós, demasiado ocupados, podemos ser dispensados dessa tarefa; temos que fazer o melhor que pudermos. Mas alguns de vocês, que vão incumbir-se de trabalhos menores, especialmente os da zona rural, devem manter um simples livro de anotações ou senão, receio que vocês mesmos se tornem demasiadamente simplórios.

A sua seleção de símiles, metáforas, parábolas e símbolos não estará completa se não *pesquisarem também as Escrituras para achar as ilustrações nelas registradas*. Alusões bíblicas são os meios mais eficientes de ilustrar e salientar as verdades do evangelho; e o pregador bem familiarizado com a Bíblia, nunca se encontrará sem um exemplo do que for proveitoso “para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça”. O Senhor deve ter pretendido que nós usássemos assim a Sua Palavra, pois, de outro modo não nos teria dado, no Velho Testamento, tão numerosos tipos e símbolos das verdades posteriormente reveladas de maneira mais completa na dispensação do evangelho.

Uma coleção de ilustrações como a que lhes sugeri, estarão-lhes-á muito à mão em dias futuros, e serão lembrados, pelas comparações e figuras empregadas por outros, de fazer por conta própria comparações e figuras. A familiaridade com uma coisa faz-nos *au fait* (peritos) na mesma; é-nos possível aprender quase tudo pela prática. Creio que eu poderia aprender gradativamente a fazer um tonel, se passasse tempo com um homem ocupado nesse mister. Haveria de saber colocar as aduelas e os aros, se ficasse tempo suficiente na oficina do tanoeiro. E não duvido que qualquer de vocês poderia aprender o que quisesse, desde que dispusesse de tempo e oportunidade suficientes. Assim, se vocês procurarem ilustrações, aprenderão a fazê-las pessoalmente.

Isso me leva ao último ponto de que vou tratar. Irmãos, comecei esta preleção advertindo-os contra a prática de inventar anedotas; encerro-a aconselhando-os a *aplicarem-se*

freqüentemente à tarefa de fazer as suas próprias ilustrações. Procurem fazer comparações das coisas que os cercam. Acho que seria bom, de vez em quando, fechar a porta do escritório, e dizerem-se a si próprios: “Não sairei desta sala enquanto não fizer pelo menos meia dúzia de boas ilustrações”. Dizem os chineses que o intelecto está no estômago, e que as afeições estão ali também. Acho que estão certos sobre o último ponto porque, como sabem, se alguém estiver com muito amor por uma pessoa – pela sua esposa, por exemplo – dirá que seria capaz de engoli-la. E também dizemos que esta ou aquela pessoa é uma doçura. Assim, também, o intelecto pode estar no estômago e, conseqüentemente, quando você estiver a portas fechadas, por duas ou três horas, e começar a querer o seu almoço ou o seu jantar, sentir-se-á estimulado a fazer as seis ilustrações que mencionei como mínimo. O seu escritório será uma verdadeira prisão, se você não conseguir esse número de comparações proveitosas dos diferentes objetos presentes no gabinete. Eu diria que mesmo uma prisão oferece sugestões para o preparo de muitas metáforas. Não desejo que nenhum de vocês vá até a cadeia com esse fim. Mas, se alguma vez for parar lá, deverá ser capaz de aprender a pregar de modo interessante sobre uma passagem como esta: “Tira a minha alma da prisão”; ou esta: “Assim estive ali na casa do cárcere. O Senhor, porém, estava com José”.

Irmãos, se não conseguirem fazer funcionar o cérebro em casa, poderiam dar um passeio e dizer a si próprios: “Vou vagar pelos campos, ou vou entrar no jardim, ou vou passear no bosque, e verei se não posso achar uma ou outra ilustração”. Poderiam até sair para olhar uma vitrina de loja e ver se não podem descobrir algumas ilustrações ali. Ou poderiam ficar quietos por algum tempo, e ouvir o que as pessoas dizem ao passarem; ou parem onde há um grupo de ociosos, e tentem escutar de que falam, e vejam que símbolo podem extrair disso. Também devem passar o tempo que puderem visitando os enfermos. Isso será sumamente proveitoso, pois, nesse

serviço sagrado vocês terão muitas oportunidades de obter ilustrações dos filhos de Deus em provas, ao ouvirem as suas variadas experiências. É maravilhoso, quantas páginas de uma nova enciclopédia de ensino ilustrativo vocês poderiam encontrar, escritas com tinta indelével, se visitasse os doentes, ou mesmo na conversa com crianças. Muitos deles dirão coisas que vocês poderão citar com bom efeito em seus sermões. De qualquer forma, decidam-se que vocês atrairão e interessarão as pessoas pelo modo como vão apresentar o evangelho a elas. Meia batalha consiste em fazer a tentativa, em chegar a esta firme resolução: “Com o auxílio de Deus, ensinarei o povo mediante parábolas, símiles, ilustrações, e tudo mais que o ajudar; e procurarei ser um pregador da Palavra capaz de interessar os ouvintes.

Irmãos, ardorosamente espero que vocês pratiquem a arte de fazer ilustrações. Procurarei preparar uma pequena série de exercícios para vocês fazerem semana após semana. Dar-lhes-ei um assunto e um objeto entre os quais haja alguma semelhança, e lhes pedirei que procurem ver a semelhança e expor as comparações que podem ser estabelecidas entre eles. Se puder, também lhes darei algum assunto sem objeto, e direi a um: “Ilustre isso; diga-nos, por exemplo, que virtude lembra”. Ou, por vezes, poderei dar-lhes o objeto sem o assunto, assim – “Um diamante: como usarão isso como ilustração?” Depois, às vezes, posso não dar-lhes nem assunto nem objeto, mas, simplesmente dizer: “Tragam-me uma ilustração”. Penso que deste modo podemos fazer uma série de exercícios de muita utilidade para vocês todos.

O jeito de se ter mente que valha a pena, é tê-la bem suprida de coisas que valham a pena guardar. Naturalmente, o homem que tiver mais ilustrações na cabeça será quem usará mais ilustrações em seus discursos. Existem alguns pregadores que têm a protuberância craniana de ilustrações bem crescida; seguramente hão de ilustrar o seu assunto; não poderão deixar de fazê-lo. Há alguns que sempre vêem “semelhanças”;

captam uma comparação muito antes que outros a vejam. Se algum de vocês disser que não é bom para ilustrar, replico: “Meu irmão, você tem que tentar fazer crescer chifres, se não tem nenhum na cabeça”. Talvez você nunca possa desenvolver uma grande quantidade de imaginação ou de fantasia, se não a possuir desde o início – exatamente como é impossível fazer queijo de uma pedra de moinho – porém, pela diligente atenção você pode ir além daquilo que agora é.

Creio que alguns sujeitos têm uma depressão no crânio, no lugar onde deveria existir uma protuberância. Sei de um rapaz que deu duro para entrar neste colégio; mas nunca viu como juntar as coisas, a não ser amarrando-as pelos rabos. Ele mostrou um livro; e, quando o li, vi logo que estava repleto de histórias e ilustrações minhas; isto é, cada ilustração ou história do livro era uma que eu tinha usado, mas não havia uma só relatada como devia. Esse homem tinha contado a história de tal modo, que ela absolutamente não estava ali; o ponto preciso que eu tinha salientado, ele omitira cuidadosamente, e todas as suas partes eram narradas corretamente, exceto aquilo que constituía a essência do todo. Por certo me alegrei por não ter aquele irmão no colégio. Ele poderia ter sido um ornamento para nós, por suas deficiências, mas podemos ficar sem tais ornamentos. Na verdade já tivemos mais que suficiente deles.

Finalmente, diletos irmãos, empenhem-se com toda a energia para conseguir a capacidade de ver uma parábola, um símile, uma ilustração, onde quer que possa ser visto. Sim, pois, em grande medida esta é uma das mais importantes qualificações do homem que há de ser um orador público, e especialmente do homem que há de ser um eficiente pregador do evangelho de Cristo. Se o Senhor Jesus fez tão freqüente uso de parábolas, deve ser correto fazermos a mesma coisa.

5

As Ciências como Fontes de Ilustrações

Proponho, irmãos, se é que sou capaz de fazê-lo – e tenho alguma dúvida sobre este ponto – fazer-lhes a intervalos uma série de preleções sobre *The Various Sciences as Sources of Illustrations* (As Várias Ciências como Fontes de Ilustrações). Parece-me que todo estudante em preparo para o ministério cristão deve saber ao menos alguma coisa de todas as ciências; deve imiscuir-se em todas as formas de conhecimento que sejam úteis ao exercício da obra de sua vida. Deus fez todas as coisas que há no mundo de molde a serem nossos mestres, e de cada uma delas há sempre alguma coisa que se pode aprender. E, como não seria estudante completo aquele que não comparecesse às aulas, às quais se esperava que comparecesse, assim aquele que não aprende de todas as coisas que Deus fez nunca juntará todo o alimento de que sua alma necessita, nem terá a probabilidade de alcançar aquela perfeição de virilidade mental que o capacitará a ser um mestre de outros, plenamente equipado.

Começarei com a ciência da ASTRONOMIA. E de início vocês entenderão que não vou fazer uma preleção astronômica, nem mencionar todos os grandes fatos e as minúcias dessa fascinante ciência. Mas tenciono simplesmente utilizar a *astronomia como um dos muitos campos de ilustrações que o Senhor providenciou para nós*. Permitam-me dizer, contudo, que esta ciência propriamente dita deve receber muita atenção de todos nós. Ela se relaciona com muitas das maiores maravilhas da natureza, e o seu efeito sobre a mente é verdadeiramente maravilhoso. Os temas sobre os quais versa a astronomia são

tão grandiosos, as maravilhas desvendadas pelo telescópio são tão sublimes, que, muitas vezes, mentes incapazes de receber conhecimento por outros canais, tornam-se notadamente receptivas quando estudam esta ciência. Há o caso de um irmão que estudou nesta escola, e que parecia um pateta terrível. Nós realmente achávamos que ele não ia aprender coisa nenhuma, e que, perdidas as esperanças, teríamos que desistir dele. Mas eu lhe apresentei um pequeno livro intitulado *The Young Astronomer* (O Jovem Astrônomo). Mais tarde ele me disse que, quando o leu, sentiu como se algo tivesse estalado dentro de sua cabeça, ou como se um nervo tivesse arrebentado. Tomou posse de tão amplos pensamentos, que eu creio que o seu crânio experimentou de fato uma expansão que devia ter ocorrido em sua infância, e que veio a ocorrer graças à maravilhosa força dos pensamentos sugeridos pelo estudo, não obstante elementar, da ciência astronômica.

Esta ciência deveria constituir o especial deleite dos ministros do evangelho, pois certamente nos leva a uma ligação com Deus mais íntima do que o faz qualquer outra ciência. Tem-se dito que um astrônomo incrédulo é louco. Eu diria que qualquer homem incrédulo é louco – padecendo do pior tipo de loucura. Mas, certamente, aquele que se familiarizou com os astros dos céus e que, todavia, não viu o grande Pai das luzes, o Senhor que os fez a todos, só pode estar atacado de uma loucura horrível. Apesar de todo o seu conhecimento, deve ter sido ferido por uma incapacidade mental que o coloca quase abaixo do nível dos animais que perecem.

Kepler, o grande astrônomo matemático, que tão bem explicou muitas das leis que governam o universo, conclui um dos seus livros, *Harmonics* (Harmonias), com esta reverente e devota expressão dos seus sentimentos: “Dou-te graças, Senhor e Criador, por me haveres dado alegria por meio da Tua criação, pois fui arrebatado pela obra das Tuas mãos. Revelei à humanidade a glória das Tuas obras, na medida em

que o meu espírito limitado pôde conceber a infinidade delas. Se apresentei alguma coisa indigna de Ti, ou se procurei a minha fama pessoal, sê propício em Tua graça perdoar-me”. E vocês sabem como o vigoroso Newton, verdadeiro príncipe entre os filhos dos homens, continuamente se punha de joelhos, quando elevava os olhos aos céus e descobria novas maravilhas na amplidão estrelada. Portanto, a ciência que tende a levar os homens a inclinar-se com humildade perante o Senhor deve ser sempre um dos estudos favoritos para nós, cuja ocupação consiste em inculcar reverência para com Deus em todos os que venham a estar sob a nossa influência.

Jamais a ciência da astronomia se nos tornaria acessível em muitos dos seus pormenores extraordinários, não fora a descoberta ou invenção do *telescópio*. A verdade é grandiosa, mas não nos afeta salvadoramente enquanto não nos familiarizamos bem com ela. O conhecimento do evangelho, como nos é revelado na Palavra de Deus, torna-o verdadeiro para nós; e muitíssimas vezes a Bíblia é para nós o que o telescópio é para o astrônomo. As Escrituras não criam a verdade, porém a revelam de um modo pelo qual o nosso pobre e frágil intelecto, quando iluminado pelo Espírito Santo, pode apreendê-la e compreendê-la.

Num livro* ao qual sou devedor por muitas citações nesta preleção, aprendi que o telescópio foi descoberto desta singular maneira: “Um fabricante de óculos de Middleburg tropeçou na descoberta devido ao fato de que os seus filhos chamaram a atenção dele para a aparência ampliada do catavento de uma igreja, quando acidentalmente visto através de duas lentes de óculos, seguras entre os dedos a alguma distância uma da outra. Foi esse um dos atos inadvertidos da infância; e raramente se tem visto um exemplo paralelo de

* *The Heavens and the Earth* (Os Céus e a Terra). Manual de astronomia popular. De Thomas Milner, M.A., F.R.G.S. Religious Tract Society. (Esgotado.)

potentes resultados provirem de uma circunstância trivial assim. É estranho refletir nas jocosas travessuras da meninice como ligadas em seu desfecho, e em data não distante, ao alargamento dos limites conhecidos do sistema planetário, dando solução à nebulosa do Órion e revelando a riqueza do firmamento.” De maneira semelhante, um incidente simples tem sido muitas vezes o meio de revelar as maravilhas da graça divina. O que certo indivíduo pretendia que fosse mera brincadeira com as coisas divinas, Deus tornou-o na salvação da sua alma. Entrou para ouvir um sermão como poderia ter ido ao teatro ver uma peça. Mas o Espírito de Deus levou a verdade para dentro do seu coração, e lhe revelou as coisas profundas do Reino, e o seu interesse pessoal por elas.

Acho que o incidente da descoberta do telescópio poderia ser empregado beneficemente como ilustração da conexão entre causas pequenas e grande resultados, mostrando como a providência de Deus continuamente faz com que coisas pequenas sejam meios de produzir maravilhosas e importantes revoluções. Muitas vezes pode acontecer que aquilo que nos parece coisa de puro acidente, sem nada de notável a seu respeito, tenha realmente o efeito de alterar todo o curso da nossa vida, e de influir também na mudança das vidas de muitos outros para uma direção completamente nova.

Uma vez descoberto o telescópio, o número, a posição e os movimentos das estrelas tornaram-se crescentemente visíveis, até que no presente podemos estudar os esplendores do céu estelar, e aprender continuamente mais e mais das maravilhas manifestadas pela mão de Deus. O telescópio revelou-nos muito mais do sol, da lua e das estrelas do que jamais poderíamos ter descoberto sem o seu auxílio. Por causa do freqüente uso que o Dr. Livingstone fazia do sextante quando viajava pela África, era referido pelos nativos como o homem branco que poderia trazer para baixo o sol e levá-lo debaixo do braço. É isso que o telescópio fez por nós, e é isso que a fé no evangelho fez por nós nos céus espirituais: ela nos

trouxe à terra o Pai e o Filho e o Espírito Santo, e nos deu os bens elevados e eternos para serem nossa possessão atual e a nossa perpétua alegria.

Assim, vocês vêem, o telescópio mesmo pode ser levado a fornecer-nos muitas ilustrações valiosas. Também podemos transformar em algo proveitoso as lições a serem aprendidas pelo estudo dos astros com vistas à navegação. O marinheiro, ao cruzar o mar sem pistas, pode, fazendo observações astronômicas, dirigir-se com precisão para o porto desejado. Conta-nos o capitão Basil Hall, no livro que citei anteriormente, que “uma vez velejou partindo de San Blas, na costa ocidental do México; e, depois de uma viagem de oito mil milhas, que durou oitenta e nove dias, arribou ao Rio de Janeiro, tendo nesse intervalo passado pelo Oceano Pacífico, rodeado o Cabo Horn e cruzado o Atlântico sul, sem avistar terra, e sem ver uma única vela, exceto um baleeiro americano. Quando estava a uma semana de viagem do Rio, procurou seriamente determinar, mediante observações lunares, a posição do seu navio, e depois estabeleceu a sua rota segundo aqueles princípios comuns de navegação que podem ser empregados com segurança para curtas distâncias entre um lugar conhecido e outro. Tendo chegado dentro do que, segundo as suas computações, considerava quinze ou vinte milhas da costa, deteve o barco às quatro horas da manhã, para esperar o romper do dia, e depois partiu, prosseguindo com cautela por causa do nevoeiro espesso. Quando esse se desvaneceu, a tripulação teve a satisfação de ver o grande rochedo chamado Pão de Açúcar, que se ergue a um lado da entrada da baía, com o rumo quase perfeito, de modo que não foi preciso alterar o curso mais que um grau para acertar com a entrada do porto. Essa era a primeira terra que os tripulantes viam em quase três meses, após terem cruzados muitos mares e de terem sido levados para trás e para diante por inumeráveis correntes e ventos borrascosos. O efeito sobre todos a bordo foi eletrizante, e, dando vazão à sua admiração, os marinheiros

saudaram o comandante com vigorosos aplausos”.

De semelhante maneira, também navegamos com a orientação dos corpos celestes, e por longo período não avistamos terra, e às vezes não vemos sequer uma vela a passar; e, contudo, se fizermos as nossas observações corretamente e seguirmos a pista que elas nos indicam, teremos, quando estivermos para terminar a viagem, a grande bênção de ver, não o grande rochedo Pão de Açúcar, mas o Belo Porto da Glória, diretamente diante de nós. Não teremos que alterar o nosso curso nem um só grau; e, quando estivermos navegando para o interior da baía celestial, que cânticos de júbilo elevaremos, não glorificando a nossa própria habilidade mas em louvor do prodigioso Capitão e Piloto que nos guiou pelo tormentoso mar da vida, e nos capacitou a navegar com segurança, mesmo onde não podíamos enxergar o nosso caminho!

Kepler faz uma sábia observação, ao falar sobre o sistema matemático pelo qual o curso de um astro pode ser predito. Depois de descrever o resultado de suas observações, e de declarar sua firme crença em que a vontade do Senhor é o supremo poder nas leis da natureza, diz: “Mas, se houver algum homem obtuso demais para receber esta ciência, aconselho-o a que, deixando a escola de astronomia, siga o seu caminho e desista desse peregrinar pelo universo; e, alçando os seus olhos naturais, com os quais somente ele pode ver, derrame o seu coração em louvor de Deus o Criador, tendo certeza que não dá a Deus menos culto do que o astrônomo, a quem Deus deu visão mais clara com os olhos interiores, e que, por aquilo que ele próprio descobriu, pode e quer glorificar a Deus”. Essa é, acho eu, uma ilustração muito bonita daquilo que você, irmão, poderia dizer a qualquer pobre iletrado da sua igreja. Por exemplo: “Bem, meu amigo, se você não pode compreender este sistema de teologia que lhe expliquei, se estas doutrinas lhe parecem inteiramente incompreensíveis, se não consegue acompanhar-me na minha exegese crítica do texto grego, se

não pode captar a idéia poética que tentei dar-lhe agora mesmo, que à minha mente causa tanto enlevo, no entanto, se você sabe apenas que a Bíblia é verdadeira, que você é pecador, e que Jesus Cristo é o seu Salvador, siga o seu caminho, e preste culto, e adore, e imagine Deus como puder. Não se preocupe com os astrônomos, os telescópios, as estrelas, o sol e a lua; cultue a Deus à sua própria maneira. Completamente à parte do meu conhecimento teológico e da minha explicação das doutrinas reveladas nas Escrituras, a Bíblia mesma, e a preciosa verdade que você recebeu em sua alma, mediante o ensino do Espírito Santo, serão inteiramente suficientes para fazer de você um aceitável adorador do Deus Altíssimo”.

Suponho que todos vocês estão cientes de que entre os velhos sistemas de astronomia havia um que colocava a terra no centro, e fazia o sol, a lua e as estrelas girarem ao redor dela. “Os seus três princípios fundamentais eram a imobilidade da terra, a sua posição central, e a revolução diária de todos os corpos celestes ao redor dela em órbitas circulares.”

Agora, de modo similar, há uma maneira de fazer um sistema de teologia do qual o homem é o centro, pelo que fica implícito que Cristo e Seu sacrifício expiatório são só por amor do homem, que o Espírito Santo é simplesmente um grande Obreiro trabalhando em favor do homem, e que mesmo o grande e glorioso Pai deve ser visto apenas como existindo com o fim de tornar feliz o homem. Bem, esse pode ser o sistema adotado por alguns; porém, irmãos, é preciso que não caiamos nesse erro, pois, assim como a terra não é o centro do universo, o homem não é o maior de todos os seres. Aprouve a Deus exaltar altissimamente o homem; mas precisamos lembrar-nos de como o salmista fala dele: “Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste; que é o homem mortal para que te lembres dele? e o filho do homem, para que o visites?” Noutro lugar diz Davi: “Senhor, que é o homem, para que o conheças, e o filho do homem, para que o estimes? O homem é semelhante à

vaidade; os seus dias são como a sombra que passa”.

O homem não pode ser o centro do universo teológico. É um ser por demais insignificante para ocupar tal posição, e o esquema de redenção deve existir para algum outro fim que o de meramente tornar feliz o homem, ou mesmo o de fazê-lo santo. A salvação do homem certamente deve ser primeiro que tudo para a glória de Deus; e vocês terão descoberto a forma certa da doutrina cristã quando tiverem encontrado o sistema que mostra Deus no centro, exercendo governo e controle de acordo com o beneplácito da Sua vontade. Não apequenem o homem de molde a fazer parecer que Deus não cuida dele, pois, se o fizerem, estarão caluniando a Deus. Dêem ao homem a posição que Deus lhe atribuiu. Fazendo-o, vocês terão um sistema de teologia em que todas as verdades da revelação e da experiência se moverão em gloriosa ordem e harmonia em torno do grande astro central, o divino e soberano Governador do universo, o Deus que é sobre todos, bendito para sempre.

Vocês podem, entretanto – qualquer um de vocês – cometer outro erro, imaginando-se a si próprios como o centro de um sistema. Essa noção estulta é uma boa ilustração, eu acho. Há alguns homens cujos princípios fundamentais são os seguintes: primeiro, a sua própria imobilidade, pois o que são, sempre haverão de ser, e estão certos, e ninguém pode mexer com eles. Segundo, a sua posição é central; o sol se levanta e se põe para eles, e a lua cresce e mingua. Para eles as suas esposas existem; para eles nascem os seus filhos; para eles tudo é colocado onde aparece no universo de Deus; e eles julgam todas as coisas de acordo com esta regra: “Como isto irá beneficiar-me?” Esse é o princípio e o fim do seu grande sistema, e eles esperam que se dê a revolução diária, se não de todos os corpos celestes, certamente de todos os corpos terrestres, ao redor deles. O sol, a lua e as onze estrelas devem fazer-lhes medidas.

Bem, irmãos, essa é uma teoria reprovada, no que diz

respeito à terra, e não há verdade nessa noção com referência a nós. Podemos nutrir essa idéia errônea; mas o público em geral não o fará, e quanto mais depressa a graça de Deus a expelir de nós, melhor, de forma que assumamos nossa posição apropriada num sistema muito mais elevado do que qualquer daqueles em que podemos ser o centro.

O sol, então, e não a terra, é o centro do sistema solar, sistema que, anotem vocês, é provavelmente apenas um pequeno e insignificante canto do universo, apesar de incluir um espaço tão vasto; se eu lhes desse os algarismos reais, vocês não seriam capazes de fazer a mais ligeira idéia do que eles representam de fato. Todavia, esse sistema tremendo, comparado com o conjunto global do universo de Deus, só pode ser como um único grão de areia da praia do mar, e ali podem existir miríades de sistemas, alguns dos quais são compostos de inumeráveis sistemas tão grandes como o nosso, e o próprio sol, grande como é, pode ser apenas um planeta girando em volta de um sol maior, e este mundo apenas um satélite do sol, até aqui nunca observado pelos astrônomos que talvez vivam naquele sol mais distante ainda. É um universo maravilhoso, o que Deus fez. E, por muito que tenhamos visto dele, jamais devemos imaginar que já descobrimos mais do que uma diminuta porção dos mundos e mais mundos que Deus criou.

A terra, e todos os planetas, e toda a matéria sólida do universo, são controlados, como vocês sabem, pela força de atração. Somos mantidos em nosso lugar no mundo, a girar a redor do sol, por duas forças, uma chamada centrípeta, que nos atrai para o sol, e a outra chamada centrífuga, ilustrada geralmente pela tendência das gotas d'água, caindo numa superfície lisa, de ir para a tangente do círculo que estão descrevendo.

Ora, eu creio que, de maneira semelhante, há duas forças agindo sempre em nós, uma que nos atrai para Deus, e a outra que nos afasta dEle, e assim somos mantidos no círculo da

vida. Mas, de minha parte, alegrar-me-ei muito quando puder sair desse círculo e ficar fora da influência da força centrífuga. Creio que, no momento em que o fizer – logo que se vá a força de atração que me afasta de Deus – estarei com Ele no céu. Disso não tenho dúvida. Logo que uma ou outra das duas forças que influenciam a vida humana se esgotar, teremos que flutuar para o espaço longínquo, impelidos pela força centrífuga – não o permita Deus! – ou então voaremos imediatamente para o astro central, movidos pela força centrípeta, e quanto mais cedo chegar esse glorioso final da existência, melhor para nós. Com Agostinho, eu diria: “Todas as coisas são atraídas para o seu próprio centro. Sê Tu o Centro do meu coração, ó Deus, minha Luz, meu único Amor!”

O sol é um corpo enorme. Ele foi medido, mas acho que não vou sobrecarregá-los de algarismos, desde que estes não lhes comunicam a idéia adequada do tamanho real dele. Baste-nos dizer que, se a terra e a lua fossem postas dentro do sol, haveria bastante espaço para elas continuarem girando em suas órbitas justamente como estão fazendo agora; e não haveria temor de chocar-se contra a crosta externa do sol, que para elas representaria os céus.

Leva quase oito minutos para a luz alcançar-nos desde o sol. Podemos avaliar a velocidade que a luz desenvolve quando refletimos em que uma bala de canhão, movendo-se com a maior rapidez possível, levaria sete anos para chegar lá, e em que um trem viajando a cinqüenta quilômetros por hora em média, não parando nunca para reabastecimento ou descanso, exigiria mais de trezentos e cinqüenta anos para alcançá-lo. Assim vocês podem formar uma ligeira idéia da distância a que estamos do sol; e isso, penso eu, dá-nos uma boa ilustração da fé. Não há um homem que possa saber que o sol existe, a não ser pela fé. Que ele existia há oito minutos eu sei, porque eis aqui um raio de luz que acabou de chegar vindo dele, e ele me disse isso. Mas não posso estar certo de que ele exista neste momento. Há algumas das estrelas fixas que estão a tão

enorme distância da terra, que um raio de luz delas leva centenas de anos para chegar até nós, e, pelo que sabemos, podem estar extintas de há muito. Todavia, nós ainda as registramos em nosso mapa dos céus, e as podemos manter ali somente pela fé, pois, assim como “pela fé entendemos que os mundos pela palavra de Deus foram criados”, assim é somente pela fé que sabemos que qualquer delas existe. Quando examinamos de perto esta questão, vemos que os nossos olhos e todas as nossas faculdades e sentidos não são suficientes para dar-nos convicção positiva quanto a estes corpos celestes. Portanto, temos que continuar exercendo fé. Assim é, em alto grau, nas questões espirituais; andamos por fé, e não por vista.

Que o sol tem manchas na face é um fato que todos notam. Exatamente assim. E se vocês são sóis, até muito brilhantes, no entanto, se tiverem quaisquer manchas em vocês, verão que o povo será muito rápido em notá-las e em chamar a atenção para elas. Muitas vezes se fala mais das manchas do sol do que da sua superfície luminosa. Do mesmo modo, mais se dirá das manchas e imperfeições que os homens descubram em nosso caráter do que de quaisquer virtudes que vejam em nós. Durante algum tempo se afirmou que não havia manchas ou pintas de nenhum tipo no sol.

Muitos astrônomos, com o auxílio do telescópio, como também sem ele, descobriram esses defeitos e sinais na face do sol. Todavia lhes asseveraram homens que deviam ter conhecimento, a saber, os reverendos Pais da Igreja, que era impossível haver uma tal coisa.

O livro que citei anteriormente diz: “Sobre Scheiner, jesuíta alemão, relatando a prova dos seus sentidos a um superior provincial, este recusou-se positivamente a acreditar nele. “Eu li”, disse ele, “os escritos de Aristóteles de ponta a ponta muitas vezes, e posso assegurar-lhe que em nenhuma parte deles encontrei qualquer coisa parecida com o que você menciona. Vá, meu filho, e tranqüilize-se. Esteja certo

de que o que você toma por manchas solares são defeitos dos seus óculos ou dos seus olhos.” Assim, irmãos, conhecemos a força do fanatismo, e como os homens não verão o que é perfeitamente claro para nós, e como, ainda quando se lhes apresentem os fatos, não podem ser levados a crer neles, mas os atribuirão a tudo, menos à pura verdade. Recceio que a própria Palavra de Deus muitas vezes tem sido tratada exatamente desse modo. Verdades clara e positivamente reveladas ali, são negadas atrevidamente, porque sucede que não se enquadram nas preconcebidas teorias dos incrédulos.

Tem havido grande número de tentativas para explicar o que seriam realmente as manchas solares. Diz uma teoria que o astro solar é circundado por uma atmosfera luminosa, e que as manchas são espaços abertos nessa atmosfera, através dos quais vemos a superfície sólida do sol. Não posso ver razão nenhuma por que essa teoria não deva constituir a verdade. E, se assim é, parece-me que ela explica o primeiro capítulo de Gênesis, onde se nos diz que Deus criou a luz no primeiro dia, embora não tenha feito o sol até ao quarto dia. Não teria Ele feito primeiro a luz, e depois tomou o sol, que aliás poderia ter sido um mundo escuro, e colocou nele a luz como uma atmosfera luminosa? As duas coisas bem que poderiam encaixar uma na outra. E se estas manchas são realmente aberturas na atmosfera luminosa pelas quais vemos a escura superfície do sol, são admiráveis ilustrações das manchas que os homens vêem em nós. Somos vestidos de santidade como de uma roupagem de luz; porém aqui e ali, há fendas pelas quais os observadores podem enxergar o corpo escuro da depravação natural que ainda existe nos melhores de nós.

É coisa perigosa olhar para o sol com os olhos desprotegidos. Alguns se aventuraram a olhar para ele com óculos não coloridos, e ficaram cegos. Houve diversos casos de pessoas que inadvertidamente negligenciaram o uso de um tipo apropriado de óculos antes de girar o telescópio para o

sol, e ficaram cegas. Isso ilustra a nossa necessidade de um Mediador, e como é necessário ver a Deus por meio de Cristo Jesus, nosso Senhor; de outra forma, a excessiva glória da Deidade poderia destruir-nos completamente a faculdade de ver a Deus.

A respeito do efeito do sol sobre a terra não me demorei agora, pois isso talvez pertença mais a outro ramo da ciência do que à astronomia. Bastará dizer que às vezes as plantas crescem sem sol, como talvez vocês as tenham visto num porão escuro; mas como elas são descoradas quando vivem em tais circunstâncias! Imaginem a enorme satisfação com que Humboldt entrou na grande caverna subterrânea chamada Cueva dei Guacharo, no distrito de Caracas! É uma caverna habitada por aves noturnas frutívoras, e o que o grande naturalista viu foi isto: “Sementes, levadas pelas aves para os seus filhotes, e caídas no solo, tinham germinado, produzindo hastes altas, esbranquiçadas, espectrais, cobertas de folhas não desenvolvidas inteiramente; mas era impossível reconhecer-lhes as espécies, dada a mudança na forma, na cor, no aspecto, que a ausência de luz ocasionara. Os índios nativos fitavam esses traços de organização imperfeita com um misto de curiosidade e medo, como se fossem pálidos e desfigurados fantasmas banidos da face da terra”.

Assim, irmãos, imaginem o que eu e vocês seríamos sem a luz do semblante de Deus. Pensem numa igreja crescendo, como crescem algumas igrejas, sem nenhuma luz do céu, uma caverna cheia de pássaros estranhos e vegetação descorada. Que lugar terrível para alguém visitar! Há uma “gruta” dessas em Roma, e outras há em várias partes da terra; mas aí daqueles que vão residir nessas covas funestas!

Que maravilhoso efeito a luz do semblante de Deus tem sobre os homens que têm em si a vida divina, porém que têm vivido na escuridão! Viajantes nos contam que, nas vastas florestas do Amazonas e do Orinoco, pode-se ver às vezes, em grande escala, a influência da luz na coloração das plantas

quando os brotos das folhas estão se desenvolvendo. Um deles diz: “Nuvens e chuvas às vezes obscurecem a atmosfera por vários dias seguidos, e, durante esse tempo os brotos se expandem tornando-se folhas. Mas essas folhas têm tonalidade pálida, até aparecer o sol, quando, em poucas horas de céu límpido e esplêndida luz solar, a sua cor muda para um verde vívido. Conta-se que, durante vinte dias de tempo escuro e nebuloso, não aparecendo o sol nenhuma vez, as folhas se expandiram, chegando ao seu tamanho normal máximo, contudo eram quase brancas. Certa manhã, o sol começou a brilhar em todo o seu fulgor, quando o colorido da floresta mudou tão rapidamente, que se podia observar palpavelmente o seu progresso. Lá pelo meio da tarde, o conjunto todo, por muitos quilômetros, apresentava a roupagem habitual de verão”.

Essa é uma bela ilustração, parece-me, que não requer preâmbulo; vocês podem fazer por conta própria aplicação dela a respeito do Senhor Jesus. Como conta o Dr. Watts:

*“Se na mais negra sombra Ele aparece,
a minha aurora então começa.
Ele é a minha suave Estrela da Alva,
e o sol nascente da minha alma”.*

Daí começamos a vestir toda espécie de beleza, como as folhas são coloridas pelos raios do sol. Devemos cada átomo de cor presente em qualquer das nossas virtudes, e cada vestígio de sabor que há em qualquer dos nossos frutos, àqueles fulgentes raios solares que jorram sobre nós provenientes do Sol da Justiça, que traz muitas outras bênçãos sob as Suas asas, além de vida e saúde.

Vocês podem observar nas flores do jardim o efeito do sol sobre a vegetação. Notem como elas se voltam para ele sempre que podem; o girassol, por exemplo, segue o curso do sol como se fosse o próprio filho do sol, e olhasse

amorosamente o rosto do pai. Tem aparência muito semelhante à do sol, e eu acho que é porque ele gosta muito de voltar-se para o sol. As inumeráveis folhas de um campo de trevo inclinam-se para o sol. E todas as plantas, umas mais, outras menos, mostram deferência para com a luz solar, à qual são tão profundamente devedoras. Até as plantas de uma estufa, vocês podem observar, crescem, não na direção que vocês esperariam que crescessem, se quisessem calor, isto é, rumo ao tubo de aquecimento donde vem o calor, nem na direção do local onde se permite maior entrada de ar, mas, se tiverem a mínima possibilidade de fazê-lo, enviarão sempre os seus ramos e as suas flores em direção ao sol. É como devemos crescer, rumo ao Sol da Justiça. É para a saúde das nossas almas que devemos volver os nossos rostos para o Sol, como Daniel orava com as janelas abertas na direção de Jerusalém. Onde está Jesus, ali está o nosso Sol; inclinemos constantemente em direção a Ele todo o nosso ser.

Não faz muito tempo, topei com o seguinte caso extraordinário do poder dos raios de luz transmitidos pelo sol. Alguns mergulhadores estavam trabalhando no quebra-mar de Plymouth; estavam no fundo, com seu equipamento de mergulho, dez metros abaixo da superfície da água. Mas um vidro convexo, na parte superior do equipamento, concentrou os raios do sol diretamente sobre eles, e queimou os seus capuzes. Quando li essa história, achei-a uma importante ilustração do poder existente no evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. Alguns dos nossos ouvintes estão igualmente mergulhados dez metros abaixo da tona das águas do pecado, se é que não estão numa profundidade maior. No entanto, pela graça de Deus, ainda os faremos sentir o bendito poder ardente das verdades que pregamos, mesmo que não consigamos pô-los todos em chamas com esta poderosa lente. Irmão, talvez você possuiu, quando menino, uma lente, e quando saía com um amigo que não sabia o que você levava; no bolso, quando ele ficava tranqüilamente sentado ao seu

lado, você tirava do bolso a lente e a mantinha por alguns segundos acima das costas da mão dele, até que ele sentia algo muito quente ali. Gosto do homem que, ao pregar, concentra os raios do evangelho num pecador até queimá-lo. Não disperse os raios de luz. Você pode mover a lente de modo que reflita difusamente os raios, em vez de concentrá-los. Entretanto o melhor meio de pregar é focalizar Jesus Cristo, o Sol da Justiça, diretamente no coração do pecador. É o melhor processo do mundo para pegá-lo. E se ele estiver dez metros debaixo d'água, esta lente ardente capacitará você a atingi-lo. A única coisa que importa é que você não use a sua própria vela, em vez do Sol, pois aquela não cumprirá o mesmo propósito.

Às vezes o sol sofre eclipse, como sabem. A lua se interpõe entre nós e o sol, e então não podemos ver o grande astro do dia. Suponho que todos já vimos um eclipse total, e pode ser que vejamos outro. É uma vista deveras interessante. Mas a mim me parece que as pessoas dão muitíssimo mais atenção ao sol quando está em eclipse do que quando ele está brilhando com toda a claridade. Elas não ficam olhando para ele, dia após dia, quando ele lança os seus raios brilhantes em desnublada glória. Todavia, tão logo entra em eclipse, elas saem aos milhares, com seus óculos especiais, e qualquer garoto da rua tem um fragmento de vidro fosco com o qual observa o eclipse do sol.

Assim, irmãos, não acredito que o nosso Senhor Jesus Cristo alguma vez receba tanta atenção dos homens como quando é exposto como o Salvador padecente, notoriamente crucificado entre eles. Quando o grande eclipse cobriu o Sol da Justiça, então todos os olhares se fixaram nEle, e eles tiveram boa razão para fazer isso. Não deixem de falar aos seus ouvintes continuamente sobre o terrível eclipse no Calvário. Mas importa que também lhes falem dos efeitos desse eclipse, e que não haverá repetição daquele acontecimento estupendo.

*“Eia! Já passou o eclipse solar;
Eia! Não vai mais sangue derramar!”*

Falar de eclipses faz-me lembrar que há, no livro que mencionei, uma notável descrição de um, feita por um correspondente que escreveu ao astrônomo Halley. Ele se postou no Monte Haradow, perto do extremo leste da avenida de Stonehenge, local magnífico para observação, e dali observou o eclipse. A respeito daquilo ele diz: “Estávamos agora envoltos numa escuridão total e palpável, se me permite a expressão. Veio rapidamente, mas eu observava tão atentamente, que pude perceber o seu progresso. Sobreveio como um grande manto negro atirado sobre nós, ou como uma cortina puxada desse lado. Os cavalos, que segurávamos pelos freios, pareciam intensamente impressionados com o fenômeno, e se apertavam junto de nós com sinais de extrema surpresa. Quanto pude perceber, os semblantes dos meus amigos tinham um aspecto horrível. Não foi sem uma involuntária exclamação de espanto que eu olhei em torno de mim naquele momento. Foi a mais terrível vista que jamais contemplei em minha vida”.

Assim, suponho, deve ser na esfera espiritual. Quando o Sol desse mundo grandioso sofreu eclipse, todos os homens ficaram nas trevas; e quando alguma desonra sobrevém à cruz de Cristo, ou sobre o próprio Cristo, cada cristão fica em trevas de horrível espécie. Não pode ficar na luz, se o seu Senhor e Mestre está na obscuridade.

Um observador descreve o que viu na Áustria, onde, parece, todos fizeram do eclipse ocasião para feriado, e rumaram juntos para a planície com diversos modos de observar a vista maravilhosa. Diz esse escritor: “O fenômeno, em sua magnificência, triunfou sobre a petulância da juventude, sobre a leviandade que algumas pessoas assumem como sinal de superioridade, sobre a ruidosa indiferença da qual os soldados geralmente fazem profissão. Reinava

também no ar uma profunda quietude; os pássaros tinham parado de cantar”. A coisa mais curiosa é que, em Londres, depois de um eclipse, quando os galos viram o sol tornar a brilhar, puseram-se a cantar, como se pensassem alegremente que o dia rompera a escuridão da noite.

Entretanto, parece que nem sempre este fenômeno maravilhoso atraiu a atenção das pessoas que possam tê-lo testemunhado. Diz a história que, uma ocasião, travava-se uma batalha, creio que na Grécia, e, durante o seu desenrolar, sobreveio um eclipse total do sol. Mas os guerreiros prosseguiram na luta; na verdade, nem notaram a extraordinária ocorrência. Isso mostra como as paixões fortes podem fazer-nos esquecer as circunstâncias próximas, e também nos ensina como as ocupações de um homem na terra podem fazê-lo esquecido de tudo quanto se expande nos céus. Lemos, agora há pouco, de como aqueles cavalos que estavam ociosos na planície de Salisbury tremeram durante o eclipse. Mas outro escritor nos diz que os cavalos da Itália, ocupados em puxar carruagens, não parecem ter dado a mínima atenção ao fenômeno, porém continuaram seu caminho do mesmo jeito de sempre. Igualmente, as ocupações de um mundano são por natureza tão absorventes, que o impedem de sentir as emoções sentidas por outros homens, cujas mentes têm maior liberdade para meditar nelas.

Encontrei uma bela história sobre um eclipse, que provavelmente vocês gostarão de ouvir. Uma pobre garotinha, pertencente à comuna de Sièyes, nos Baixos Alpes, estava guiando o seu rebanho pela encosta da montanha às seis horas da manhã de um brilhante dia de verão. O sol nascera, e estava dissipando os vapores da noite, e todos pensavam que seria um belo dia sem nuvens. Mas gradativamente a luz foi-se apagando, até desaparecer por completo o sol, e um globo negro tomou o lugar do disco resplandecente, enquanto que o ar se esfriou, e uma escuridão misteriosa pervagou a região toda. A criança ficou tão aterrorizada com a circunstância, que

certamente era anômala, que começou a chorar, e pediu socorro aos gritos. Os seus pais e outros amigos que vieram a seu chamado, nada sabiam de eclipse, e também ficaram aturridos e alarmados. Seja como for, procuraram consolá-la o melhor que puderam. Depois de breve lapso de tempo, a escuridão desapareceu da face do sol, e ele brilhou como antes. Então a menina gritou bem alto, no *patois* (ou linguajar regional, subdialeto) do distrito: “Ó belo sol”! E bem que podia fazê-lo. Quando li a história, pensei que, quando o meu coração tinha sofrido eclipse, e a presença de Cristo se tinha ido por um pouco e depois tinha voltado, quão belo me pareceu o Sol, ainda mais brilhante e lindo do que antes da escuridão temporária. Jesus pareceu-me brilhar sobre mim com luz mais fulgente do que nunca antes, e minha alma gritou em êxtase de encantamento: “Ó belo Sol da Justiça!”

Acha que esta história deve encerrar as nossas ilustrações derivadas do sol, pois também queremos aprender tudo que pudermos dos seus planetas, e, se queremos visitá-los todos, temos que viajar para longe, e também depressa.

O planeta mais próximo, que faz a sua revolução em torno do sol, é MERCÚRIO, que está a cerca de 59.000.000 de quilômetros do grande luminar. Portanto, Mercúrio recebe muito maior porção de luz e calor do sol do que a que nos vem à terra. Acredita-se que, mesmo nos pólos de Mercúrio, a água sempre ferveria; isto é, se o planeta fosse constituído como este mundo. Nenhum de nós teria a menor possibilidade de viver lá; mas isso não é razão por que outros indivíduos não o possam, pois Deus poderia criar algumas das Suas criaturas para viverem em pleno fogo, justamente como criou outras para viverem fora dele. Não tenho dúvida de que, se há habitantes lá, eles gostam do calor. Num sentido espiritual, de qualquer forma, sabemos que os homens que vivem perto de Jesus habitam nas chamas divinas do amor.

Mercúrio é um planeta relativamente pequeno; o seu diâmetro é de cerca de 4.800 quilômetros, ao passo que o da

terra, no Equador, é de 12.756 quilômetros. Mercúrio move-se ao redor do sol em oitenta e oito dias, viajando à razão de quase 180.000 quilômetros por hora, enquanto que a terra percorre somente uns 100.000 km no mesmo período. Imaginem atravessar o Atlântico em cerca de dois ou três minutos! É uma demonstração da sabedoria divina que Mercúrio parece ser o mais denso dos planetas. Vocês vêem, a parte da máquina em que há a mais rápida rotação, e a maior fricção e pressão, deve ser feita do material mais forte, a fim de suportar a enorme tensão do seu movimento veloz e o grande calor a que está sujeito.

Essa é uma ilustração de como Deus adapta cada homem para o seu lugar. Se Ele tencionava que eu seja Mercúrio – o mensageiro dos deuses, como lhe chamavam os antigos – e que viaje velozmente, dar-me-á força proporcional à minha jornada. Na formação de cada planeta, adaptando-o à sua posição peculiar, há uma esplêndida prova do poder e da providência de Deus; e de maneira similar, Ele equipa os seres humanos para a esfera que eles são chamados a ocupar.

Gosto de ver em Mercúrio um retrato do servo de Deus que é cheio de graça. Mercúrio está sempre perto do sol; na verdade, tão perto, que ele próprio raramente é visto. Acho que Copérnico disse que nunca o viu, apesar de tê-lo observado por muito tempo e com grande atenção, e lamentou profundamente que tivesse de morrer sem jamais ter visto esse planeta. Outros o viram, e foi um regalo e tanto para eles, poderem observar as suas revoluções. Mercúrio normalmente fica perdido nos raios solares; e é onde eu e vocês devemos estar tão perto de Cristo, o Sol da Justiça, em nosso viver e em nossa pregação, que as pessoas que estão tentando observar os nossos movimentos mal possam ver-nos. O moto de Paulo deve ser o nosso: “Não eu, mas Cristo”.

Mercúrio, também, em consequência de estar tão perto do sol, é notadamente o menos compreendido de qualquer dos planetas. Talvez seja o que tenha causado mais problemas

aos astrônomos do que qualquer outro membro da família celeste. Os cientistas têm-lhe dado grande atenção, e têm procurado descobrir tudo acerca dele. Mas a tarefa é difícil, pois geralmente ele está desaparecido na glória solar, e nunca é visto numa porção escura dos céus. Assim, irmãos, eu creio que quanto mais perto de Cristo vivermos, maior mistério seremos para a humanidade toda. Quanto mais desaparecidos em Seu fulgor, menos capazes de compreender-nos serão os homens. Se fôssemos sempre o que deveríamos ser, os homens veriam em nós uma ilustração do texto: “Estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus”. A semelhança de Mercúrio, também devemos ser tão ativos na órbita a nós designada, que não demos aos nossos observadores tempo para ver-nos em nenhuma posição definida; e depois, devemos estar tão absorvidos na glória da presença de Cristo, que eles não consigam perceber-nos.

Quando Mercúrio é visto da terra, nunca é visível em sua luminosidade, pois sua face está sempre voltada para o sol. Receio que, sempre que somos muito vistos, normalmente só aparecemos como pontos escuros; quando o pregador é muito proeminente num sermão, sempre há escuridão. Eu gostaria que a pregação do evangelho fosse totalmente Cristo, o Sol da Justiça, sem nenhum ponto negro; nada de nós, mas tudo do Senhor Jesus. Se houver quaisquer habitantes em Mercúrio, o sol deve parecer-lhes quatro ou cinco vezes maior do que nos parece; seu brilho seria insuportável aos nossos olhos. Seria uma vista deveras esplêndida, se alguém pudesse contemplá-la. Assim, quanto mais perto de Cristo chegarmos, mais veremos dEle, e mais Ele crescerá em nossa estima.

O planeta que vamos considerar após Mercúrio é VÊNUS. Está cerca de 108.000.000 de quilômetros do sol, e é pouco menor do que a terra, sendo o seu diâmetro 12.300 quilômetros, comparados com os nossos 12.756 Km. Vênus gira ao redor do sol em 225 dias, viajando à razão de 128.000 Km por hora, aproximadamente. Quando o sistema de

astronomia de Copérnico foi lançado ao mundo, uma das objeções que sofreu foi exposta assim: “É claro que Vênus não gira ao redor do sol porque, se girasse, teria que apresentar os mesmos aspectos da lua, a saber, às vezes teria que ser crescente, às vezes como meia-lua, ou deveria assumir a forma conhecida como corcovada, e às vezes deveria aparecer na forma de um círculo completo. Mas”, disse o oponente, apontando para Vênus, “esse planeta tem sempre o mesmo porte; olhem para ele, não é nada parecido com a lua.” Essa era uma dificuldade que alguns dos astrônomos mais antigos não puderam explicar, porém, quando Galileu girou o seu recém-fabricado telescópio para o planeta, o que descobriu? Ora, que Vênus passa por fases semelhantes às da lua! Nem sempre podemos ver a totalidade do planeta iluminado, mas suponho que é certo que a luz de Vênus sempre nos parece quase a mesma. Num instante você perceberá por quê. Quando a face do planeta está voltada para nós, ele está no ponto de maior distância da terra. Conseqüentemente, a luz que chega até nós não é maior do que quando ele está mais perto, entretanto tem a sua face, ao menos parcialmente, voltada para fora do nosso alcance. Em minha opinião, os dois fatos são perfeitamente reconciliáveis. E assim é, creio eu, com algumas doutrinas da graça que deixam perplexas certas pessoas. Dizem elas: “Como é que você pode harmonizar estas duas coisas?” Respondo: “Não sei se tenho a obrigação de provar como elas se harmonizam. Se Deus tivesse me dito, eu lhe diria. Mas, como Ele não o fez, tenho que deixar a questão no ponto em que a Bíblia a deixa.” Posso não ter descoberto a explicação de qualquer aparente diferença entre as duas verdades, e, todavia, com tudo isso, as duas coisas podem ser perfeitamente coerentes uma com a outra.

Vênus é tanto a estrela da manhã como “a estrela do anoitecer, belíssima estrela”. Tem sido chamado Lúcido, Fósforo – o que porta luz – e também Hésper – a estrela vespertina. Talvez, irmãos, vocês se lembrem de como Milton,

em *Paradise Lost* (Paraíso Perdido), se refere a este duplo caráter e ofício de Vênus:

*“Astro, o mais belo, ao fim do cortejo noturno,
se é que mais não pertences ao albor da aurora;
penhor do dia, coroas a manhã ridente
com teu disco fulgente; em tua esfera louva-o,
enquanto surge o dia, doce hora de vida”.*

O nosso Senhor Jesus Cristo denomina-Se a Si próprio, “a brilhante estrela da manhã”. Toda vez que Ele vem a uma alma, Ele é o seguro precursor daquela luz eterna que nunca mais desaparecerá, para sempre. Agora que este Jesus, o Sol da Justiça, saiu do raio de visão do homem, eu e vocês devemos ser como estrelas do anoitecer, mantendo-nos tão perto quanto possível daquele grande SOL central, e fazendo que o mundo saiba com que Jesus Se parece, por nossa semelhança com Ele. Não disse Ele aos Seus discípulos: “Vós sois a luz do mundo”?

O próximo pequeno planeta a ser considerado, o qual gira em torno do sol, é a TERRA. A sua distância do sol varia de cerca de 148 milhões a 152 milhões de quilômetros. Não se desanimem, cavalheiros, em suas esperanças de chegar ao sol, porque vocês não se acham tão longe dele como os habitantes de Saturno. Se existem moradores lá, eles estão quase dez vezes mais longe do sol do que nós. Todavia, não suponho que vocês alguma vez tomarão assento no ígneo carro de Febo, o sol; ao menos, não em vosso presente estado encarnado; é lugar quente demais para vocês se sentirem à vontade ali.

A terra é pouco maior do que Vênus, e leva muito mais tempo para dar volta ao Sol – doze meses de jornada, ou, falando em termos exatos, 365 dias, 6 horas, 9 minutos e 10 segundos. Este mundo é um negócio que anda devagar; e receio que visa menos à glória de Deus do que qualquer outro mundo que Ele tenha criado. Não o tenho visto de longe; mas

desconfio que jamais brilha tão fulgentemente como Vênus, pois, pelo pecado, uma nuvem de escuridão o envolveu. Suponho que, nos dias milenários, a cortina será afastada, uma luz será lançada sobre a terra, e então ela brilhará para a glória de Deus, como as suas estrelas irmãs, que nunca perderam o seu prístino brilho. Acho que já existem algumas cortinas afastadas; cada sermão, repleto de Cristo, que pregamos, faz rolar para longe uma parte das névoas e das obscuridades da superfície do planeta; de qualquer forma, moral e espiritualmente, se não quanto aos fenômenos naturais.

Ademais, irmãos, embora a terra viaje lentamente, quando comparada com Mercúrio e Vênus, todavia, como disse Galileu, ela se move, e em velocidade muito boa, também. Ouso dizer que, se vocês tivessem que caminhar vinte minutos, e nada soubessem da velocidade com que a terra está viajando, ficariam surpresos se eu lhes garantisse que naquele curto espaço vocês percorreram mais de 30.000 quilômetros; mas seria um fato. Este livro (de Milner), que já nos deu muita informação útil, diz: “É um pensamento verdadeiramente espantoso que, “despertos ou dormindo, em casa ou fora”, somos constantemente transportados em rotação com a massa terrestre à razão de mais de dezessete quilômetros por minuto, e, ao mesmo tempo, estamos viajando com ela pelo espaço com uma velocidade de 106.000 Km por hora, Assim, durante os vinte minutos consumidos numa caminhada de um quilômetro e meio desde a nossa porta, somos silenciosamente conduzidos mais de trinta mil quilômetros de uma parte do espaço a outra; e, durante uma noite de oito horas de repouso, ou virando-nos para cá e para lá, somos inconscientemente trasladados através de uma extensão igual a duas vezes a distância do mundo lunar”.

Não notamos nem um pouco esse movimento, e assim é que coisas pequenas, que estão perto e são tangíveis, muitas vezes parecem mais notáveis do que coisas grandiosas que estão mais longe. Este mundo causa aos homens impressão

muito mais forte do que a que o mundo por vir jamais causou, porque olham somente as coisas que se vêem e que são temporais, “Mas”, talvez vocês digam, “nós não sentimos que nos estamos movendo.” Não, porém estão, embora não tenham consciência disso. Assim, penso que às vezes, quando um crente em Cristo não se sente progredir nas coisas espirituais, não se aflija por isso; não estou certo de que aqueles que imaginam que estão crescendo espiritualmente o estejam de fato. Talvez estejam apenas fazendo crescer um câncer em alguma parte, e as suas fibras mortais os levam a fantasiar que há crescimento dentro deles. Há crescimento, sim, infelizmente! Mas é crescimento para destruição.

Quando um homem se julga um cristão plenamente desenvolvido, lembra-me um pobre rapaz que eu via costumadamente. Tinha ele uma tão enorme cabeça para o seu corpo, que muitas vezes tinha que pousá-la num travesseiro, pois ela era pesada demais para os seus ombros carregarem, e sua mãe me disse que, quando ele tentava levantar-se, freqüentemente tombava, desequilibrado por sua pesada cabeça. Há alguns que parecem crescer muito depressa, mas têm água no crânio, e são desproporcionados. Todavia, aquele que verdadeiramente cresce na graça, não diz: “Valha-me Deus! Posso sentir que estou crescendo; bendito seja o Senhor! Cantemos o hino: “Eu cresço! Eu cresço!” Às vezes eu achava que estava decrescendo, irmãos. Acho isso muito possível, e bom, também. Se somos muito grandes em nossa própria estima, é porque temos vários cânceres, ou abscessos malignos, que precisam ser lancetados, de modo que seja expelida a matéria má que nos faz gabar-nos da nossa grandeza.

É boa coisa não sentirmos que nos movemos, pois, como já lhes recordei, andamos por fé, não por vista. Contudo, eu sei que nós nos movemos, e estou persuadido de que voltarei, logo que a revolução da terra o permita, a este exato ponto, neste dia, daqui a doze meses. Se me estiverem olhando de Saturno, irão enxergar-me em algum ponto próximo a este

mesmo local, a menos que o Senhor venha nesse ínterim, ou me chame para estar com Ele.

Se sentíssemos mover-se o mundo, provavelmente seria por haver alguma obstrução na estrada celeste; mas nos movemos tão macia, gentil e tranqüilamente, que não o percebemos. Creio que o crescimento na graça tem grande semelhança com isso. Um bebê cresce, e, no entanto, não sabe que cresce. A semente cresce inconscientemente no solo. E assim nos desenvolvemos na vida divina, até chegarmos à plenitude da estatura de homens em Cristo Jesus.

Servindo à terra está a LUA. Em acréscimo a seu dever como um dos planetas que giram ao redor do sol, ela tem a incumbência de servir à terra, prestando-lhe muitos serviços úteis, e à noite iluminando-a com o seu grande holofote refletor, de acordo com a razão de óleo de que disponha para esparzir os seus raios sobre nós. A lua opera também sobre a terra com os seus poderes de atração; e como a água é a parte mais móvel do nosso planeta, a lua a atrai para si, formando assim as marés; e essas marés ajudam o mundo todo a manter-se em saudável movimento; são-lhe uma espécie de seiva vital.

A lua sofre eclipses, às vezes com muita freqüência, e muito mais vezes que o sol. E esse fenômeno tem ocasionado muito terror. Entre algumas tribos, um eclipse lunar é ocasião para a maior angústia possível. Sir R. Schomberg descreve assim um eclipse total da lua em Santo Domingo: “Eu fiquei sozinho no alto do teto plano da casa em que eu morava, observando o progresso do eclipse. Figurei na imaginação a vívida e extraordinária cena que uma vez testemunhei no interior da Guiana, entre os índios ignorantes e supersticiosos, como eles corriam para fora das suas choças quando chegaram as primeiras notícias do eclipse, falavam atabalhoadamente na língua deles, e, com gesticulações violentas, lançavam os punhos cerrados em direção à lua. Quando, como nessa ocasião, o disco estava completamente eclipsado, romperam em lamentos, e sombriamente se agacharam no chão, escondendo

os rostos entre as mãos. As mulheres permaneceram dentro de suas choças, durante essa estranha cena. Quando, brilhando como um esplendente diamante, a primeira porção da lua, que se desembaraçara da sombra, tornou-se visível, todos os olhares se voltaram para ela. Falavam uns aos outros com vozes abafadas; mas as suas observações foram ficando cada vez mais altas, e eles foram abandonando a sua postura inclinada conforme aumentava a luz. Quando o disco brilhante anunciou que o monstro que queria extinguir a Rainha da Noite fora subjugado, a grande alegria dos indígenas foi expressa com aquela gritaria que, na quietude da noite, pode ser ouvida à grande distância”.

A falta de fé causa o mais extraordinário pavor, e produz os atos mais ridículos. O homem que crê que a lua, embora temporariamente oculta, voltará a brilhar, vê um eclipse como um fenômeno curioso, digno da sua atenção, e cheio de interesse; porém o homem que teme realmente que Deus está apagando a luz da lua, e que nunca mais verá os seus fulgentes raios, sente-se num estado de terrível abatimento. Talvez aja como agem os hindus e alguns africanos durante um eclipse. Eles fazem soar velhos tambores, e tocam cornetas de chifres de bois, e fazem todo tipo de barulhos espantosos, para fazer o dragão, que se supõe que tragou a lua, vomitá-la. Essa é a teoria que eles têm de um eclipse, e agem de acordo com ela. Mas, uma vez que conhecemos a verdade, e sabemos especialmente da gloriosa verdade de que “todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto”, não temeremos que nenhum dragão engula a lua, nem qualquer outra coisa que os temores dos homens os façam imaginar. Se formos ignorantes da verdade, cada evento que ocorrer, que poderia ser pronta e completamente explicado do ponto de vista de Deus, poderá causar o máximo terror, e arrastar-nos, talvez, para as mais selvagens loucuras.

O quarto planeta que iremos abordar, depois da terra, é

MARTE, que geralmente brilha com luz avermelhada. Costumava-se pensar que a cor “de escudo vermelho sanguíneo” de Marte era causada pela absorção dos raios solares, mas essa idéia foi refutada, e agora se acredita que se deva à cor do seu solo. De acordo com a idéia anterior, um homem raivoso, que é como Marte, o deus da guerra, deve ser um que absorveu todas as cores para seu próprio uso, e só mostra os raios vermelhos às demais pessoas; ao passo que a noção mais moderna, de que o solo do planeta lhe dá sua cor distintiva, ensina-nos que, onde houver uma natureza feroz, haverá uma exibição guerreira, a menos que ela seja restringida pela graça. Marte está a cerca de 229.000.000 de quilômetros do sol. É muito menor do que a nossa terra, sendo o seu diâmetro equatorial 6.750 quilômetros. Viajando à razão de 93.000 quilômetros por hora, leva 687 dias para completar a sua translação ao redor do sol.

Entre as órbitas de Marte e Júpiter, há uma ampla zona em que, durante muitos séculos, não se via nenhum planeta. Mas os astrônomos diziam dentro de si: “Certamente tem que haver uma coisa ou outra entre Marte e Júpiter”. Não puderam encontrar grande planetas. Mas, como os telescópios se tornaram maiores e mais poderosos, observaram que havia grande número de ASTERÓIDES ou PLANETÓIDES, como alguns os denominam. Não sei quantos são, pois se assemelham às famílias de alguns dos nossos irmãos, as quais crescem diariamente. Já foram descobertos algumas centenas deles, e, com o auxílio da fotografia telescópica, podemos esperar ouvir da descoberta de muito mais. O primeiro asteróide foi identificado no primeiro dia do presente século, e recebeu o nome de Ceres. Muitos deles foram denominados com nomes mitológicos femininos, suponho por serem planetas menores, e é considerado galante dar-lhes nomes de damas. Parecem variar de 4 a 770 quilômetros de diâmetro. E muitos acham que eles são fragmentos de algum planeta que fazia a sua translação entre Marte e Júpiter, o qual

explodiu e se despedaçou, numa ruína completa.

Aquelas pedras meteóricas que às vezes caem na terra, mas que muito mais freqüentemente, em certas estações do ano, são vistas cruzando o céu da meia-noite, também podem ser fragmentos do mundo, mencionado acima, que pereceu. Seja como for, desde que os pais dormiram, as coisas não continuaram sendo o que eram; houve mudanças no mundo estelar que prenunciam aos homens que outras mudanças ocorrerão ainda. Esses blocos de matéria meteórica estão voando pelo espaço, e quando chegam ao alcance da nossa atmosfera, encontram um meio antagônico; eles têm que impulsionar-se através dele com enorme rapidez, razão por que ficam incandescentes de calor, e assim ficam visíveis. E, de maneira semelhante, creio que existe grande abundância de bons homens no mundo que são invisíveis enquanto não sofrem oposição e, sofrendo oposição, tendo o amor de Deus a impulsioná-los com tremendo ímpeto, ficam em brasa de santo fervor, dominam toda a oposição, e então se tornam visíveis aos olhos da humanidade. De minha parte, prefiro passar por um meio hostil. Creio que todos nós queremos viajar naquela espécie de atmosfera, que nos dê a fricção sagrada que desenvolverá plenamente os poderes a nós confiados. Se Deus nos deu força, não nos será mau sermos colocados onde há oposição, porque não seremos detidos por ela, porém esse mesmo processo nos fará brilhar com muito maior fulgor como luzes do mundo.

Para lá do espaço ocupado pelos asteróides está o magnificente planeta JÚPITER, a estrela mais brilhante das que vimos, exceto Vênus. Entretanto, está muito, muito longe. Sua menor distância do sol é aproximadamente 779.000.000 de quilômetros; isto é, acima de cinco vezes a distância em que estamos. Mesmo aqui, estamos tão longe que muitas vezes não vemos o sol; mas Júpiter está cinco vezes mais distante do sol, e isso requer dele 4.333 dias, ou quase doze anos terrestres, para dar volta ao grande luzeiro, viajando na

velocidade de quase 44.000 quilômetros por hora. A razão pela qual Júpiter é tão brilhante é, em parte, seu grande tamanho, pois tem perto de 145.000 Km de diâmetro, ao passo que o da terra não chega a 13.000 Km; e também pode ser em parte porque a sua constituição é melhor para refletir a luz, ou senão, àquela distância, a sua magnitude de nada lhe valeria. E, irmãos, se eu e vocês fôssemos postos em posições difíceis, onde parecêsemos incapazes de brilhar para a glória de Deus, deveríamos pedir ao Senhor que nos constituísse de modo que pudéssemos refletir melhor o Seu brilho, e produzir assim efeitos tão bons como os de nossos irmãos colocados em posições mais favoráveis.

Júpiter é assistido por quatro luas.* Estes satélites foram descobertos logo depois da invenção do telescópio; todavia, havia várias pessoas que não acreditavam na existência deles, e um dos nossos bem conhecidos, os jesuítas, era o mais vigoroso em sua determinação de que nunca, por processo algum, se convenceria daquilo que outros sabiam ser um fato. Pediram-lhe que olhasse por um telescópio a fim de ver que era realmente assim. No entanto ele declinou porque, disse ele, se o fizesse, talvez fosse obrigado a crer nisso, e, como não desejava crer, recusava-se a olhar. Acaso não há alguns que agem desse modo para com as verdades da revelação? Algum tempo mais tarde o jesuíta caiu sob as iras do bom Kepler, e, convencido de que laborava em erro, visitou o astrônomo e lhe pediu perdão. Kepler disse que o perdoaria, mas teria que infligir-lhe uma penitência. “Qual será?” perguntou ele. “Ora”, disse Kepler, “você tem que olhar por aquele telescópio.” Esse era talvez o mais horrível castigo que o jesuíta poderia receber, pois, quando olhou pelo instrumento, foi obrigado a

* “Em setembro de 1892 um quinto satélite foi descoberto graças ao grande telescópio do Observatório Lick, no Monte Hamilton, Califórnia.” - *The Voices of the Stars*, de J. E. Walker, M. A. Elliot Stock.

Júpiter “possui doze satélites”, *apud Nouveau Petit Larousse en Couleurs*, ed., de 1968. Nota do Tradutor.

dizer que viu o que anteriormente negara, e foi obrigado a expressar a sua convicção da veracidade do ensinamento do astrônomo. Assim, às vezes, fazer um homem ver a verdade é-lhe severíssima penalidade. Se ele não quiser vê-la, é boa coisa compeli-lo a olhar para ela. Há muitíssimos irmãos que não são jesuítas e que, todavia, não desejam conhecer a verdade completa. Mas espero, irmãos, que eu e vocês sempre desejemos aprender tudo que o Senhor revelou em Sua Palavra.

Eis o argumento de Sizzi, astrônomo um tanto notável, que tentou provar que as luas de Júpiter não podiam existir. Pergunto-me se vocês podem ver a falácia dele: “Há sete janelas dadas aos animais no domicílio da cabeça, pelas quais o ar é admitido ao tabernáculo do corpo para dar-lhe claridade, aquecê-lo e nutri-lo; janelas que são as partes principais do microcosmo, ou pequeno mundo – duas narinas, dois olhos, dois ouvidos e uma boca. Assim, nos céus ou grande mundo, à semelhança do microcosmo, há dois astros favoráveis, Júpiter e Vênus, dois não propícios, Marte e Saturno; dois luminares, o sol e a lua; e a sós Mercúrio, indeciso e indiferente, dos quais, e de muitos outros fenômenos da natureza, como os sete metais, etc., que seria tedioso enumerar, deduzimos que o número de planetas é necessariamente sete. Além disso, os satélites são invisíveis a olho nu, e, portanto, não podem exercer nenhuma influência sobre a terra, e, por conseguinte, seriam inúteis, e, conseqüentemente, não existem. Ademais, também os judeus e outras nações antigas, e os europeus modernos, adotaram a divisão da semana em sete dias, e deram a estes os nomes dos sete planetas. Ora, se aumentarmos o número de planetas, todo este sistema cai por terra”.

Irmãos, acho que ouvi a mesma espécie de argumento apresentado muitas vezes com referência a questões espirituais; isto é, um argumento baseado em teoria apresentado contra fato comprovado. Mas os fatos sempre derrubam as teorias, no mundo inteiro. Só que, às vezes, leva

bom tempo para os fatos serem comprovados de modo absoluto.

É algo singular, e outro exemplo do poder e da sabedoria de Deus, que, embora os satélites de Júpiter estejam constantemente sofrendo eclipse, como é muito natural, dada e a sua rápida translação em torno dele, contudo, nunca ficam em eclipse todos de uma vez. Uma lua pode entrar em eclipse, e talvez outra, ou até três das quatro; mas sempre fica uma a brilhar; e, de modo semelhante, Deus nunca tira toda a consolação do Seu povo de uma vez; sempre fica um raio de luz para encorajá-lo.

Há muito mais para aprender de Júpiter, porém, tendo-o apresentado a vocês, deixarei que o examinem pessoalmente, e extraíam dele tudo que puderem.

Muitíssimo além de Júpiter está SATURNO. Esse respeitável planeta tem sido muito caluniado, mas fico feliz ao informá-los de que ele não merece esse tratamento. Ele está a cerca de 1.430.000.000 de quilômetros do sol. Pergunto-me se algum irmão aqui, dotado de mente larga, tem idéia do que seja um milhão; não acho que tenha, e estou certo de que eu não tenho. Requer grande quantidade de reflexão entender o que significa um milhão; mas compreender o que significa um milhão de quilômetros, está completamente fora da capacidade de apreensão mental das pessoas. Um milhão de pregos já seria uma coisa enorme; porém um milhão de quilômetros! E aqui estamos falando, não de um milhão, mas de mais de um bilhão, ou seja, mais de mil milhões de quilômetros! Bem, renuncio a sequer pensar em entender o que é isso, enquanto eu estiver neste estado finito. Ora, quando vocês falam de um bilhão e 430 milhões, poderiam também falar de um trilhão e tantos de uma vez; pois um termo é quase tão incompreensível quanto o outro; e, não obstante, dá prazer lembrar que este vasto espaço é para o nosso grande Deus apenas como a largura de uma mão, comparado com o imensurável universo que Ele criou.

Eu disse que Saturno tem sido caluniado, e assim é. Vocês

sabem que temos em nossa língua inglesa a palavra “saturnine” (saturnino) como descrição nada elogiosa de certos indivíduos. Quando um homem é elogiado por ser muito cordial e afável, diz-se que ele é jovial, em alusão a Jove, ou Júpiter, o planeta fulgentemente brilhante; mas uma pessoa de temperamento oposto é chamada saturnina, porque se supõe que Saturno é um planeta melancólico, terrivelmente lúgubre, e que as suas influências são malignas e funestas.

Se vocês leram algum dos livros astrológicos que eu tive o prazer de estudar, terão visto que, se tivessem nascido sob a influência de Saturno, quase igualmente teriam nascido sob a influência de satanás, pois vem a ser quase a mesma coisa, afinal. Supõe-se que esse planeta é um tipo de indivíduo muito lerdo, e seu símbolo é o do chumbo. Todavia ele é realmente um personagem muito ligeiro e cheio de vida. O seu diâmetro é quase nove vezes maior do que o da terra e, conquanto o seu volume seja igual a 746 mundos do tamanho do nosso, o seu peso equivale a apenas 92 globos como o nosso globo terráqueo. A densidade dos planetas parece diminuir de acordo com a sua distância do sol, não numa proporção regular, e sim ainda desse modo, em grande medida. E parece não haver razão por que os que são mais remotos, e viajam lentamente, devam ser tão densos como os que se acham mais perto do astro central, e giram mais rapidamente ao redor dele.

Este útil volume, do qual já lhes dei vários extratos, diz: “Portanto, em vez de afundar como chumbo nas potentes águas, ele flutuaria sobre o líquido, se se pudesse achar um oceano com suficiente capacidade para recebê-lo. John Goad, o bem conhecido astro-meteorologista, declarou que o planeta não é o “sujeito plúmbeo e de nariz azulado” que toda a antigüidade cria que era, e o mundo ainda supunha. Mas a outros competia prová-la. Durante seis mil anos, pouco mais, pouco menos, Saturno ocultou as suas feições pessoais, a sua interessante família e os seus acessórios – as magníficas

dependências externas da sua casa – ao conhecimento da humanidade. Entretanto foi apanhado, afinal, por um pequeno tubo, apontado para ele desde um declive dos Apeninos, cujo manipulador, invadindo a sua privacidade, não cuidou de pedir licença, e não se considerou intruso”. Quando aquele “pequeno tubo” o focalizou, viu-se que ele era um planeta extremamente belo, um dos mais variados e dos mais maravilhosos de todos os mundos planetários.

Tomem isso como uma ilustração da falsidade da calúnia, e de como algumas pessoas são muito difamadas e conspurcadas porque as outras não as conhecem. Na verdade, este planeta, que era tão desprezado, veio a ser um objeto muito formoso; e, em vez de ser muito obscuro, e o que a palavra saturnino normalmente significa, é brilhante e glorioso. Também Saturno não tem menos que oito luas* para escoltá-lo; e, em acréscimo, tem três anéis, que Tennyson canta nestes versos:

*“Ainda enquanto Saturno gira, sua sombra
em seus anéis fulgentes dorme”.*

Saturno tem somente uma centésima parte da luz do sol, comparada com a que recebemos; todavia, suponho, a atmosfera poderia ser disposta de tal modo que ele teria tanta luz solar como a que temos; mas mesmo que a atmosfera fosse do mesmo tipo da nossa, Saturno ainda teria tanta luz como a que temos num nevoeiro londrino comum. Estou falando, é claro, da luz do sol; porém não podemos falar do poder de iluminação que o Senhor pode ter posto no planeta mesmo. Além disso, ele tem as suas oito luas, e os seus três fulgentes anéis, cujo brilho não se pode imaginar ou descrever. Que há de ser, contemplar um maravilhoso arco de luz elevando-se à altura de cerca de 60.000 quilômetros acima do planeta, e

* Foram descobertos posteriormente mais 3 satélites. *Apud Atlas Geográfico Melhoramentos*, 36ª edição, e *Larousse*, ed. de 1968. Nota do Tradutor.

tendo a enorme envergadura de aproximadamente 274.000 quilômetros! Se vocês estivessem no equador de Saturno, só veriam os anéis como uma estreita faixa de luz. Mas se pudessem viajar para os pólos, veriam por cima de vocês um tremendo arco, resplandecente de luz, como algum dos imensos refletores que se vêem suspensos em grandes edifícios onde não podem receber suficiente luz solar. O refletor ajuda a reunir os raios luminosos e a lançá-los aonde são necessários; e não tenho dúvida de que esses anéis funcionam como refletores para Saturno. Deve ser um maravilhoso mundo onde viver, se é que há habitantes lá; têm compensações que cobrem plenamente as suas desvantagens por estarem tão longe do sol. Assim é no mundo espiritual; o que o Senhor retira numa direção, Ele compensa noutra. E os que se acham muito distanciados dos meios de graça, e dos privilégios cristãos, têm uma luz interior e uma alegria que outros, com maiores vantagens aparentes, quase poderiam invejar.

Excursionando de novo pelos céus, muitíssimo além de Saturno, chegamos a URANO, ou HERSCHEL, como é chamado às vezes, do astrônomo que o descobriu em 1781. Crê-se que a menor distância que separa Urano do sol é de cerca de 2.870.000.000 de quilômetros. Dou-lhes os Algarismos, mas nem eu nem vocês podemos ter a mais ligeira concepção da distância que eles representam. A um observador postado em Urano, o sol provavelmente pareceria apenas um remoto ponto luminoso; ainda, o planeta faz a sua rotação em torno de 25.000 quilômetros por hora, e leva perto de oitenta e quatro dos nossos anos para completar uma jornada em torno do sol. Diz-se que Urano tem volume igual a setenta e três a setenta e quatro terras, e que é assessorado por quatro luas.* Não sei muita coisa sobre Urano; portanto, não tenciono falar muito dele.

Isso pode servir como ilustração da lição de que um

* Mais uma foi depois descoberta. *Id. Id.* Nota do Tradutor.

homem faria melhor falando o menos possível de uma coisa da qual pouco sabe; e esta é uma lição que muitas pessoas precisam aprender. Por exemplo, há provavelmente mais obras sobre o livro do Apocalipse do que sobre qualquer outra parte das Escrituras, e, com exceção de apenas uns poucos, não valem o papel em que foram impressos. Depois, em seguida ao livro do Apocalipse, nesta questão, vem o livro de Daniel; e, porque é tão difícil de explicar, muitos escreveram sobre ele, contudo, de modo geral, o resultado dos seus escritos é que somente se têm impugnado e contradito uns aos outros. Irmãos, preguemos o que sabemos; e não falemos nada daquilo de que somos ignorantes.

Percorremos longo caminho, pela imaginação, viajando e ao planeta Urano, mas ainda não completamos a nossa excursão da tarde. Alguns astrônomos observaram que a órbita de Urano às vezes se desviava do curso que eles tinham marcado em seu mapa dos céus; e isso os convenceu de que havia outro corpo planetário, não descoberto até então, que estava exercendo invisível mas poderosa influência sobre Urano.

Este fato, que estes mundos enormes, com tantos milhões de quilômetros de espaço entre eles, retardam ou aceleram os movimentos uns dos outros, para mim é uma bela ilustração da influência que eu e vocês temos sobre os nossos semelhantes. Consciente ou inconscientemente, ou impedimos o progresso de um homem na vereda que leva a Deus, ou então apressamos o seu avanço pelo caminho que conduz ao céu. “Nenhum de nós vive para si.”

Os astrônomos chegaram à conclusão de que tinha que existir outro planeta, anteriormente desconhecido para eles, que estava perturbando o movimento de Urano. Desconhecidos um do outro, um inglês, o Sr. Adams, de Cambridge, e um francês, o Sr. Le Verrier, puseram-se a trabalhar para localizar a posição em que esperavam descobrir o corpo celeste, e os seus cálculos lhes trouxeram resultados quase idênticos. Quando os telescópios foram apontados para

aquela parte dos céus onde os astrônomos matemáticos acreditavam que o planeta seria encontrado, ele foi logo descoberto, brilhando com luz de tom amarelo pálido, e agora o conhecemos pelo nome de NETUNO.

O volume que tenho diante de mim, fala nestes termos dos dois métodos de achar-se um planeta, um pesquisador empregando o mais poderoso telescópio, e o outro fazendo cálculos matemáticos: “Detectar um planeta com os olhos, ou rastreá-lo até sua localização com a mente, são atos tão incomensuráveis como os dos poderes musculares e intelectuais. Recostado em sua cômoda poltrona, o astrônomo prático não tem mais que olhar pela abertura da sua cúpula giratória para rastrear o astro peregrino em seu curso; ou, pela aplicação de magnífico poder, ampliar o seu disco delgado, e assim transferi-lo dentre os seus companheiros siderais para os domínios planetários. O astrônomo físico, ao contrário, não tem desses auxiliares. Ele faz cálculos ao meio-dia, quando as estrelas desaparecem sob o sol meridiano; computa valores à meia-noite, quando as nuvens e as trevas encobrem os céus; e de dentro daquela abóbada cerebral que não tem aberturas rumo aos céus, e não tem instrumentos, senão os olhos da razão, vê nas ações perturbadoras de um planeta não divisado, sobre um planeta igualmente não visto por ele, a existência do agente perturbador, e, partindo da natureza e do volume da sua ação, computa a sua magnitude e indica o seu lugar”.

Que coisa grandiosa é a razão! É muito acima dos meros sentidos; e a fé, então, está muito acima da razão; só que, no caso do astrônomo matemático em quem estamos pensando, a razão era uma espécie de fé. Ele raciocinou: “As leis de Deus são assim e assim, e assim e assim. Este planeta Urano está sendo perturbado; algum outro planeta deve tê-lo perturbado, e, assim, eu o procurarei e o acharei onde estiver”. E quando os seus intrincados cálculos se completaram, ele pôs o dedo em Netuno com a mesma facilidade com que um detetive põe as mãos num gatuno, e muito mais depressa; na verdade,

parece-me que muitas vezes é mais fácil encontrar uma estrela do que pegar um ladrão.

Netuno brilhava muito tempo antes de ser descoberto e de receber nome. E eu e vocês, irmãos, podemos permanecer ignorados durante anos, e é possível que o mundo jamais nos descubra. Mas espero que a nossa influência, como a de Netuno, seja sentida e reconhecida, quer sejamos vistos pelos homens, quer apenas brilhemos em solitário esplendor para a glória de Deus.

Bem, viajamos em pensamento até o distante Netuno, que está a quase 4.500.000.000 de quilômetros do sol; e, postados lá, olhamos ao espaço e, eis miríades, e miríades, e miríades de quilômetros em que parece não haver mais planetas pertencentes ao sistema solar. Talvez haja outros que ainda não foram descobertos, todavia, o quanto sabemos, além de Netuno há um grande golfo fixo.

Há, porém, o que podemos chamar de “saltadores” no sistema, os quais, sem o uso de vara, podem cruzar este golfo; são os COMETAS. Esses cometas são, em regra, tão finos – simples massa membranosa de vapor – que, quando entram reluzindo em nosso sistema, e tornam a sair velozes, nunca perturbam o movimento de um planeta. E existem alguns cometas terrestres, que eu conheço, que vão a algumas cidades e refulgem por algum tempo, mas não têm força para perturbar os planetas que giram em suas órbitas seguindo o seu curso regular. O poder de um homem não consiste em correr para cá e para lá, como um cometa, e sim, em brilhar constantemente, ano após ano, como uma estrela permanente. Diz o astrônomo Halley: “Se você condensasse um cometa, reduzindo-o à espessura da atmosfera ordinária, não encheria uma polegada quadrada de espaço”. Tão delgado é um cometa, que vocês poderiam olhar através de quase dez mil quilômetros dele, e enxergar quase com tanta facilidade como se ele não estivesse ali. É bom ser transparente, irmãos; porém espero que vocês sejam mais, substanciais do que a

maioria dos cometas de que temos ouvido falar.

Os cometas aparecem com grande regularidade, embora pareçam irregulares. Halley profetizou que o cometa de 1682, do qual pouco se sabia anteriormente, retornaria a intervalos regulares de cerca de setenta e cinco anos. Ele sabia que não viveria para ver o seu reaparecimento, mas expressou a esperança de que, quando ele retornasse, a sua profecia seria lembrada. Vários astrônomos estiveram atentos a isso, e esperavam alcançar o tempo predito, porque, de outro modo, as pessoas ignorantes não acreditariam na astronomia. Mas o cometa voltou no tempo certo; assim a mente deles foi tranqüilizada, e a predição de Halley se confirmou.

Entre as histórias concernentes à observação de cometas, há uma que contém uma ilustração, e também uma lição. “Messier, que tinha adquirido o cognome de “O caçador de cometas”, pelo número que ele descobriu, estava particularmente preocupado na ocasião. De grande simplicidade de caráter, o seu zelo por cometas muitas vezes se manifestava de maneira a mais estranha. Enquanto atendia à sua mulher mortalmente enferma, e estava necessariamente ausente do seu observatório, a descoberta de um deles foi-lhe arrebatada por Montaigne de Limoges. Foi um golpe doloroso. Um visitante começou a oferecer-lhe consolação por seu recente luto, quando Messier, pensando só no cometa, respondeu: “Eu tinha descoberto doze; ah, ter-me roubado o décimo-terceiro aquele Montagne!” Mas, imediatamente caindo em si, exclamou: “*Ah, cette pauvre femme!*” (Ah, essa pobre mulher!) e continuou a prantear a esposa e o cometa ao mesmo tempo”. Evidentemente vivia tanto nos céus, que esqueceu a esposa; e se a ciência às vezes pode levar um homem para longe de todas as aflições desta vida mortal, certamente a nossa vida celestial deve elevar-nos acima de todas as desordens e preocupações que nos afligem.

O retorno de um cometa é muitas vezes anunciado com grande certeza. Apareceu num jornal este parágrafo: “De modo

geral, pode-se considerar razoavelmente que o cometa será visível em toda parte na Europa por volta de fins de agosto, ou no início de setembro seguinte. Será com a maior probabilidade distinguível a olho nu, como uma estrela de primeira grandeza, mas com luz mais opaca do que a de um planeta, e cercado por uma pálida nebulosidade que enfraquecerá ligeiramente o seu esplendor. Na noite de 7 de outubro, o cometa se aproximará da bem conhecida constelação da Ursa Maior; e entre essa data e o dia 11, passará diretamente por entre os sete astros visíveis daquela constelação. Mais para o fim de novembro, o cometa mergulhará entre os raios do sol, e desaparecerá, e não sairá deles, no outro lado, até o final de dezembro. Este prospecto dos movimentos de um corpo, invisível nesse tempo, a milhões de quilômetros de distância, é quase tão definido como os anúncios prévios das viagens de coche entre Londres e Edimburgo. Coloquemos agora as observações oculares ao lado das antecipações da ciência, e veremos que a ciência provou-se quase absolutamente correta”.

Cavalheiros, pensem só nos cálculos que foram necessários, pois, embora um cometa não interfira no curso de um planeta, um planeta interfere muito consideravelmente no curso de um cometa; de forma que, em seus cálculos, os astrônomos tinham que reconstituir a pista pela qual o cometa teria que viajar. Pensando nele como um viajor cansado de viajar, lembramos que ele terá que passar pela fulgente morada de Netuno,* e Netuno por certo lhe dará uma chávena de chá; depois fará longa excursão, até Urano, e pernoitará ali; de manhã, fará breve visita a Saturno, ficando lá para o desjejum; tomará refeição com Júpiter; daí a pouco chegará a Marte, e segua-mente dará um passeio por lá; e se alegrará ao chegar a Vênus, e, claro, será retido pelos seus encantos. Portanto, cavalheiros, verão prontamente que os cálculos quanto ao

*Spurgeon faleceu em 1892. Devido a isso, não há menção do planeta Plutão, descoberto em 1930.

regresso de um cometa são extremamente difíceis, e, contudo, os astrônomos fazem as estimativas do tempo com escrupulosa exatidão. Esta ciência é maravilhosa, não só pelo que revela, mas pelo talento que apresenta e pelas lições que continuamente nos ensina sobre as esplêndidas obras realizadas por nosso grandioso Pai.

Fizemos o que tínhamos que fazer com o sistema solar, e mesmo com aqueles intrusos que vez por outra nos vêm de sistemas muito longínquos, pois um cometa, suponho, só é visto por um mês, ou por uma semana, e depois, às vezes, não reaparece por centenas de anos. Aonde foram eles durante todo esse intervalo? Bem, foram para alguma parte, e servem ao propósito do Deus que os fez, ousou dizer; contudo, de minha parte, eu não gostaria de ser um cometa no sistema de Deus. Gostaria de ter o meu lugar fixo, e de me manter brilhando pelo Senhor ali. Tenho vivido em Londres muitos anos, e tenho visto muitos cometas vindo e indo durante esse tempo. Oh, as grandes luzes que tenho visto passar por perto precipitadamente! Foram-se, desaparecendo nalguma esfera desconhecida, como usualmente acontece com os cometas. Geralmente eu tenho notado que, quando os homens se metem a fazer muito mais que todos os outros, e se mostram estupidamente pomposos nisso, a história deles é descrita com a maior precisão por aquele simples símile, de subir como rojão, e descer como vareta.

Não sei se vocês podem, na imaginação, apoiar-se nas ameias deste pequeno sistema solar, e ver o que há além dele. Não estreitem as suas mentes, cavalheiros, a umas quantas centenas de milhões de quilômetros! Se quiserem achar uma rota longa de verdade, comecem a ver uma estrela. Eu estaria apenas falando coisas sem sentido, se lhes dissesse a distância em que as estrelas estão de nós. Entretanto, há outras, das que conseguimos ver, que estão quase imensuravelmente mais longe. Elas tiveram um trabalho tremendo para enviar-nos um raio de luz de tão vasta distância, para informar-nos que

estão passando muito bem e que, embora estejam a essa distância de nós, ainda se divertem o mais que podem em nossa ausência.

Essas estrelas, quando as pessoas comuns as olham, parecem estar espalhadas pelos céus, como se diz, “de qualquer jeito”. Sempre admiro essa encantadora variedade. E sou agradecido a Deus, porque não colocou as estrelas em linhas retas, como fileiras de luminárias públicas nas ruas. Pensem só, irmãos, como seria se olhássemos para cima, de noite, e víssemos as estrelas arrumadas em fileiras como alfinetes num papel! Louvado seja Deus, não é assim! Ele simplesmente tomou uma mancha de mundos reluzentes, e os esparramou pelo céu, e eles caíram nas mais belas posições, de modo que o povo diz “Lá está a Ursa Maior” ou, como dizem, “Aquele é o Carro de Charles”, e todos os camponeses conhecem o Gancho do Boieiro – vocês não o viram, irmãos? Outros dizem “Aquele é a Virgem, e aquele é o Carneiro, e aquele é o Touro”, e assim por diante.

Acho que a nomenclatura das várias constelações é muito parecida com grande parte da pregação mística que existe hoje em dia. Os pregadores dizem: “Aquele é fulano de tal, e aquele é sicrano”. Bem, talvez seja assim; mas não é como o vejo. Vocês podem imaginar o que quiserem nas constelações dos céus. Eu imaginei uma fortaleza no fogo, e observei a sua edificação, e vi chegarem pequenos soldados e a derrubaram. Vocês podem ver toda e qualquer coisa no fogo, no céu e na Bíblia, se querem fazer a pesquisa desse jeito. Não vêem isso realmente: é apenas uma fantasia da sua imaginação. Não existem touros e ursos nos céus. Pode existir uma virgem, mas ela não deve receber culto como ensinam os romanistas. Suponho que vocês conhecem a Estrela-polar; devem conhecer também as Ponteiiras; elas apontam para a Estrela-polar, e é isso justamente o que devemos fazer – dirigir os pobres escravos do pecado e de satanás para a verdadeira Estrela da liberdade, nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Há depois as Plêiades. Quase todas as pessoas podem dizer-lhes onde elas estão. São um grupo de estrelas aparentemente pequenas, mas brilham intensamente. Elas me ensinam que, se sou muito pequeno, tenho que procurar ser muito brilhante. Se não posso ser como Aldebaran, ou como alguma das mais brilhantes gemas do céu, tenho que ser tão brilhante quanto puder em minha esfera particular, e tenho que ser tão útil ali como se fosse uma estrela de primeira grandeza. Depois, do outro lado do globo, olham para cima para ver o Cruzeiro do Sul. Ouso dizer que um dos nossos irmãos, oriundo da Austrália, lhes dará privadamente uma aula sobre aquela constelação. É belo pensar na cruz como guia do marinheiro; é o melhor guia que se pode ter, deste ou do outro lado dos trópicos.

Junto das estrelas existem vastos corpos luminosos, chamados NEBULOSAS. Em algumas partes dos céus há enormes massas de matéria luminosa; alguns supuseram que era material do qual os mundos foram feitos. Eram as porções de argamassa das quais, conforme a velha teoria ateuística, os mundos se desenvolveram por algum singular processo de evolução. Mas quando Herschel girou o seu telescópio para focalizá-las, logo quebrou o nariz daquela teoria, pois descobriu que essas nebulosas eram simplesmente enormes massas de estrelas, a tantas miríades e mais miríades de quilômetros de distância, que, para a nossa visão, pareciam apenas uma insignificante poeira de luz.

Há muitas coisas maravilhosas para aprender sobre as estrelas, às quais espero que vocês dêem a sua mais ardente atenção, conforme tenham oportunidade. Entre as restantes há este fato, que algumas estrelas cessaram de ser-nos visíveis. Disse Tycho Brahé que, certa ocasião, viu vários aldeões olhando para o céu; e, ao perguntar-lhes por que contemplavam os céus, disseram-lhe que uma nova estrela tinha aparecido subitamente. Brilhou refulgentemente durante uns poucos meses, e depois se desvaneceu. Muitas vezes, um

mundo estrelado parece ter ficado vermelho, como se estivesse em chamas; aparentemente pegou fogo, queimou-se, e então desapareceu. Kepler, escrevendo a respeito desse fenômeno, diz: “O que isso pode pressagiar é difícil determinar; e somente este tanto é certo, que ele vem dizer à humanidade, ou absolutamente nada, ou elevadas e ponderáveis novas, inteiramente além do sentido e do entendimento humanos”. Aludindo às opiniões de alguns, que explicaram o novel objeto com a doutrina epicuréia de uma fortuita combinação de átomos, ele observou, com característica singularidade, posto que com bom senso: “Direi a esses contendores – meus oponentes – não a minha opinião, mas a da minha esposa. Ontem, quando cansado de escrever, minha mente completamente empoeirada pela consideração desses átomos, fui chamado para a ceia, e uma salada que eu encomendara foi posta diante de mim. “Parece, pois”, disse eu alto, “que, se pratos de peltre, com folhas de alface, grãos de sal, gotas d’água, vinagre e óleo, e fatias de ovos, tivessem estado flutuando no ar desde toda a eternidade, poderia afinal suceder, por acaso, que viessem a ser uma salada.” “Sim”, disse a minha mulher, “mas nenhuma tão saborosa ou tão bem enfeitada como esta que lhe preparei.”

Assim devo pensar: e se a fortuita combinação de átomos não pode fazer uma salada, não é muito provável que pudessem fazer um mundo. Uma vez perguntei a um homem que dizia que o mundo era uma fortuita junção de átomos: “Ocorreu-lhe alguma vez ficar sem dinheiro e estar onde não conhecia ninguém que lhe desse um jantar?” “Sim, já me ocorreu”, replicou ele. “Pois bem”, disse eu, “nunca lhe aconteceu que uma fortuita junção de átomos lhe produzisse uma perna de carneiro, com alguns ótimos nabos cozidos, e molho de alcaparra, para o seu jantar?” “Não”, disse ele, “não me aconteceu isso.” “Bem”, respondi, “uma perna de carneiro, em todo caso, ainda que com a inclusão de nabos e molho de alcaparra, é muito mais fácil fazer do que um destes mundos, como Júpiter ou Vênus.”

Diz-nos a Palavra de Deus que uma estrela difere de outra em glória; contudo, uma de pequeno porte pode fornecer-nos mais luz do que uma estrela maior, que esteja muito mais longe. Algumas estrelas são o que se chama de variáveis; numa ocasião parecem maiores do que noutra. Algol, na cabeça de Medusa, é dessa espécie. É-nos dito que “A estrela, na sua condição de maior brilho, parece ser de segunda grandeza, e fica assim cerca de sessenta e duas horas. Daí a sua luz diminui, e tão rapidamente, que em três horas e meia se reduz à quarta grandeza. Ela fica com esse aspecto pouco mais de quinze minutos, depois aumenta, e em três horas e meia reassume a sua aparência anterior”. Receio que muitos de nós sejamos estrelas variáveis. Se às vezes ficarmos obscurecidos, será bom recuperar o nosso brilho tão depressa como o faz Algol.

Depois há milhares de estrelas duplas. Espero que cada um de vocês consiga uma esposa que sempre brilhe junto ao seu lado, e nunca o eclipse, pois uma estrela dupla pode ser muito brilhante em certo período, e às vezes pode ser eclipsada completamente. Existem também estrelas tríplexes, ou sistemas triplos, e sistemas quádruplos, e, em alguns casos, há centenas ou milhares delas, todas entrelaçando-se em torno umas das outras, e em torno dos seus luminares centrais. Maravilhosas combinações de glória e beleza podem-se ver no céu estelar; e algumas dessas estrelas são vermelhas, algumas azuis, algumas amarelas, todas as cores do arco-íris sendo representadas nelas. Seria deveras maravilhoso viver numa delas, e olhar pela amplidão do firmamento e ver todas as glórias dos céus que Deus criou. De modo geral, porém, quanto ao presente, estou muito contente por habitar neste pequeno planeta; especialmente quando não sou capaz de trocá-lo por outro lar, enquanto Deus não o quiser.

Esta terceira e última parte do livro *Lectures to my Students* apresenta ao leitor o ensinamento e sábio conselho do renomado “príncipe dos pregadores” sobre o uso de ilustrações e anedotas no sermão.

Acreditamos que os pregadores atuais serão beneficiados pela leitura destes cinco capítulos ricos em sugestões, historietas e experiências pessoais do famoso pastor do **Metropolitan Tabernacle**.

Um erudito hodierno e autoridade sobre Spurgeon diz deste livro: “Depois da sua grande obra literária *The Treasury of David*, considero *Lições aos meus Alunos* a sua maior contribuição ao mundo cristão”.



PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS

Rua 24 de Maio, 116 – 3º andar – salas 14-17

01041-000 – São Paulo – SP